

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

PAULO AFONSO PINHEIRO

**ANÁLISE DOS CONCEITOS DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CARTILHA DE TURISMO NO
MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA**

POTA GROSSA

2013

PAULO AFONSO PINHEIRO

**ANÁLISE DOS CONCEITOS DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CARTILHA DE TURISMO NO
MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção do título de Bacharel em
Turismo na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Setor De Ciências Sociais e Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza

PONTA GROSSA

2013

PAULO AFONSO PINHEIRO

**ANÁLISE DOS CONCEITOS DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CARTILHA DE TURISMO NO
MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Bacharel em Turismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor De Ciências Sociais e Aplicadas.

Ponta Grossa, 04 de Setembro de 2013.

Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza – Orientador
Doutor em Engenharia de Produção
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Mestra Márcia Maria Dropa
Mestra em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Mestra Larissa Mongruel Martins de Lara
Mestra em Engenharia de Produção
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico este trabalho primeiramente a Deus

Aos meus pais – Dionisio Pinheiro Neto

e Maria Helena da Silva Pinheiro

Irmãos – Claudio Roberto Pinheiro e Carlos Henrique Pinheiro

Amigos – Alexandre Pereira, Camila Lombardi Xavier,

Camilla Moro Piekarski, Delandir Antonio Taufer Fochi,

Fernanda Binotto Uliana e Giuliano Trobia

Professores – Luiz Fernando de Souza, Márcia Maria Dropa

e Larissa Mongrueel Martins de Lara.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar sabedoria e paciência para concluir este trabalho.

A minha família, por me apoiar e me ajudar em todos os momentos da minha vida.

Ao meu professor orientador Luiz Fernando de Souza e demais professores que me auxiliaram na produção desta monografia.

Aos meus amigos e colegas que me acompanharem e apoiaram durante toda a caminhada do curso.

A Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, por me fornecer a autorização que me permitiu o acesso às escolas para a realização das pesquisas, em especial, a senhora Simone Neves e Izolde Hilgemberg.

Aos professores das dezenove escolas entrevistadas que prontamente responderam minhas pesquisas.

Agradecimento especial a Anna Carolina do Carmo Castro por ajudar na formatação do trabalho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

“Talvez não tenha conseguido fazer o meu melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

RESUMO

A multidisciplinaridade do turismo permite que os conhecimentos da atividade possam ser utilizados pelos demais sistemas da sociedade, como o educacional. O turismo como ferramenta de ensino para a aprendizagem de crianças favorece a compreensão da mesma em relação aos conteúdos abordados em sala. As didáticas pedagógicas de ensino utilizam-se de diversos meios para que os alunos sintam-se atraídos e sensibilizados frente a importância dos conhecimentos repassados. As técnicas criadas pelos teóricos da pedagogia colocam a criança frente ao plano pedagógico escolar. O turismo pedagógico reunindo seu desdobramento teórico e prático é capaz de cumprir com as finalidades propostas por estas técnicas. Como uma técnica impressa de material diferenciado, a cartilha de turismo atua como um atrativo para as crianças, despertando a vontade e imaginação de conhecer as imagens ilustradas em suas páginas. Uma análise de como os conteúdos da cartilha são repassados, de como o treinamento ofertado para aplicação da mesma foi aceito pelos professores e demais assuntos que envolvam o turismo dentro e fora da sala de aula, serão analisados no presente trabalho, visando justificar o uso do capital humano e financeiro investidos pelo programa de qualificação profissional e social do setor turístico do município de Ponta Grossa.

Palavras-chave: multidisciplinaridade, turismo, pedagogia.

ABSTRACT

The tourism's multidisciplinary allows the activity's knowledge could be used by other society's systems, such as education. Tourism as a teaching tool for children's learning promotes understanding of them in relation to the content covered in class. The didactic pedagogical education uses many means to the students feel attraction and sensitized by the importance of the knowledge transferred. The techniques created by theorists of pedagogy put the child front to pedagogical school plan. When pedagogical tourism gathers its unfolding theoretical and practical, is able to fulfill the purposes proposed by these techniques. As a technique of differentiated material printed, the tourism's hornbook serves as a attraction for children, awakening the desire and imagination to know the images shown on your pages. An analysis of how the hornbook's contents are passed, how the training offered to the same application was accepted by teachers and other matters involving tourism inside and outside the classroom, will be analyzed in this paper, in order to justify the use of human and financial capital invested by professional and social training program's tourism sector in Ponta Grossa City.

Keywords: multidisciplinary, tourism, pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	–	Cronologia dos fatores que influenciaram no desenvolvimento do turismo.....	18
FIGURA 2	–	Criação do conhecimento em turismo na visão de Jhon Tribe.....	20
FIGURA 3	–	O estudo multidisciplinar do Turismo.....	22
QUADRO 1	–	Ciclos de aprendizagem do ensino fundamental.....	39
MAPA 1	–	Distribuição espacial das escolas pesquisadas.....	76

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	–	Segmentação do Mercado Turístico.....	24
TABELA 2	–	Língua Portuguesa 1º Ciclo ¹	44
TABELA 3	–	Língua Portuguesa 2º Ciclo.....	45
TABELA 4	–	Língua Estrangeira 1º e 2º Ciclos.....	46
TABELA 5	–	Ciências sociais – Geografia 1º Ciclo.....	47
TABELA 6	–	Ciências Sociais – Geografia 2º Ciclo.....	48
TABELA 7	–	Ciências Sociais – História 1º Ciclo.....	49
TABELA 8	–	Ciências Sociais – História 2º Ciclo.....	50
TABELA 9	–	Ciências Naturais 1º Ciclo.....	51
TABELA 10	–	Ciências Naturais 2º Ciclo.....	52
TABELA 11	–	Matemática 1º Ciclo.....	54
TABELA 12	–	Matemática 2º Ciclo.....	55
TABELA 13	–	Arte – Educação Artística 1º e 2º Ciclos.....	56
TABELA 14	–	Educação Física 1º Ciclo.....	58
TABELA 15	–	Educação Física 2º Ciclo.....	58
TABELA 16	–	Ensino Religioso 1º e 2º Ciclos.....	60
TABELA 17	–	Escolas Pesquisadas.....	75

¹ As tabelas de número 2 a 16 são referentes aos Conteúdos Curriculares presentes no Ensino Fundamental que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –	Professores que utilizam a Cartilha de Turismo.....	77
GRÁFICO 2 –	Professores que não utilizam a Cartilha de Turismo.....	78
GRÁFICO 3 –	Professores que utilizam outro material para a abordagem do turismo em sala.....	78
GRÁFICO 4 –	Materiais didáticos utilizados pelos professores em sala para a abordagem do turismo.....	79
GRÁFICO 5 –	Professores que receberam a capacitação para o uso da cartilha.....	80
GRÁFICO 6 –	Professores que receberam a capacitação e a consideraram suficiente ou insuficiente.....	80
GRÁFICO 7 –	Atividades/ações para tornar a capacitação suficiente.....	81
GRÁFICO 8 –	Professores que participaram de outro treinamento e/ou capacitações.....	81
GRÁFICO 9 –	Treinamentos e capacitações apontados pelos professores.....	82
GRÁFICO 10 –	Dificuldade em aplicar a cartilha e outros materiais que abordem o turismo em sala.....	83
GRÁFICO 11 –	Dificuldades apontadas pelos professores.....	83
GRÁFICO 12 –	Proposta de reedição da Cartilha de Turismo.....	84
GRÁFICO 13 –	Reedição com ou sem alterações.....	84
GRÁFICO 14 –	Alterações apontadas pelos professores.....	85
GRÁFICO 15 –	Escolas que possuem exemplares da Cartilha de Turismo.....	87
GRÁFICO 16 –	Quantidade de exemplares da Cartilha de Turismo.....	88

GRÁFICO 17 –	Suficiência ou insuficiência da quantidade de Cartilhas de Turismo.....	88
GRÁFICO 18 –	Motivos da insuficiência de quantidade de Cartilhas.....	89
GRÁFICO 19 –	Motivos pelos quais a escola não possui exemplares da Cartilha.....	90
GRÁFICO 20 –	Aceitação da Cartilha pelos alunos.....	90
GRÁFICO 21 –	Justificativas da boa aceitação da Cartilha.....	91
GRÁFICO 22 –	Justificativas da ótima aceitação da Cartilha.....	92
GRÁFICO 23 –	Suficiência do material contido na Cartilha.....	93
GRÁFICO 24 –	Escolas que buscam outros materiais para a abordagem do turismo em sala.....	93
GRÁFICO 25 –	Materiais didáticos utilizados pela escola para a abordagem do turismo em sala.....	94
GRÁFICO 26 –	Proposta da reedição da Cartilha para as escolas.....	94
GRÁFICO 27 –	Motivos para a reedição da Cartilha.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – TURISMO.....	16
1.1. TURISMO.....	16
1.2. A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO TEÓRICO DO TURISMO.....	19
1.3. O SISTEMA DO TURISMO – SISTUR.....	21
1.4. TURISMO – SEGMENTAÇÃO DE MERCADO.....	23
1.5. TURISMO PEDAGÓGICO.....	25
CAPÍTULO 2 – TURISMO E PEDAGOGIA.....	28
2.1. PEDAGOGIA TRADICIONAL E PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA.....	28
2.2. PENSADORES DA PEDAGOGIA E SUAS INFLUÊNCIAS NO TURISMO PEDAGÓGICO.....	29
2.3. CÉLESTIN FREINET E A ESCOLA MODERNA.....	35
2.4. CARTILHA DE TURISMO.....	37
2.5. DIRETRIZES CURRICULARES – ENSINO FUNDAMENTAL, PONTA GROSSA – PARANÁ.....	38
2.6. VERTICALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS.....	42
2.7. CONTEÚDOS CURRICULARES.....	43
2.8. A FORMAÇÃO DOS DOCENTES.....	62
2.9. SENSIBILIZAÇÃO.....	63
2.10. MOBILIZAÇÃO.....	66
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	70
3.1. O TURISMO PEDAGÓGICO NAS DISCIPLINAS.....	70
3.2. ANÁLISE DAS PESQUISAS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS.....	74
3.3. QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO – DOCENTES.....	77
3.4. QUESTIONÁRIO QUALITATIVO – ESCOLAS.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICES.....	104
ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

Como uma das atividades que mais cresce no mercado nacional e global, o turismo, inserido no setor de prestação de serviços é uma das atividades promissoras que gera desenvolvimento e renda.

Contudo, o desenvolvimento traz consigo os impactos socioculturais, ambientais e econômicos da atividade turística, que para atender as necessidades e desejos do consumidor, acaba por vezes, consumindo sem equilíbrio os recursos do ambiente. Apenas o fato do deslocamento do cliente até o atrativo, bem ou serviço a ser consumido, produz impactos.

O planejamento para a minimização desses impactos é um fator que vem sendo discutido no contexto mundial. Como uma medida de prevenção dos danos que o turismo pode acarretar, a educação das crianças que futuramente serão nossos governantes e consumidores ativos da sociedade, é uma das alternativas para que estes impactos possam vir a ser evitados.

Esta educação não seria uma educação turística, mas sim, uma educação a partir do turismo, uma vez que o conhecimento da atividade turística é produzido pelo estudo de outras ciências, as quais constituem o seu embasamento teórico. O turismo não pode ser considerado uma ciência devido a sua complexidade e dinamismo. O fenômeno turístico, portanto, é analisado como um sistema, no qual a união e interação de todas as partes atingem um objetivo comum.

Sendo assim, o presente trabalho visa por meio da visão Inter e multidisciplinar da atividade turística, analisar o uso da Cartilha de Turismo de Ponta Grossa, parte integrante de um programa de qualificação profissional em parceria com o Ministério do Turismo no ano de 2007, como ferramenta de ensino em sala de aula. A análise conduzirá ao resultado de como a cartilha foi aceita e se ainda é utilizada pelas escolas municipais da cidade, dando retorno ao capital financeiro e humano investido para a elaboração da mesma.

A realização de uma pesquisa documental a alguns documentos da Secretaria Municipal de Educação foi necessária para que se conhecesse o número de escolas municipais, número de professores e outras informações, para que o

trabalho pudesse ser realizado de maneira precisa e condizente com a atual situação da rede municipal de ensino.

Para tanto, com a finalidade de atingir os objetivos propostos, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, é abordada a história do turismo, remetendo-se as pressupostos da atividade; Como o conhecimento turístico é produzido; A compreensão do fenômeno turístico como um sistema; A segmentação do mercado turístico e o turismo pedagógico como uma de suas modalidades. Os temas abordados no capítulo fornecem a base para a compreensão do turismo, fazendo uma ligação com a educação, tema norteador deste trabalho.

O segundo capítulo, busca verificar a possibilidade de um turismo pedagógico no ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Ponta Grossa, interligando o turismo pedagógico as questões didáticas da pedagogia e aos pensamentos de seus principais autores, dando destaque para Freinet e suas técnicas, as quais são utilizadas atualmente por muitas escolas.

Ainda no segundo capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, pode-se analisar as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental da cidade, retirando das mesmas, os conteúdos curriculares que podem ser trabalhados com o auxílio do turismo pedagógico, sensibilizando e mobilizando a ideia do turismo como ferramenta de ensino. Uma educação integrando as demais disciplinas ao turismo facilita a aprendizagem das crianças e é algo importante para que as futuras gerações conservem e preservem os patrimônios culturais e naturais da cidade.

O terceiro capítulo faz a análise do turismo pedagógico inserido nas disciplinas do currículo do ensino fundamental da cidade e aponta em gráficos, os resultados obtidos por meio da realização de pesquisas qualitativas e quantitativas sobre a opinião das escolas e professores a respeito da cartilha e sua utilização em sala.

A fundamentação do trabalho se deu na investigação teórica sobre os temas abordados nos capítulos, os quais forneceram base para o seu entendimento. Outras fontes de pesquisa utilizadas foram reuniões e entrevistas com funcionários da Secretaria Municipal de Educação e escritores da Cartilha de Turismo para fim de coleta de dados e esclarecimento de dúvidas, além, da internet.

CAPÍTULO 1 - TURISMO

1.1 TURISMO

O turismo, inserido no setor de prestação de serviços, vem sendo uma das atividades que mais geram divisas dentro do mercado global. O aumento da procura por produtos turísticos pode ser observado pela expansão do número de empreendimentos pertencentes à atividade. Colocado por muitos autores como um “fenômeno turístico”, devido a sua associação com os demais setores da economia e multidisciplinaridade com várias áreas do conhecimento, a atividade turística possui como base o deslocamento, que, conforme Moreira (2011, p. 19) apud OMT (2003),

[...] define o turismo como sendo uma atividade de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por não mais de um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos. Caracteriza-se por ser um fenômeno socioeconômico e cultural, pois envolve o contato com pessoas e com culturas diferentes.

A questão do deslocamento sempre esteve presente na história da sociedade, o homem, levado por motivos diversos, tinha que se deslocar, seja para a caça de alimento na pré-história, troca de mercadorias na idade média ou negócios como nos dias atuais. Contudo, a atividade turística se consolidou tal como é a partir do momento que a população conquistou o tempo livre na Revolução Industrial.

A exploração de carga horária de trabalho no século XVIII fez com que a classe dos trabalhadores se manifestasse contra as indústrias, reivindicando uma menor carga horária de trabalho – de 16 horas diárias para 8 horas diárias de trabalho, além de, um aumento salarial. Sendo atendidas as propostas dos trabalhadores, o turismo atinge uma nova classe social de consumidores, pois, até então, apenas as classes nobres da sociedade costumavam viajar em seu tempo livre.

Em seu tempo livre, cada pessoa buscava atividades que lhe proporcionassem prazer, tornando o tempo livre em lazer. Neste momento, uma das opções de lazer eram viagens de curta distância, principalmente para as áreas litorâneas, uma vez que a classe de trabalhadores não possuía poder aquisitivo

suficiente para realizar viagens longas e usufruir dos bens e serviços que esta poderia oferecer.

Para uma melhor compreensão do turismo na história, uma cronologia foi elaborada, nela são apresentados fatores que influenciaram o desenvolvimento da atividade turística, desde o ano 4.000 A.C. até recentemente.

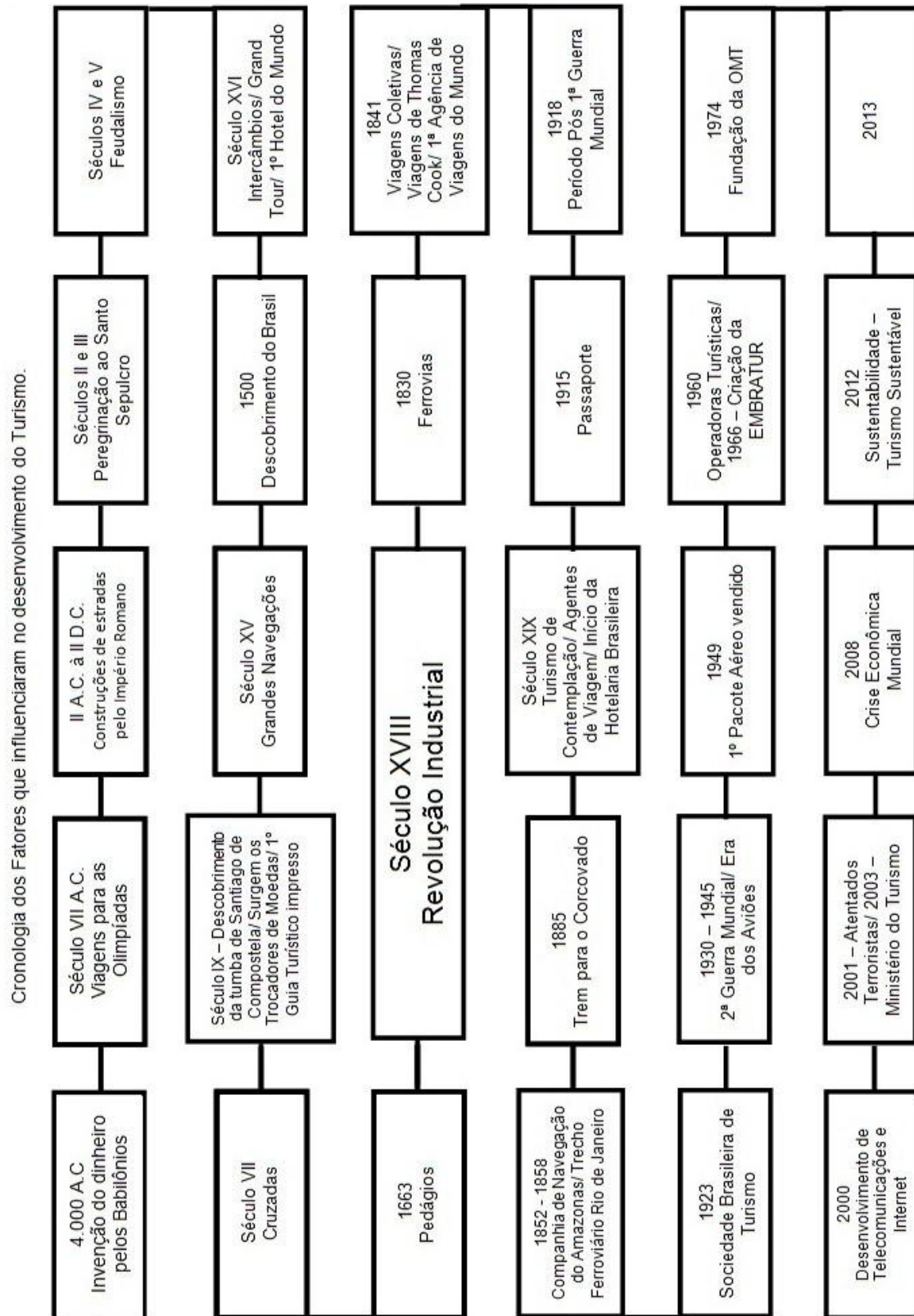
Cada fato com suas respectivas datas fazem parte da história da sociedade e do turismo, ainda que a atividade turística seja alicerçada somente após a Revolução Industrial.

Durante todas as épocas a evidência do deslocamento se fazia presente, assim como a criação das primeiras prospecções de hotel, agências, taxas, meios de transporte, organizações regulamentadoras da atividade, entre outros.

A educação em forma de respeito para com os atrativos e seus significados, era parte componente do que mais tarde tornar-se-ia uma segmentação da atividade turística, o Turismo Pedagógico. Mesmo com a adesão das novas tecnologias para reservas e demais vendas de bens e serviços turísticos, a atividade caracteriza-se por pessoas trabalhando para pessoas, o que torna o fenômeno influenciável pela ação do homem e da natureza, já que o mesmo influencia e é influenciado pelo meio onde se encontra.

Logo, a atividade turística torna-se vulnerável a atentados, aquecimento global e demais agentes internos e externos que afetam direta ou indiretamente na atividade, seja pela degradação do atrativo turístico, principal componente do produto turístico, seja pela falta de demanda causada por esses fatores.

Figura 1 - Cronologia dos fatores que influenciaram no desenvolvimento do turismo



Fonte: O autor. ²

² Ignarra (1999); Oliveira (2002) e Barreto (2003) foram os embasamentos teóricos para a confecção desta figura.

1.2 A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO TEÓRICO DO TURISMO

A argumentação a respeito de o turismo ser ou não uma ciência é ainda uma questão em estudo por profissionais ligados ou não a área. Por ser uma atividade em frequente mudança, o turismo é considerado uma Epistemologia, que conforme Lohmann e Netto (2008, p. 19)

Teoria do conhecimento e gnosiologia são sinônimos de epistemologia. Sua raiz etimológica está no grego, onde *gnosis* é conhecimento e ciência, e *logia* é discurso e estudo ordenado. Portanto, resumidamente, epistemologia é o estudo do conhecimento.

O conhecimento teórico do turismo consiste então no estudo do conhecimento das ciências que afetam direta e indiretamente a atividade, como economia, geografia, sociologia. O turismo busca nos alicerces das ciências consolidadas, os fundamentos para que determinado assunto seja justificado (LOHMANN; NETTO, 2008, p. 19).

A validação de um conhecimento, seguindo o critério da falseabilidade de Karl Popper (LOHMANN; NETTO, 2008, p. 20 apud PROPPER 2003), seria o da passividade empírica do mesmo, ou seja, um conhecimento só se torna válido se pode ser colocado em prática. No turismo, pode-se observar o empirismo do conhecimento na prestação de serviços que a atividade oferece ao cliente.

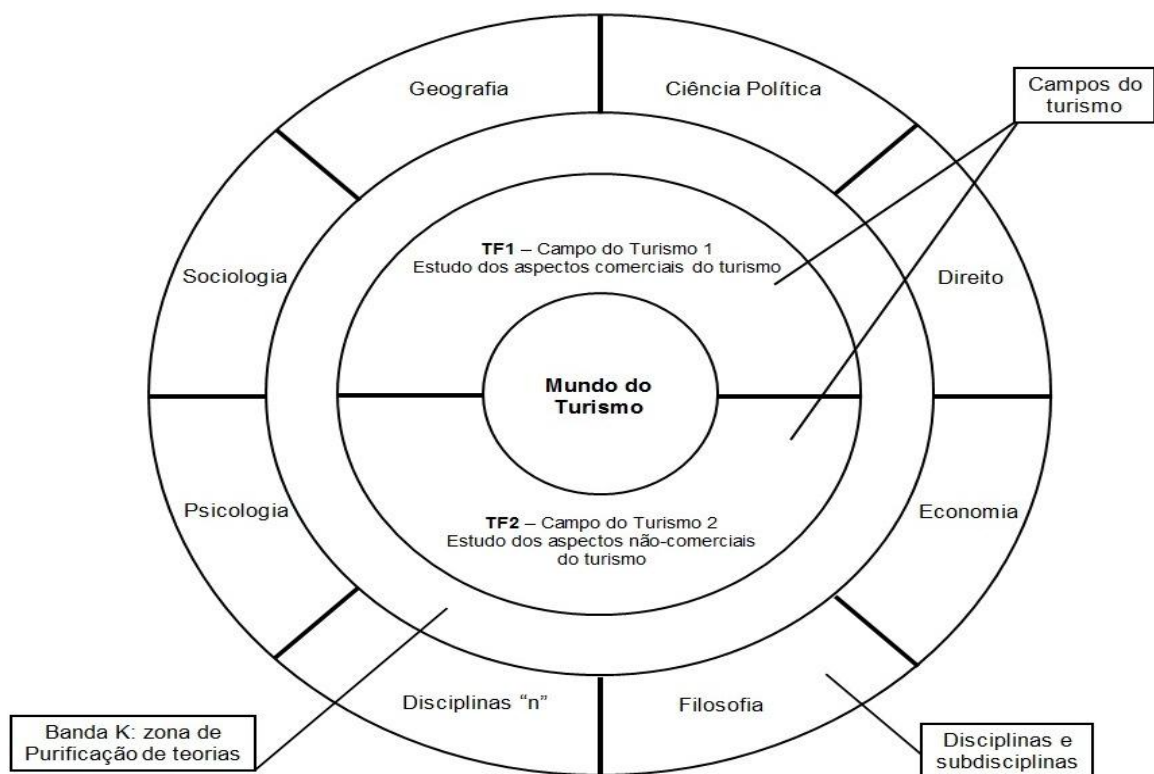
O que permite ampliar o conhecimento e conhecer novos horizontes é a quebra de paradigma. De acordo com Lohmann e Netto (2008, p. 21) apud Khun (2001), paradigmas são “os valores, as crenças e os métodos que uma comunidade científica partilha”. A compreensão de que os mais diversos conhecimentos podem influenciar de alguma forma a atividade turística é umas das questões que tornam o turismo dinâmico, não podendo ser considerado então uma ciência.

John Tribe (1997) desenvolveu um modelo para explicar o desenvolvimento do conhecimento em turismo. A figura 2 apresenta a criação do conhecimento em turismo conforme na visão de Tribe. A figura é dividida em quatro círculos. O 1º identifica o turismo como fator central da formação do conhecimento – Mundo do Turismo. O 2º círculo divide o turismo em dois campos: Campo do Turismo 1 (CT1) e Campo do Turismo 2 (CT2). Para Tribe (1997), o conhecimento do turismo não se dá apenas por meio da academia, mas, também pelo conhecimento prático dos

empreendimentos turísticos, como hotéis e agências de viagens. Logo, o CT1 refere-se ao conhecimento formulado pelo trade de turismo, correspondendo ao estudo dos aspectos comerciais da atividade e o CT2, corresponde aos estudos não comerciais da atividade, os quais precisam de embasamento teórico para a sua fundamentação.

No círculo de fora, o 4º círculo, são apresentadas as disciplinas que irão compor o conhecimento do turismo. A “Banda K” 3º círculo, é onde ocorre a “purificação de teorias”, é nesta etapa que os conteúdos das ciências são filtrados e aquilo que for significativo para o turismo, seja em sua visão comercial ou acadêmica, é absorvido para formulação do conhecimento. “Por exemplo, o conceito de capacidade de carga emerge de uma combinação de disciplinas que incluem Sociologia, Economia e Biologia” (LOHMANN; NETTO, 2008, p. 22, apud TRIBE, 2004, p. 46-62).

Figura 2 - Criação do conhecimento em turismo na visão de John Tribe



Fonte: Lohmann e Netto, adaptado de Tribe (1997).

Assim, em uma educação a partir do turismo, o ensino e a aprendizagem podem se tornar mais eficazes, uma vez que as matérias-base aprendidas na escola são as mesmas que compõem o conhecimento em turismo, obedecendo

logicamente uma questão cronológica dos assuntos, conforme a idade dos educandos – no caso as crianças.

1.3 O SISTEMA DO TURISMO – SISTUR

Visto que o conhecimento em turismo é formado por diversas ciências que o compõem, para compreender o fenômeno turístico é necessário se ter uma visão sistêmica sobre a atividade. O alemão Ludwing Von Bertalanffy (1901-1972) foi, de acordo com Lohmann e Netto (2008, p. 26), um dos principais criadores da teoria geral dos sistemas, escrevendo em 1973 o Livro: Teoria geral dos sistemas, o qual mudaria a ótica de ver e entender determinados assuntos. Sistema, conforme Beni (2007, pg. 23), pode ser definido como:

[...] um conjunto de partes que interage de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios, logicamente ordenados e coesos, com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo.

A inter-relação das partes em um sistema faz com que os objetivos pelos quais o sistema foi organizado sejam alcançados. Um sistema pode ser estudado individualmente, analisando separadamente as partes que o compõem, ou, holisticamente, observando o resultado da interação de suas partes – sendo analisado como um todo se pode saber o valor de algumas partes do sistema que até então não tinham significados. Para ser completo e cumprir suas funções, um sistema deve ser composto por:

Meio ambiente (local em que o sistema se encontra); unidades (as partes do sistema); relações (entre as unidades do sistema); atributos (qualidades das unidades e do próprio sistema) *input* (o que entra no sistema); *output* (o que sai do sistema); *feedback* (o controle do sistema para mantê-lo funcionando corretamente); modelo (um desenho do sistema para facilitar a sua compreensão). (LOHMANN e NETTO, 2008, pg. 26-27).

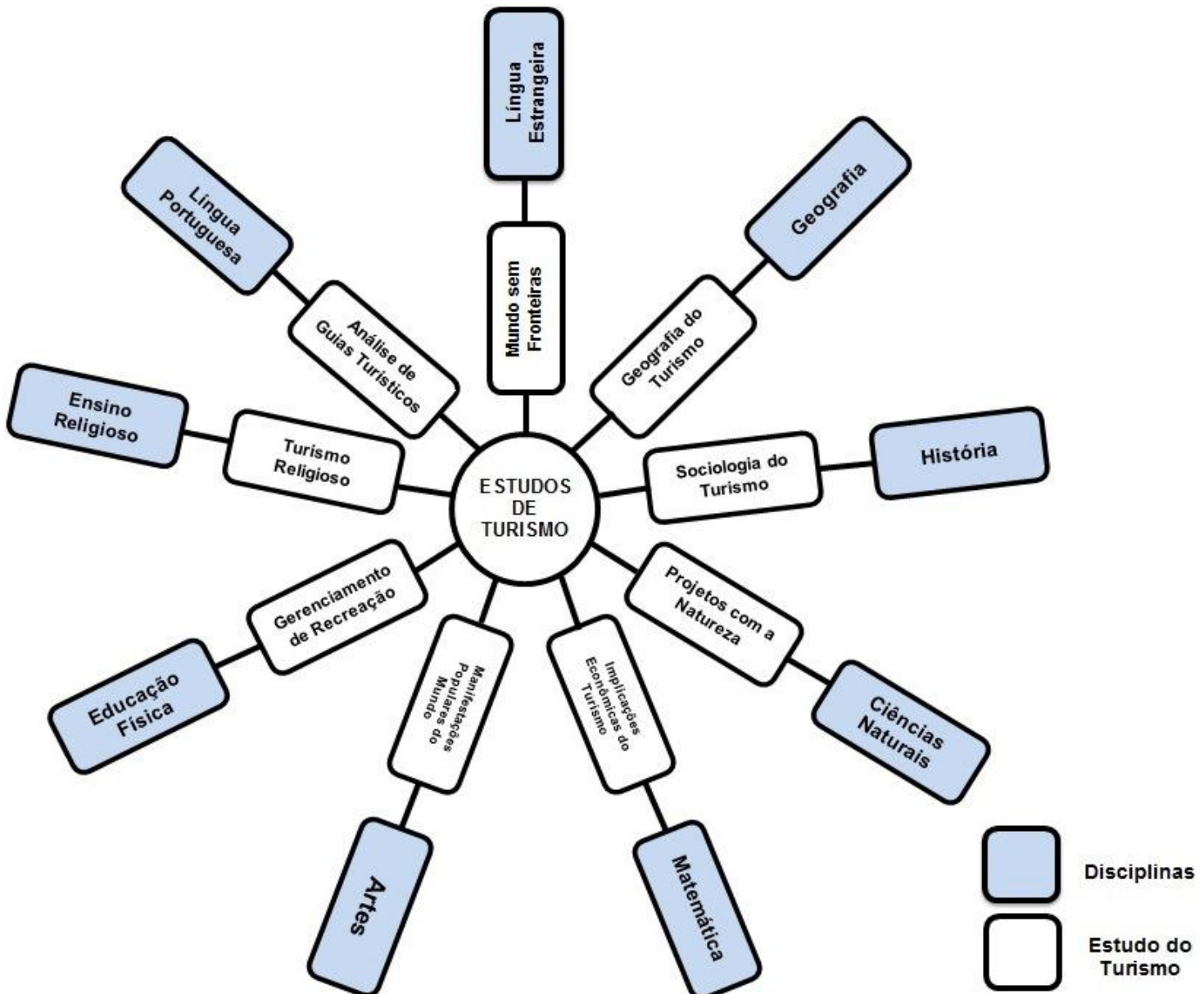
O sistema do turismo, concordando com Boullón (2002, pg. 37), pode ser explicado de várias maneiras e sobre perspectivas diferentes, porém, o sistema é um só. Com objetivo de obter um entendimento mais claro do turismo no ensino fundamental e então fazer a análise do uso da cartilha de turismo no município de Ponta Grossa, realizou-se um estudo do turismo com uma visão multidisciplinar da atividade.

Em sua visão multidisciplinar, o turismo enquadra-se como um subsistema do sistema social, o qual busca, conforme Beni (2007, pg. 77) novos meios de explicar

e conhecer a sociedade, frente às constantes mudanças que sofre, sendo influenciado por fatores culturais, econômicos, políticos, religiosos, entre outros.

Adaptar alguns conteúdos do curriculum da rede municipal de ensino da cidade poderia como exemplifica a figura 3, utilizar o modelo de sistema multidisciplinar e interdisciplinar do turismo, integrando as demais disciplinas e seus conteúdos base no ensino-aprendizagem das crianças.

Figura 3 - O estudo multidisciplinar do turismo



Fonte: Adaptado de Dias (2006).

As disciplinas colocadas na figura são as disciplinas presentes na grade curricular do ensino fundamental. Logicamente, os estudos do turismo sugeridos na

figura, seriam ajustados conforme o contexto e realidade que se encontram a escola e a criança.

1.4 TURISMO – SEGMENTAÇÃO DE MERCADO

O turismo hoje se dá por meio de várias atividades que trazem desenvolvimento e renda. O planejamento do mercado turístico deve ser visto como a principal ferramenta de transformação é nele que são analisados todos os fatores da cadeia produtiva do turismo, as influências que o setor sofre, assim como, a legislação e políticas públicas necessárias para o seu funcionamento.

Para atender as tendências, exigências, necessidades e desejos do mercado e público consumidor, que cada vez está mais exigente, informado e disposto a pagar pelo preço estipulado por um produto, contanto que receba o valor atribuído pelo bem e/ou serviço ofertado, como afirma a revista HSMManagement em notícia publicada na edição de janeiro-fevereiro de 2012, intitulada: “Quando os clientes preferem valor a preço.” (disponível em: <<http://www.hsmmanagement.com.br>>). Acesso em 03 jul. 2013), o mercado do turismo segmentou-se em várias modalidades para melhor atender este novo perfil da demanda.

Para Churchill & Peter (2000, p. 205), “Segmentação de mercado é dividir um mercado em grupos de compradores potenciais que tenham semelhantes necessidades e desejos, percepções de valores ou comportamentos de compra.” A segmentação dentro do mercado turístico, difere-se dos demais setores da economia devido aos produtos que o turismo oferta no mercado.

Ansarah (1999, p. 26), faz uma comparação entre os produtos gerais e os produtos turísticos, onde se pode observar a intangibilidade, o dinamismo – não pode ser estocado, o deslocamento do consumidor até o produto (pois o mesmo é imóvel), sua sujeição à sazonalidade – determinados períodos do ano marcados pelo aumento ou diminuição da demanda, durante a alta e baixa temporada – entre outros fatores que afetam diretamente na segmentação da atividade.

O cliente é a base dos dados para que se possa segmentar o mercado. Pimenta & Richers (1991, p. 18) elaboraram formas de segmentar o mercado,

apresentando modalidades e critérios para que o cliente se enquadre em determinada segmentação. São essas modalidades:

- Geográfica;
- Demográfica;
- Socioeconômica;
- Padrões de Consumo;
- Benefícios Percebidos;
- Estilo de Vida;
- Personalidade;
- Caracterização econômica.

Fonte: Adaptado de Pimenta & Richers (1991, p. 18).

Ignarra (1999), baseado nesta e em outras formas de segmentar o mercado turístico, identifica alguns segmentos do turismo, nomeando-os conforme o critério de segmentação:

TABELA 1 – Segmentação de Mercado – Segmentos do Turismo definidos a partir de critérios de seleção pré-estabelecidos

Segmentação do Mercado Turístico	
Crítérios de Segmentação	Segmentos
Idade	Turismo da Terceira Idade
Nível de Renda	Turismo de Luxo
Meio de Transporte	Turismo Aéreo
Duração da Permanência	Turismo de Média Duração
Distância do Mercado Consumidor	Turismo Local
Tipo de Grupo	Turismo de Famílias
Sentido do Fluxo Turístico	Turismo Emissivo ou Receptivo
Condição Geográfica da Destinação Turística	Turismo de Praia
Aspecto Cultural	Turismo Religioso
Grau de Urbanização da Destinação Turística	Turismo Rural
Motivação da Viagem	Turismo Educacional

Fonte: Adaptado de Ignarra (1991, p. 80-81).

Baseado na distância do mercado consumidor colocado por Ignarra, o presente trabalho utiliza a definição de turismo local do autor: “[...] quando o turismo ocorre entre municípios vizinhos.” (IGNARRA, 1999, p. 26), trazendo esta definição ao contexto do Turismo Pedagógico na cidade de Ponta Grossa – PR, visto que

pode se considerar que os alunos visitariam e conheceriam os atrativos da localidade.

O tema de discussão deste trabalho se enquadra no critério de segmentação: “Motivação da Viagem” constituindo como segmento o “Turismo Educacional”, o qual engloba os mais variados aspectos da junção entre a educação e a atividade turística, que quando bem planejados geram resultados positivos para ambas as partes. Dentro dessa junção encontra-se o Turismo Pedagógico.

1.5 TURISMO PEDAGÓGICO

O conhecimento das necessidades e desejos das pessoas que compram bens e serviços faz com que a atividade turística, divida-se em inúmeras maneiras para suprir aquilo que o consumidor busca ao adquirir um produto: conforto e segurança. Conforme Rejowski e Costa (2003, p. 222-223) o “fruto das mais diversas ordens e movimentos sociais, as novas modalidades de turismo refletem a dinâmica do mundo moderno, criando e modificando espaços e conceitos.” A segmentação tem sido o processo que aproxima os clientes dos prestadores de serviços, a informação passa a ser um bem valiosíssimo nas mãos dos empresários e trabalhadores do terceiro setor.

A contextualização da realidade faz com que novos segmentos e conceitos sejam elaborados para atenderem os mais variados tipos de demanda que surgem no mercado. Comprovando então, historicamente, algumas das segmentações do turismo como o Ecoturismo, que surgiu em meados de 1980 devido às preocupações com causas ambientais e sustentabilidade do planeta, bem como, a adequação das romarias que visitam lugares que transmitem a fé, passou a se chamar turismo religioso. A atividade turística, quando analisada por seu enfoque social, recebe todos os reflexos do contexto vivido, adequando-se e ao fato causador de mudanças ou tendências.

Tanto nos empreendimentos turísticos, como em qualquer outra forma de empreendimento, que tem por objetivos gerar resultados e movimentar a entrada e saídas de divisas, a competitividade de mercado estará sempre presente. Na rede

de ensino, tendo como caso prático o Brasil, a competitividade acontece entre o público com o público e o privado com o privado.

Por mais distintas que sejam as formas de aprendizado e estrutura entre as escolas públicas e privadas, os conteúdos abordados são os mesmos, indiferente da competição de classes existentes na educação, a história da sociedade não pode ser alterada, assim como os cálculos matemáticos e equações químicas.

Neste cenário, o turismo viu uma grande possibilidade de fazer a ligação entre a teoria e a prática, fazendo surgir assim, uma nova modalidade de segmentação da atividade, o Turismo Pedagógico, segundo as próprias ideias de Rejowski e Costa (2003, p. 223) transmitiria o conhecimento de forma formal, a partir da curiosidade e satisfação da visita a novos lugares.

O segmento não pode ser considerado novo no mercado, contudo, históricos da sua concepção são recentes na esfera do turismo, o aprendizado por meio de viagens e atividades afins, é realizado desde os primórdios da sociedade, porém, a visão exclusivamente escolar da atividade, é um tema novo. Algumas definições de turismo pedagógico:

Spínola da Hora (2001, p. 58):

Ao contrário das atividades convencionais de Turismo, o Pedagógico tende a ocorrer no período letivo, e não nas férias. Isso confere a atividade um característica bastante peculiar, que pode ser chamada de 'sazonalidade invertida'.

Andriolo e Faustino (1999, p.165): “[...] modalidade de turismo que serve às escolas em suas atividades educativas.”

Para o desenvolvimento de tal modalidade do turismo, o mesmo deve estar ligado ao ensino. A pedagogia, constituída por seus processos e técnicas para alcançar a educação (REJOWSKI; COSTA, 2003, p. 224), busca no turismo novas maneiras de maximizar o aprendizado dos alunos, utilizando alguns dos elementos turísticos para a concretização de seus objetivos, principalmente a viagem/ passeio.

O turismo pedagógico, além de ser uma forma de ensino propriamente dita, visa estimular a criação de um “olhar turístico” ou “olhar de turista” nas pessoas. O segmento entende que os atrativos, sejam naturais, edificados ou artificiais, não são exclusivamente para os turistas, o residente pode e deve conhecer e fazer parte de

determinado atrativo, como algo presente em sua história. Entretanto, analisando o turismo com seu enfoque econômico, a busca pela lucratividade torna-se indispensável.

A conversão do olhar de um estudante para o olhar de um turista é um processo no qual a informação se une à animação presente nos lugares visitados, e a fantasia se torna realizada. A partir daí, os ensinamentos baseiam-se em conhecer a história do atrativo, analisar a distância entre ele e a escola, perceber o tipo de clima e relevo, descobrir formas geométricas presentes na estrutura do lugar, dentre outras assuntos abordados em sala que se fizerem presentes.

CAPÍTULO 2 – TURISMO E PEDAGOGIA

2.1 PEDAGOGIA TRADICIONAL E PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

A pedagogia, caracterizada por ser o estudo da teoria e da prática das questões educacionais, sofreu e sofre adaptações desde a sua concepção como ciência, prova disto, são alguns de seus principais pensadores que serão citados ao longo deste capítulo.

A pedagogia organiza-se em torno dos saberes que se constroem na ação situada em articulação com as concepções teóricas e com as crenças e os valores. A pedagogia é, portanto, um “espaço ambíguo” já não de um-entre-dois, a teoria e a prática, como alguns disseram (Houssaye et al., 2002), mas antes um-entre-três, as ações, as teorias e as crenças, em uma triangulação interativa e constantemente renovada.” (OLIVEIRA et al., 2007, p.14).

Esta renovação, o dar espaço para o novo faz com que as técnicas pedagógicas readaptem-se ao atual contexto social. Nesta evolução de uma pedagogia tradicional para uma pedagogia contemporânea, nota-se uma liberdade e flexibilidade, que possibilita colocar o educando como o centro da educação, buscando novas vias para que isso de fato ocorra. A didática de como os conteúdos são planejados e executados é o que difere estes dois modelos de pedagogia.

Na pedagogia tradicional não há a abertura para novas possibilidades de transmissão do conhecimento, o aluno deve se adequar ao contexto dos conteúdos e manter a hierarquia da relação professor-aluno, constituindo-se um agente passivo daquilo que está aprendendo e vivenciando. Ao contrário disto, a pedagogia contemporânea, baseia-se na participação, fazendo com que o educando seja o sujeito de suas ações, trazendo para dentro da sala de aula os contextos de vida de cada criança, formando uma educação teórica contextualizadora e não contextualizada, o que promove a interdependência e a interatividade da relação do aluno com o seu contexto de vida social e educacional, sempre por meio dos ensinamentos, ora vindos do convívio familiar e social – pai e mãe, comunidade; e do convívio escolar – professor, colegas, amigos.

A busca por uma pedagogia da participação é um assunto que vêm sendo estudado tanto por profissionais da educação quanto por profissionais da saúde, principalmente psicólogos. Esta transição de pedagogia tradicional para contemporânea é resultado dos fatores financeiros, ambientais, culturais e sociais

advindos da globalização, que afetam mesmo que indiretamente todos os setores da sociedade.

O turismo pedagógico como parte de seus objetivos, alia a vivência prática dos conteúdos aprendidos em sala, fazendo uma contextualização para a realidade de cada criança, familiarizando os conteúdos com o seu cotidiano, permitindo uma maior adesão do processo ensino-aprendizado trabalhado nas escolas. Conforme Oliveira et al. (2007, p. 28) “Os processos principais de uma pedagogia da participação são a observação, a escuta e a negociação.”

A observação diz respeito a um constante diagnóstico da criança, levando em consideração os fatores de seu contexto familiar e social que afetam diretamente em sua aprendizagem; a escuta é o meio pelo qual o professor ouve o que a criança diz em relação às dificuldades enfrentadas ou objetivos atingidos, e reavalia suas técnicas de ensino, adequando-as para um melhor aproveitamento de ambas as partes, aluno e professor e criando novas técnicas se for o caso; a negociação é o momento onde o professor repassa para os alunos os conteúdos programados e debate com a turma como tais conteúdos serão abordados, observando a reação dos mesmos e fazendo adequações, se necessárias.

Muitos autores focaram seus estudos a fim de construir uma pedagogia contemporânea-participativa, onde as crianças fossem o centro das atenções e merecessem de fato uma educação de qualidade e prazerosa, sem que a obrigação de estudar fosse maior do que a vontade de aprender. As diretrizes pedagógicas desses autores, afeta direta e indiretamente no turismo pedagógico, seja em seu desdobramento teórico quanto prático. Assim, alguns dos principais autores serão mencionados, como fonte constituinte da pedagogia e influenciadores no turismo pedagógico.

2.2 PENSADORES DA PEDAGOGIA E SUAS INFLUÊNCIAS NO TURISMO PEDAGÓGICO

2.2.1 Friedrich Froebel – 1782-1852

Nascido em Oberweissbach – Turíngia, educador e filósofo, Froebel, na concepção de sua pedagogia natural de desenvolvimento, foi influenciado pela

revolução francesa e revolução industrial, intitulou a brincadeira – passeios e jogos ao ar livre como fator de aprendizado para as crianças, bem como a música e o desenho, o eixo de seu pensamento era a unidade entre o homem, a natureza e Deus – que constituía a sua lei de conexão interna ³.

[...] o desenvolvimento da criança [...] é conectado não somente com o que é perceptível, mas com o que é, em qualquer tempo, perceptível e simbólico” (FROEBEL, 1899, p.9).

A grande realização deste alemão foi a fundação do *Kindergarten* (Jardim de Infância) em 1840, o qual propunha ações que começavam com crianças menores e iam se adaptando conforme o desenvolvimento e crescimento dos alunos. “O brincar envolve o clima interativo e prazeroso com situações marcadas por uma pergunta, uma resposta e um *feedback*.” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 51). A brincadeira, utilizada como meio de animação e aprendizado, constitui uma das técnicas as quais o professor utiliza para manter a atenção do aluno, em sala ou em passeio.

Dentro do turismo pedagógico, a animação turística como sendo o

[...] conjunto de ações e técnicas dirigidas a motivar, promover e facilitar a maior e mais afetiva participação do turista no desfrute e aproveitamento de seu tempo turístico em todos os níveis e dimensões que este implica. (BENI, 2007, p. 94 apud CAMARGO; ANSARAH, 1991).

Permite que as técnicas de animação possam contextualizar a realidade da escola e do lugar a ser visitado, ajudando na didática do ensino-aprendizado, tanto por parte do professor, quanto pelo aluno.

²Para Froebel, (1896, p. 1-2) “Todas as coisas procedem da Unidade Divina [...]”, todas as ações realizadas pelo homem deviam ser justificadas por um conexão com Deus e com a natureza, onde o Divino se manifesta em tudo que há vida.

2.2.2 John Dewey – 1859-1952

Dewey nasceu na cidade americana de Burlington – Vermont, ele propunha uma pedagogia progressista, baseada na experimentação de novas técnicas de ensino, relacionadas à filosofia e a ciência que atenderiam as liberdades, individualidades e capacidades de cada educando. Dewey é considerado o “filosofo do século XX” da pedagogia, pois com seu pensamento pragmático induzido pelo experimentalismo e instrumentalismo, introduziu na escola a prática da experiência, reforçada por Oliveira et al. (2007, p.76) que “Aquele que vive uma experiência não permanece o mesmo.”

[...] nem restauração de um passado nem imposição de um futuro ainda inexistente. Mas revigoração de tudo do passado que ainda for útil e operante e readaptação de tudo que for novo e eficaz, em uma contextura que não será integralmente nova senão porque integralmente viva e orgânica. (Dewey, 1959b, p.X).

Para Dewey, o objetivo da educação não é o de preparar as crianças para suas vidas futuras, mais sim um processo de vida, rico em experiências que refletem a realidade de seus cotidianos, capaz de constituir os formadores de opiniões fidedignas, coerentes com o contexto social em que vivem.

Como professor, Dewey adota as ocupações construtivas⁴, onde utiliza de vários meios de transmissão do conhecimento do ensino-aprendizado dos alunos, tais como: dramatizar, cozinhar, esfriar e aquecer, costurar, jardinagem, trabalhos com couro, papelão, madeira, argila, inclusive excursões.

A excursão como ocupação construtiva, desperta o interesse dos alunos em relação ao meio onde estão localizados. Como forma de desenvolver novas técnicas de aplicabilidade dos conteúdos curriculares, a saída da escola pode melhorar a partir da vivência prática a compreensão e entendimento dos alunos a respeito dos assuntos que estão sendo abordados.

⁴ Ocupações construtivas: atividades distintas, realizadas com o auxílio de instrumentos e/ou materiais que se façam necessários.

2.2.3 Maria Montessori – 1870-1952

Nascida em Chiaravalle, Província de Ancona, Montessori era diplomada em ciências físicas e matemática pela Universidade de Roma e posteriormente diplomou-se em Medicina e Cirurgia pela mesma universidade, sendo “[...] a primeira mulher italiana a obter o título de médica”. (OLIVEIRA et al., 2007, p. 100). Designada por sua formação profissional, Montessori ficou responsável pelo aprendizado de crianças com necessidades educacionais especiais, que possuíam deficiências motoras ou psíquicas.

Afetada pelo fascismo predominante da época, Montessori desenvolveu uma pedagogia sensorial, científica e psicológica, baseada na observação das crianças especiais e das ditas normais (que não apresentavam nenhuma deficiência) quando se deparam com algo ou uma ocasião no ambiente escolar e de como os seus sentidos demonstrados no modo de agir intervêm no seu aprendizado.

[...] não se formam observadores com dizer apenas: “observa”, mas sim, dando o meio para observar; e este meio é a educação dos sentidos. (MONTESSORI, 1957, p.161-162).

Montessori sustenta a ideia da existência de períodos sensíveis nas crianças, onde a assimilação e o entendimento dos conteúdos abordados tornam-se mais eficazes:

O entendimento dado a esses períodos é derivado de sensibilidades especiais que são passageiras, necessidades latentes, que são definidas em momentos específicos no processo evolutivo do ser humano e que precisam ser atendidas. Esses períodos caracterizam-se por interesse específico externalizado pela criança, que se reveste de uma energia potencial que precisa ser liberada como condição de não permitir o desinteresse cognitivo de sua vida, que pode levá-la a atrofia intelectual. (OLIVEIRA et al., 2007, p. 107).

Sendo assim, neste sentido, a adoção de novos meios que façam com que a criança libere tal energia colocada pela autora, de modo a beneficiar-se dos conhecimentos que determinada atividade pode ofertar – o turismo pedagógico, por exemplo, onde se pode observar sensorialmente a reação das crianças ao se depararem com um atrativo turístico em uma aula-passeio.

Montessori resume suas técnicas de ensino a partir de jogos e manuais práticos, os quais não dão abertura para mudanças, a obtenção do sucesso na pedagogia montessoriana, requer seguir um rigoroso roteiro pré-estabelecido.

2.2.4 Lev Semenovich Vygotsky – 1896-1934

Nascido em Orsha, província da Bielorrussa, Vygotsky morreu aos 38 anos de idade, mas deixou seu legado na história da pedagogia. Graduado em direito, porém sem exercer a profissão, Vygotsky seguiu sua vida como professor de história, filosofia, psicologia e literatura. Sua pedagogia é baseada na questão histórico-cultural, que analisa a reatologia⁵ frente ao ambiente ao qual o homem se encontra, considerando as relações de mudanças das pessoas como agentes que influenciam e sofrem influência do meio. Vygotsky estabelece uma relação visceral entre o pensamento e a linguagem, propondo então a chamada “ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal”, que realiza um parâmetro entre o desenvolvimento real da criança, visto sua

[...] capacidade de solução de problemas de modo independente – e o nível desenvolvimento potencial – em que se encontram as funções psicológicas em processo de amadurecimento, potencialmente emergentes, mas ainda não suficientemente consolidadas” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 224-225).

A ajuda e o suporte vindos de outras pessoas, principalmente do professor, é o fator determinante para tornar o nível de desenvolvimento potencial em real, para tanto, Vygotsky utiliza do jogo, como técnica lúdica no processo de aprendizagem. Vygotsky trabalha com o lúdico, fazendo com que o mundo que uma criança cria em sua cabeça, seja capaz de refletir em suas ações cotidianas, proporcionando o desenvolvimento humano do educando por meio de seu próprio interesse.

Neste caso, o turismo pedagógico vem ser “[...] à identificação de elementos e aspectos da prática lúdica de educação que possibilitem orientar futuras ações formativas.” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 246). O turismo pedagógico em seu desdobramento prático oferece para a escola e o aluno um mundo repleto de imagens, representadas na figura dos atrativos, que possibilita ao aluno se deixar levar pela imaginação, assemelhando em sua mente a importância e a história de determinado bem, elaborando em seu mundo particular, meios para transmitir a sua vivência para as demais pessoas que o cercam. Dessa forma é que ocorre o que Vygotski e demais autores chamam de ensino-aprendizagem.

⁵ Reatologia: “[...] uma área da psicologia vinculada à pesquisa experimental sobre o comportamento humano.” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 220).

2.2.5 Loris Malaguzzi

Italiano, nascido em 1920, Loris Malaguzzi adota uma pedagogia da escuta, colocando a criança como o centro da educação, buscando a credibilidade que a mesma tem direito. O professor para Malaguzzi é um professor de criança e não de disciplina, que interage com os alunos, propiciando um clima educacional favorável para o estudo.

Como uma de suas técnicas cria o ateliê dentro da escola, provocando nas crianças uma educação estética, que por meio de desenhos refletem os conteúdos e situações aprendidas e vivenciadas.

O objetivo da educação é aumentar as possibilidades para que a criança invente e descubra. As palavras não devem ser usadas como atalho para o conhecimento. (MALAGUZZI, 1999, p.93)

Malaguzzi escreve ainda, uma carta dos três direitos, assegurando aos pais uma maior participação na vida escolar de seus filhos; aos educadores a liberdade de manifestação para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizado; e aos alunos, um maior reconhecimento como parte integrante da sociedade, que apesar de serem incapazes de fato, já possuem uma mente formadora de opiniões.

Como ferramenta auxiliar, o turismo pedagógico complementa as técnicas educacionais presentes nas escolas, dando incentivos para que os alunos tenham ideias de produções, como no caso de Malaguzzi, pinturas e expressões artísticas.

Demais pensadores e suas visões da educação, contribuíram para que uma pedagogia contemporânea, com base naquilo que pode ser reaproveitado do passado, fosse aplicada nas escolas, tais como: Jerome Seymour Bruner; Emília Ferrero; Paulo Freire; Howard Gardner; Jean Piaget; Phillip Perrenoud; César Coll; Antônio Novóia; Edgar Morin; Fernando Hernández; Bernardo Toro, dentre muitos outros os quais de alguma maneira ajudaram na construção de novas técnicas de ensino.

Celéstin Freinet, com seu pensamento e técnicas e devido sua influência nas Diretrizes Curriculares – Ensino fundamental em Ponta Grossa, é o teórico base tratado com mais ênfase neste trabalho.

2.3 CÉLESTIN FREINET E A ESCOLA MODERNA

Freinet foi considerado um homem a frente da sua época, pois, seus pensamentos em relação à pedagogia vigoram até hoje nas diretrizes de muitas escolas, inclusive Ponta Grossa, estudo de caso deste trabalho. Freinet nasceu em 1896 em Gars, Provence – França, professor primário, socialista, enfrentou a segunda guerra mundial, saindo com lesões nos pulmões o que afetara seu desempenho em sala.

Passou por movimentos sociais como o positivismo e os ideias republicanos franceses de liberdade igualdade e fraternidade, que influenciaram no seu pensamento a respeito das melhorias que ele proporia para a educação. Um dos motivos de Freinet na busca de novas técnicas de ensino foi sua saúde, ele tinha que adaptar-se a sua nova condição de vida, devido às sequelas da guerra. A pedagogia freinetiana é experimental, tátil e laica. “Não há pedagogia sem experimentação e pesquisa.” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 152).

A pedagogia Freinet é uma proposta de ensino-aprendizagem voltada para a cooperação [...] atribuindo grande importância a prática escolar que parta da análise crítica da realidade na qual os alunos estão inseridos. Sua vanguarda está em visualizar um processo ensino-aprendizagem que considere os envolvidos como verdadeiros cidadãos, sujeitos críticos que analisam a realidade e interferem nela. (OLIVEIRA et al., 2007, p. 158).

As diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental de Ponta Grossa são baseadas em sua maioria diretrizes e técnicas de Freinet, que buscam uma escola do povo. “Para Freinet, sem retorno à natureza, no ser e no viver, não há aprendizagem autêntica” (OLIVEIRA et al., 2007, p. 162). Freinet cria técnicas e não métodos pedagógicos, pois técnicas são flexíveis de mudança, e a criança de hoje não será a mesma criança do amanhã.

O movimento da Escola Moderna criado por Freinet visava atender da criança com toda a sua essência, respeitando a diversidade e o indivíduo, com ações que iriam refletir no desenvolvimento daquele futuro cidadão, a chamada Escola do Povo ou Escola Desafio. Contudo, devido a fatores financeiros das escolas públicas, a técnica Freinet da aula passeio acaba sendo um privilégio para as escolas particulares, pois, possuem estrutura e condições financeiras para realizá-la.

2.3.1 Técnicas Freinet

As inovações das técnicas Freinet são baseadas na realidade e condições de trabalho não nos princípios de uma educação padrão, dentre elas, destacam-se as seguintes:

- O texto impresso – jornal escolar;
- A correspondência escolar;
- O texto livre;
- A livre expressão;
- O livro da vida;
- O estudo do meio ambiente

Adaptado de Oliveira et al., 2007. p. 165-166.

Uma de suas principais técnicas e a qual se baseia o turismo pedagógico é a Aula-Passeio:

[...] se o interesse das crianças estava no que ocorria fora da sala de aula, no vôo dos pássaros e das abelhas zumbindo e batendo nos vidros das janelas empoeiradas, Freinet sairá da sala de aula, organizando as aulas-passeio. Nessa atividade, descobriu que um dos meios mais poderosos de aprendizagem é o envolvimento afetivo que liga os conteúdos aos interesses concretos dos alunos. Os alunos descrevem o que observam sem constrangimentos, procurando redigir um texto que seja compreendido por todos; (OLIVEIRA et al., 2007, p.166).

Sendo assim, uma das partes do turismo pedagógico, responsável por guiar novos caminhos, que aproximam o aluno da realidade fazendo com que o mesmo aprenda os conteúdos na prática, sem perder a escolástica das obrigações curriculares.

As experiências de Freinet com a aula passeio, fez com que ele buscasse outras técnicas para o aperfeiçoamento da mesma, onde o aluno pudesse ter o contato com o mundo exterior a escola, mas que antes de romper as barreiras da sala de aula, obtivesse um conhecimento prévio daquilo que os aguardariam.

A busca de textos que envolvessem as áreas de conhecimento sobre o lugar onde os alunos visitariam, fez com que Freinet produzisse materiais dinâmicos para prender a atenção dos alunos. Em Ponta Grossa, a Cartilha de Turismo produzida

no ano de 2007 pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, pode ser considerada um desses exemplos.⁶

2.4 CARTILHA DE TURISMO

A Cartilha de Turismo produzida pela Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo no ano de 2007 fez parte do Programa de Qualificação Profissional para o Setor Turístico de Ponta Grossa em parceria com o Ministério do Turismo. Dentro das ações de qualificação profissional do programa, foi lançada a Cartilha de Turismo, sendo desenvolvido um curso a respeito do turismo regional e local para a aplicação da cartilha em sala de aula. Acompanhavam a cartilha o Mapa Turístico da cidade de Ponta Grossa e o caderno de atividades⁷.

Os assuntos contidos na cartilha possuem uma linguagem voltada para as crianças, com páginas ilustradas com as imagens dos atrativos e a presença da pombinha como sendo a personagem que ajuda os alunos a compreenderem os conteúdos com dicas e curiosidades. (PONTA GROSSA, P.M., 2007, p. 6).

A cartilha está dividida em seis capítulos: Capítulo 1 – Conhecendo meu município e minha região – o qual aborda todo o desenvolvimento da região dos Campos Gerais, tropeirismo, origem de nomes, lendas, destacando Ponta Grossa das demais cidades; Capítulo 2 – História, Cultura e Natureza – apresenta o patrimônios histórico-culturais, religiosos e naturais de Ponta Grossa; Capítulo 3 – Turismo e Hospitalidade – explica o que é o turismo, quem é o turista, como bem receber o turista, como se localizar na cidade e propõem atividades como caça-palavras, jogo dos sete erros e identificação das placas de sinalização turística; Capítulo 4 – Artesanato – explica o que é um artesanato, quais os principais materiais utilizados para o artesanato pontagrossense e quais são os artesanatos mais vendidos; Capítulo 5 – mostra a importâncias dos eventos na cidade com exemplos de eventos tradicionais de Ponta Grossa; Capítulo 6 – Empreendedorismo – explica como a população local pode se beneficiar com o turismo.

⁶ Informações fornecidas por integrantes da equipe de produção da Cartilha de Turismo

⁷ O caderno de atividades propunha doze atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano – uma por mês, baseadas nos conteúdos que estavam sendo abordados pela cartilha. O caderno de atividades e o mapa turístico de Ponta Grossa, não fazem parte dos objetos de estudo deste trabalho.

A orientação passada aos professores foi de que cada escola ficasse com um número suficiente de cartilhas para trabalhar em sala e o restante fosse entregue aos alunos daquele ano (2007). Entretanto, o Capítulo 3 do presente trabalho, aponta uma falta de comunicação que aconteceu na época, entre a Rede Municipal de Ensino e a Secretaria de Indústria Comércio e Turismo.

Os professores da rede acabaram entregando todos ou quase todos os exemplares da cartilha para os alunos, deixando a escola sem o material didático ou com um número insuficiente de exemplares para se trabalhar em uma turma. Nota-se a partir da análise das respostas dos questionários qualitativos aplicados por escola, a divergência de informações geradas a respeito da posse e quantidade de cartilhas existentes na escola.

2.5 DIRETRIZES CURRICULARES – ENSINO FUNDAMENTAL, PONTA GROSSA – PARANÁ

As escolas são os ambientes de onde emanam os conhecimentos que formarão e capacitarão os cidadãos em sua vida pessoal e profissional. A presença dos educandos na escola na idade e série/ciclo e ou bloco correspondentes é fundamental para o desenvolvimento da pessoa. A metodologia de ensino adotada na maioria das cidades brasileiras é a seriada, porém, a Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa – SMEPG, após estudos sobre o ensino-aprendizagem dos educandos, havia percebido o grande número de reprovações, não assimilação dos conteúdos abordados em sala e evasão escolar devido a utilização da forma seriada. A medida adotada para um melhor desenvolvimento educacional foi a forma de ensino por ciclos, que se apresenta detalhada no Quadro 1.

As técnicas de ensino-aprendizagem apontadas por alguns dos principais pensadores da pedagogia podem ser observadas na elaboração das diretrizes curriculares do ensino fundamental de Ponta Grossa – PR, nelas, pode se observar os meios de transmissão do conhecimento adotado pelos professores e agentes da rede municipal de ensino. A influência teórica desses autores, fornece a base da implementação de uma pedagogia participativa, a qual dá abertura para o desenvolvimento do turismo pedagógico.

Quadro 1 - Ciclos de Aprendizagem Ensino Fundamental

CICLOS DE APRENDIZAGEM ENSINO FUNDAMENTAL		
1º CICLO (Ciclo Inicial)	- 1º ano do 1º Ciclo: Classe de 6 anos - 2º ano do 1º Ciclo: Classe de 7 anos - 3º ano do 1º Ciclo: Classe de 8 anos -CLASSE DE ACELERAÇÃO	C L A S S E D E
2º CICLO	- 1º ano do 2º Ciclo (referência a 3ª série) - 2º ano do 2º Ciclo (referência a 4ª série)	A P O I O

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (2001-2004, p.13).

A divisão de ciclos apresentada na Figura 4 exemplifica o ensino fundamental da rede municipal de Ponta Grossa – PR, desdobrado desta maneira para melhor compreensão dos ciclos de ensino que estão sob responsabilidade da prefeitura da cidade.

O ensino fundamental em ciclos está dividido oficialmente conforme o Ministério da Educação, em 2 ciclos: 1º ao 5º ano – 5 anos de duração – de 6 a 10 anos de idade e 6º ao 9º ano – 4 anos de duração – de 11 a 14 anos de idade, onde o aluno permanece 1 (um) ano a mais no ensino fundamental em ciclos, quando se comparado esta forma de ensino com a forma seriada⁸. (disponível em <http://www.mec.gov.br/>, acesso em 20 jul. 2013).

Quanto à estruturação para o egresso nos ciclos escolares, classe de aceleração e classe de apoio:

1º Ciclo: Classe dos 6 (seis) anos: nesta classe, são matriculadas todas as crianças que tiverem 6 (seis) anos completos ou que completaram 6 (seis) anos até o dia 1º de março do ano vigente, as demais crianças que completam a idade

⁸ A partir do 5º ano do 1º ciclo, o ensino passa da esfera municipal para a estadual, ficando sob a responsabilidade do governo e das escolas particulares a continuidade do ensino.

estabelecida após o período determinado, podem se matricular caso ainda hajam vagas nas escolas. Classe dos 7 (sete) anos – são matriculadas crianças que completam esta idade em qualquer período do ano. Classe dos 8 (oito) anos – nesta classe, podem ser matriculadas crianças que foram aprovadas pela classe dos 7 (sete) anos, ou que tenham sido aprovadas na 1ª série do ensino seriado (em caso de transferência).

Classe de Aceleração:

[...] se constitui num projeto específico para atender alunos com defasagem de idade para frequentar a última fase do 1º ciclo (crianças acima de 8 (oito) anos) ou que nunca frequentaram a escola. Portanto, são alunos desta classe: o aluno multirrepetente da última classe do 1º Ciclo, ou alunos repetentes da 1ª e 2ª séries do ensino regular, com idade superior à 9 (nove) anos transferidos, ou não, de outros estabelecimentos de ensino. (SMEPG, 2001, p. 15).

Esta classe tem por objetivos, aplicar os conteúdos do 1º Ciclo, ou da 1ª e 2ª séries do ensino seriado, de forma concentrada, a fim de suprir as carências dos alunos por conteúdos não assimilados ou não vistos, superando as dificuldades de cada um.

2º Ciclo: compreende os alunos de 9 (nove) e 10 (dez) anos em sua maior parte, que foram aprovados no 1º Ciclo ou na 1ª e 2ª séries do ensino seriado, a presença de alunos com idade superior a 10 (dez) anos, pode ocorrer devido a alunos advindos da Classe de Aceleração.

Classes de Apoio: funcionam em contra turno, com a finalidade de reforço escolar, para os alunos que não conseguem adaptar-se a velocidade de aprendizado da turma. A classe atende alunos dos dois ciclos, estabelecendo atividades específicas para cada aluno, observando suas dificuldades e limitações, fazendo com que o mesmo progrida e possa acompanhar o nível da turma.

O currículo escolar então passa a planejar seus conteúdos baseado nas respostas da vida cotidiana de cada aluno, diminuindo a distância entre teoria-prática e ensino-realidade. Os alunos ao ingressarem no 1º ciclo de aprendizagem ou na classe de aceleração, já vêm revestidos com uma bagagem de informações, logo, eles ainda não possuem o discernimento necessário para processar tais informações e se manifestar a respeito delas.

O processo de alfabetização das crianças se inicia antes da entrada propriamente dita na escola, ele acontece na família ou nos grupos sociais os quais a criança está inserida, seja pelo ensino das primeiras palavras, normas ou regras estabelecidas por pessoas ou lugares. As informações de como o educando entra na escola (nível de conhecimento) e o grupo social ao qual ele está inserido, são de extrema importância para o professor, com isso, ele pode planejar melhor suas aulas, adequando-se quando possível a realidades dos alunos ou pelo menos da maioria deles.

A educação é um direito de todos, e que por todos deve ser exercido. As diretrizes fundamentais para a educação no ensino fundamental em Ponta Grossa – PR resumem-se em:

- Assegurar a permanência dos alunos na escola;
- Respeitar e valorizar as características socioculturais;
- Garantir o trabalho com os conteúdos necessários;
- Criar condições na escola para que o aluno seja sujeito de sua aprendizagem;
- Priorizar a qualidade do ensino, garantindo igualdade do acesso ao conhecimento;
- Possibilitar o acesso e o discernimento das novas tecnologias;
- Colaborar para a efetivação da gestão democrática na escola⁹.

As diretrizes, bem como, outros assuntos que serão tratados ao longo deste trabalho, tem como base o livro de Diretrizes Curriculares – Ensino fundamental, elaborado para a aplicação do sistema de ciclos no ano de 2001 a 2004 que vigoram até os dias atuais.

Em razão da mudança de gestão da administração pública da cidade de Ponta Grossa, que ocorreu na última eleição para prefeitos no ano de 2012, as informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação da cidade, foram que as diretrizes curriculares estão passando por um processo de mudanças e

⁹ Adaptado de Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa.

alterações, portanto, para fins de esclarecimento, deixa-se claro que as diretrizes adotadas para a elaboração deste trabalho são as de 2001 a 2004¹⁰.

2.6 VERTICALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

O currículo possui várias formas de distribuição dos conteúdos. A maneira como os conteúdos são divididos, passam por um rigoroso processo de planejamento administrativo pela escola e planejamento pedagógico pelos professores, que vivem diariamente a realidade de uma sala de aula e podem assim, opinar no processo administrativo de distribuição dos conteúdos e atividades abordadas pelas disciplinas básicas.

“[...] o currículo é um âmbito de interação no qual se entrecruzam processos, agentes e âmbitos diversos que, num verdadeiro e complexo processo social, dão significado prático e social ao mesmo.” (SCRISTÁN; GOMÉZ, 1998, p. 129).

As disciplinas base de um currículo escolar são visualizadas em um plano estratégico horizontal, ou seja, os conteúdos curriculares essenciais ao aprendizado de uma criança permanecem estáticos, independente da influência de outros fatores e processos administrativos de uma escola.

Logo, os assuntos que não fazem parte dos conteúdos horizontais, são chamados verticais. O âmbito desses assuntos podem modelar o currículo escolar existente, mas não constituem-se em assuntos básicos oficiais a serem trabalhados.

Portanto, a verticalização dos conteúdos do turismo no ensino fundamental da cidade, se dá devido a seus fatores econômicos, socioculturais e ambientais que modelam o próprio município, assim como influenciam no processo educacional.

¹⁰ Fundamentação legal para o ensino em ciclos:

- Constituição – República Federativa do Brasil – 5 de outubro de 1988;
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996;
- Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental;
- Deliberação nº. 09/01 de outubro de 2001 – CEE;
- Deliberação nº. 014/99 de outubro de 1999 – CEE;
- Parecer nº. 04/98 de 29 de janeiro de 1998 – Conselho Nacional de Educação;
- Resolução nº. 02 de 7 de abril de 1998 – SEED;
- Plano Nacional de Educação de 2001;
- Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná (SMEPG, 2001).

2.7 CONTEÚDOS CURRICULARES

Em relação aos conteúdos curriculares básicos do ensino fundamental na cidade de Ponta Grossa, o presente trabalho estabelece então, uma linha vertical de pensamento, de como determinados assuntos podem ser trabalhados com a ótica do turismo pedagógico, selecionando dentro das nove disciplinas presentes nos dois ciclos de aprendizagem esses conteúdos, os quais estarão representados em tabelas específicas, identificadas pelo nome da disciplina e a qual ciclo de aprendizagem os conteúdos presentes nela se referem¹¹.

2.7.1 Língua Portuguesa

Falar, escutar, ler e escrever, são as quatro habilidades linguísticas básicas para o desenvolvimento da língua portuguesa, para tanto, a didática do ensino dentro dos ciclos, foi dividida em quatro formas, justamente para atender as quatro habilidades linguísticas: Língua Oral (uso e formas); Língua Escrita (uso e formas); Prática da Leitura e Prática de Produção de Textos.

O uso e as formas de aplicação desta divisão, reforçam a questão do “é fazendo que se aprende”, onde, falando é que as crianças irão saber a pronúncia certa; escrevendo, terão conhecimento de toda a gramática; lendo ampliam seus horizontes para novos conhecimentos, que por sua vez, darão base para a produção dos textos. Esta forma, dividida nestes quatro pilares estão presentes nos dois ciclos de aprendizagem, conforme o educando vá progredindo em seus estudos, a nivelção dos assuntos abordados por consequência também aumentará.

Os conteúdos presentes no ensino da língua portuguesa do 1º ciclo, que podem vir a ser trabalhados a partir do turismo pedagógico, estão presentes na Tabela 2:

¹¹ Os conteúdos presentes nas disciplinas de Língua Estrangeira, Arte – Educação Artística e Ensino Religioso, não são divididos em 1º e 2º ciclos, devido à amplitude de suas temáticas. Os assuntos nessas disciplinas são tratados ao longo dos dois ciclos, mesclando os seus conteúdos com as demais áreas.

TABELA 2 – Conteúdos Curriculares de Língua Portuguesa presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Língua Portuguesa – 1º Ciclo
Linguagem Oral
Compreender o sentido e atribuir significados às mensagens orais ou escritas
Narração de histórias conhecidas, buscando aproximação às características do texto-fonte
Descrição de cenários, personagens, objetos e situações
Linguagem Escrita
Contos, mitos, lendas populares, folhetos de cordel, fábulas
Formas de apresentação, produzidas e utilizadas pelo homem: anúncios, slogans, cartazes, folhetos
Cartas, bilhetes, postais, convites, diários (pessoais, de classe, de viagem, etc)
Parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas
Contos, mitos, lendas populares, folhetos de cordel, fábulas
Prática de Leitura
Uso de acervos e biblioteca
Prática de Produção de Textos
Escritas de narrativas a partir de: histórias lidas, ouvidas, imaginadas; histórias de sua vida, seus amigos, seus brinquedos, seus livros, de desenhos ou outras formas de representação
Elaboração de cartazes, cartões, convites, slogans, etc
Produção de textos a partir de estudos de outras áreas do conhecimento
Pesquisar o que há escrito na rua, televisão embalagens

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004 p.32-33.

Na Tabela 3 referente ao 2º ciclo de aprendizagem de Língua Portuguesa, pode-se verificar a permanência das quatro habilidades linguísticas básicas, bem como a repetição do uso do acervo da biblioteca como prática de leitura, porém, neste ciclo, o aluno avança de nível em todas as práticas, vinculando o ensino aprendido com suas vivências práticas e demais disciplinas.

TABELA 3 – Conteúdos Curriculares de Língua Portuguesa presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Língua Portuguesa – 2º Ciclo
Linguagem Oral
Textos literários de tradição oral: contos (de fadas, de assombração, etc...)
Mitos e lendas populares, poemas, canções, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas, provérbios
Linguagem Escrita
Busca de relações entre o texto lido com outras linguagens e com outras mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, família, comunidade, etc
Prática de Leitura
Uso de acervos e biblioteca
Prática monitorada de busca de informações e consulta a fontes de diferentes tipos: jornais, revistas, enciclopédias, livros didáticos, fichas informativas, etc
Prática supervisionada de leituras de livro na classe, na biblioteca e empréstimos de livros para leitura em casa
Prática de Produção de Textos
Da vida cotidiana: listas, convites, postais, bilhetes, calendários, cartas formais e informais, textos instrucionais, etc
Dos meios de comunicação: cartazes, anúncios, notícias, entrevistas, resenhas, etc
De gêneros literários do repertório infanto-juvenil: poemas, quadrinhas, canções, contos maravilhosos, de terror, mitos e lendas, etc
Elaboração de textos expositivos, a partir do estudo de outras áreas do conhecimento (história, geografia, ciências, etc)
Composição de textos coerentes a partir de textos oriundos de diferentes fontes

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.35-38.

2.6.2 Língua Estrangeira

A abordagem dos conteúdos da disciplina de língua estrangeira permite ao aluno o acesso à comunicação intercultural, onde os conteúdos contemplam o cotidiano das crianças, com assuntos de seu domínio em sua língua nativa, facilitando o aprendizado dos mesmos na compreensão de uma segunda língua.

A língua estrangeira por si só, já é tida como um assunto vertical, alinhada a grade curricular básica do ensino fundamental. Os assuntos que podem vir a ser trabalhados com o auxílio do turismo pedagógico, presentes ao longo dos dois ciclos de aprendizagem, estão contidos na Tabela 4:

TABELA 4 – Conteúdos Curriculares de Língua Estrangeira presentes no Ensino Fundamental do 1º e 2º Ciclos que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Língua Estrangeira – 1º e 2º Ciclos	
A vida das crianças	Aos problemas de locomoção até a escola
A vida em família	As atividades de lazer com os amigos
Os problemas da cidade, do estado e do país em que vivem	Pequenas histórias, quadrinhas, histórias em quadrinho
Instruções de jogos, anedotas, anúncios, pequenos diálogos	Rótulos de embalagens, cartazes, canções, pequenas notícias e outros
Conteúdo sugerido pelo autor: Hospitalidade, o bem receber os turistas	
OBS: os conteúdos de língua estrangeira possuem a mesma distribuição nos dois ciclos de aprendizagem, contudo, a aplicação dos mesmos se dará a partir da avaliação do professor em relação aos alunos, da velocidade do processo de ensino-aprendizado e desempenho individual .	

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.39-41.

2.6.3 Ciências Sociais – Geografia e História

2.6.3.1 Geografia

A geografia, dentre outras disciplinas, possui maior relação com o turismo, devido à ocupação do espaço onde se localizam os atrativos, a comunidade entorno, a geopolítica presente no local. A ação de saber localizar-se é concebida no ensino da geografia não apenas com o âmbito da ação em si, mas, envolve a questão de interpretação e análise do lugar onde se encontra. O pensar globalmente e agir localmente possibilita a criança conhecer o mundo dentro da sala e se posicionar dentro dele, seja fisicamente, socialmente, historicamente ou culturalmente.

Existe também a necessidade de integração, entre o local, o regional, o nacional, o continental e o mundial, através da qual não se pode isolar os fatos e os fenômenos estudados, ao contrário, deve-se compreendê-los dentro de um critério de totalidade, porque o mundo é um só e o que acontece em um país do Extremo Oriente, pode ter repercussões próximas ou a longo prazo sobre nós. (ANDRADE, 1994, p. 66).

A Tabela 5 e 6 apresentam os conteúdos de Geografia referentes ao 1º e 2º Ciclos, presentes na grade curricular e que podem vir a ser trabalhados com o turismo pedagógico.

TABELA 5 – Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais - Geografia presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais – Geografia – 1º Ciclo
Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social
Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos como diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer
Conhecer e Comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens
Reconhecer no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se deslocam
Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando desperdícios e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na mudança da natureza
Conhecimentos das pessoas e do lugar: as condições de vida, as histórias, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem
Produção de mapas ou roteiros simples considerando características da linguagem cartográfica com as relações de distância e direção e o sistema de cores e legendas

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.47-48.

TABELA 6 – Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais - Geografia presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais – Geografia – 2º Ciclo
Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas rurais
Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e cultura
Reconhecer no lugar no qual se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o rural, bem como as relações e sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, no tempo passado e presente
Conhecer e compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais
Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas
Adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente com a finalidade que todos tenham uma vida plena num ambiente preservado e saudável
Conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem na qual se encontram inseridos

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.48-50.

2.6.3.2 História

O desafio dos professores é trazer, seja de forma material ou imaterial, a realidade do passado para o presente dos alunos, proporcionando a eles uma experiência cronológica da história da sociedade, fazendo comparações prudentes, que valorizem o crescimento humano do educando, facilitando a compreensão da disciplina, restaurando o que do passado foi útil e será eficaz no presente (Dewey, 1959b, p.10).

Os conteúdos que contemplam o turismo pedagógico no 1º e 2º Ciclos, são verificados na Tabela 7 e 8:

TABELA 7 – Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais - História presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais – História – 1ºCiclo	
Reflexões sobre a história	
Sua história: nome sobrenome, origem, características físicas e pessoais (Quem sou eu?)	
Diferentes grupos de convivência	
Os usos e costumes (mudanças/ permanências	Os acontecimentos do presente e do passado
A noção do parentesco	
Outros grupos de convivência	
Os grupos religiosos	Os grupos de lazer
As outras formas de associações	
A criança e a comunidade	
Condições de vida da população: educação, lazer, transporte, meios de comunicação e saúde	
As festas do bairro	Espaços culturais
A economia do bairro	O bairro: nome histórico, localização
A criança e o contexto do município	
Fundação Municipal (história e principais fatos)	Os primeiros habitantes
As sesmarias e fazendas	Zona urbana e zona rural

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.53-54.

TABELA 8 – Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais - História presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ciências Sociais – História – 2º Ciclo	
O município	
Fundação: elevação a freguesia e a cidade	Localização do município no planeta, continente, país, estado (mapas)
Tropeirismo	Imigrantes
População do município	
A sociedade pontagrossense no início do século XX	
Transportes (ontem e hoje)	Noções básicas de legislação de trânsito
A organização social, política e administrativa de Ponta Grossa	
Símbolos nacionais	Bandeira e hino de Ponta Grossa, Paraná e Brasil
A preservação do patrimônio cultural do município	
Avenidas e ruas do centro urbano	Bairros da cidade
Praças, monumentos, museus da cidade	Pontos turísticos do município
Entidades culturais	A cultura em Ponta Grossa (festa de Sant'Ana)
Folclore regional	
Paraná das origens à República	
Os primeiros habitantes (indígenas)	Descobrimiento do Brasil
Europeus no Paraná	Colonização paranaense (1º expedição)
Povoamento do Paraná	Divisão do estado em micro regiões
Do litoral: Paranaguá, Antonina e Morretes	

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.54-55.

2.6.4 Ciências Naturais

O ensino das ciências naturais na rede municipal de ensino em Ponta Grossa consiste, na transposição clara e objetiva dos conteúdos equivalentes as disciplinas de astronomia, física, geociências, química e biologia.

O papel das ciências naturais é o de colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como parte integrante do universo e indivíduo participativo na comunidade. (SMEPG, 2001, p. 57).

Desta forma, as diretrizes do ensino fundamental da cidade ressaltam quatro pilares para o desenvolvimento desta identidade cidadã das crianças, sendo eles: “[...] aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a aprender, assim todos teremos uma sociedade justa e solidária.” (SMEPG, 2001, p.58). Os conteúdos desta ciência estão divididos nos dois ciclos, baseando-se na questão do ambiente, do ser humano, da saúde e recursos tecnológicos, no 1º ciclo transformação artesanal e industrial, no 2º ciclo, recursos tecnológicos em si, Tabelas 9 e 10.

TABELA 9 – Conteúdos Curriculares de Ciências Naturais presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(continua)

Conteúdos Curriculares de Ciências Naturais – 1º Ciclo
Ambiente
Conhecer o papel do sol e outros pontos de referência para indicar a localização de pessoas e lugares
Comparação de diferentes ambientes naturais e construídos, investigando características comuns e diferentes, para verificar que todos os ambientes apresentam seres vivos, água, luz, calor, solo e outros componentes e fatos que se apresentam de modo distinto em cada ambiente
Comparação dos modos com que diferentes seres vivos, no espaço e no tempo, realizam as funções de alimentação, sustentação, locomoção e reprodução, em relação às condições do ambiente em que vivem
Comparação do desenvolvimento da reprodução de diferentes seres vivos para compreender o ciclo vital como característica comum a todos os seres vivos
Ampliar a noção de horizonte
Formulação de perguntas e suposições sobre os ambientes e os modos de vida dos seres vivos

TABELA 9 – Conteúdos Curriculares de Ciências Naturais presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(conclusão)

Ser Humano e Saúde
Observação, representação e comparação dos diferentes espaços habitados, desenvolvendo cuidados e responsabilidades para com esses espaços
Recursos Tecnológicos
Conhecimento de origens e algumas propriedades de determinados materiais e formas de energia para relacioná-las aos seus usos

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.61-63.

TABELA 10 – Conteúdos Curriculares de Ciências Naturais presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ciências Naturais – 2º Ciclo
Ambiente
Comparação do solo de diferentes ambientes relacionando suas características às condições desses ambientes para se aproximar da noção de solo como componente dos ambientes integrados aos demais
Comparação de diferentes tipos de solo para identificar suas características comuns: presença de água, ar, areia, argila e matéria orgânica
Elaboração de perguntas e suposições sobre as relações entre os componentes dos ambientes
Ser Humano e Saúde
Estabelecimento de relações entre aspectos biológicos, afetivos, culturais, socioeconômicos e educacionais na preservação da saúde para compreendê-la como bem-estar psíquico, físico e social
Estabelecimento de relações entre a falta de higiene pessoal e ambiental e a aquisição de doenças: contágio por vermes e micro-organismos
Recursos Tecnológicos
Comparação das condições do solo, da água, do ar e a diversidade dos seres vivos em diferentes ambientes ocupados pelo homem
Caracterização dos espaços do planeta possíveis de serem ocupados pelo ser humano

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.63-64.

2.6.5 Matemática

A matemática é a disciplina que se faz mais presente em nossos cotidianos. Todo planejamento exige um raciocínio lógico, envolvendo as equações matemáticas, desde um simples cálculo de tempo para assar um bolo, até procura da massa específica da areia em engenharia civil.

Os currículos de Matemática para o ensino fundamental devem contemplar o estudo dos números e das operações (Aritmética e Álgebra), o estudo do espaço e das formas (Geometria) e o estudo das grandezas e medidas (Interligação entre Aritmética, Álgebra e Geometria). (SMEPG, 2001, p. 72).

Desta maneira, Polya 1978, desenvolveu quatro maneiras para solucionar problemas matemáticos, que também podem ser usadas na abordagem de outros assuntos da matemática que não envolva apenas problemas, são elas: “1) compreensão do problema, 2) elaboração de um plano de solução, 3) seguir o plano, 4) revisão de resultados”, dependendo da forma com que os conteúdos são aplicados, independente de disciplina, o mecanismo de resolução de problemas desenvolvido por Polya pode ser adotado como um meio facilitador na compreensão dos ensinamentos, assim, como outros recursos referentes a cada matéria, como a calculadora na matemática. No 1º Ciclo,

Neste ciclo, os alunos precisam de recursos materiais de contagem, instrumentos de medida, calendários, embalagens, figuras tridimensionais e bidimensionais, etc. Depois, progressivamente, eles vão realizando operações mentalmente e abandonam estes recursos, abstraindo esse conhecimento (SMEPG, 2001, p. 74).

A divisão dos conteúdos nesta primeira etapa deve favorecer a autoconfiança do aluno em aprender a matemática. O turismo pedagógico, portanto, vem a ser um recurso diferenciado neste modo de compreensão da matemática, utilizando-se do passeio como forma de conhecimento da matemática presente nos lugares.

Os conteúdos do 1º e 2º Ciclos, representados nas Tabelas 11 e 12, distinguem-se no modo de como os conteúdos são apresentados para os alunos. No 1º com o enfoque da compreensão da matemática e no 2º a procura do desenvolvimento do raciocínio lógico.

TABELA 11 – Conteúdos Curriculares de Matemática presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Matemática – 1º Ciclo
Números Naturais e Sistema de Numeração Decimal
Utilização de diferentes estratégias para identificar números em situação que envolvam contagens e medidas
Operações com Números Naturais
Reconhecimento de que diferentes situações problemas podem ser resolvidas por uma única operação e de que diferentes operações podem resolver um mesmo problema
Construção de fatos básicos da operações a partir de situações problema, para constituição de um repertório a ser utilizado no cálculo
Espaço e Forma
Localização de pessoas ou objetos no espaço, com base em diferentes pontos de referência e algumas indicações de posição
Descrição da Localização e movimentação de pessoas ou objetos no espaço, usando sua própria metodologia
Dimensionamento de espaços, percebendo relações de tamanhos e forma
Observação de formas geométricas presentes em elementos naturais e nos objetos criados pelo homem e de duas características: arredondadas ou não, simétricas ou não, etc
Construção e representação de formas geométricas
Grandezas e Medidas
Identificação de unidade de tempo – dia, mês, bimestre, semestre, ano – e utilização de calendários
Reconhecimento de cédulas e moedas que circulam no Brasil e de possíveis trocas entre cédulas e moedas em função de sus valores
Tratamento de Informação
Leitura e interpretação de informações contidas em imagens
Exploração da função do número como código na organização de informações (linhas de ônibus, telefones, placas de carros, registros de identidade, biblioteca, roupas, calçados)
Produção de textos escritos a partir da interpretação de gráficos e tabelas
Conteúdos Atitudinais
Curiosidade por questionar, explorar, interpretar os diferentes usos dos números, reconhecendo sua utilizada na vida cotidiana
Sensibilidade pela observação de formas geométricas na natureza, nas artes, nas edificações

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.75-79.

TABELA 12 – Conteúdos Curriculares de Matemática presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Matemática – 2º Ciclo	
Espaço e Forma	
Descrição, interpretação e representação da posição de uma pessoa ou objeto no espaço, de diferentes ponto de vista	
Utilização de malhas ou redes para representar, no plano, a posição de uma pessoa ou objeto	
Descrição, interpretação e representação da movimentação de uma pessoa ou objeto no espaço e construção de itinerários	
Representação do Espaço por meio de maquetes	
Percepção de elementos geográficos da natureza e nas criações artísticas	Representação de figuras geométricas
Grandezas e Medidas	
Identificação de grandezas mensuráveis no contexto diário: comprimento, massa, capacidade, superfície, etc	
Reconhecimento e utilização de unidades usuais de medida como metro, centímetro, quilômetro, polegada (conceito de fração), grama, miligrama, quilograma, litro, mililitro, metro quadrado, alqueire, etc	
Reconhecimento e utilização de unidades usuais de tempo e temperatura	Utilização do sistema monetário brasileiro em situações problema
Tratamento de Informação	
Leitura e interpretação de dados apresentados de maneira organizada (por meio de listas, tabelas, diagramas, gráficos) e construção dessas representações	
Interpretação de dados apresentados por meio de tabelas e gráficos, para identificação de características previsíveis ou aleatórias de acontecimentos	
Produção de textos escritos, a partir da interpretação de gráficos e tabelas, construção de gráficos e tabelas com base em informações contidas em textos jornalísticos, científicos ou outros	
Conteúdos Atitudinais	
Respeito pelo pensamento do outro, valorização do trabalho cooperativo e do intercambio de ideias, como fonte de aprendizagem	
Curiosidade em conhecer a evolução histórica dos números, de seus registros, de sistema de medida utilizados por diferentes grupos sociais	
Sensibilidade para observar simetrias e outras características das formas geométrica, na natureza, nas artes, nas edificações	

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.80-84.

2.6.6 Arte – Educação Artística

A disciplina é trabalhada em três enfoques principais: na produção (fazer artístico), na fruição (apreciação significativa da arte) e na reflexão (construção de conhecimento sobre o trabalho artístico), abordando a partir destes enfoques: a música, as artes visuais, a dança e o teatro.

As formas de manifestações presentes nesta disciplina trarão o convívio social do aluno em relação às culturas e tradições que o cercam e que farão parte de seu desenvolvimento. Os conteúdos de arte, conforme as diretrizes do município, não estão separadas por ciclos (1º ou 2º ciclos), devido ao fato da complexidade da disciplina e da formação dos professores que não contempla tais assuntos em específico, mas que por sua vez, o desenvolvem fazendo interligações com as demais disciplinas ao longo do ano curricular.

TABELA 13 – Conteúdos Curriculares de Arte – Educação Artística presentes no Ensino Fundamental do 1º e 2º Ciclos que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(continua)

Conteúdos Curriculares de Arte – Educação Artística – 1º e 2º Ciclos
Artes Visuais – Expressão e Comunicação na Prática dos Alunos em Artes Visuais
As artes visuais no fazer dos alunos: desenho, pintura, colagem, escultura, gravura, modelagem, instalação, vídeo fotografia, histórias em quadrinhos, produções informatizadas
Reconhecimento e utilização da linguagem visual representando, expressando, e comunicando por imagens: desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, colagem, construção, fotografia, cinema, vídeo, televisão, informática, eletrografia
Artes Visuais como Objeto de apreciação Significativa
Convivência com produções visuais (originais e produzidas) e suas concepções estéticas nas diferentes culturas (regional, nacional e internacional)
Contato sensível, reconhecimento e análises de formas visuais presentes na natureza e nas diversas culturas
As Artes Visuais como Produto Cultural e Histórico
Observação, estudo e compreensão de diferentes obras de artes visuais, artistas e movimentos artísticos produzidos em diversas culturas (regional, nacional e internacional) e em diferentes tempos da história
Frequência e utilização das fontes de informação e comunicação artística presentes nas culturas (museus, mostras, exposições, galerias, ateliês, oficinas)

TABELA 13 – Conteúdos Curriculares de Arte – Educação Artística presentes no Ensino Fundamental do 1º e 2º Ciclos que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(conclusão)

Dança – A Dança na Expressão e na Comunicação Humana
Experimentação e pesquisa das diversas formas de locomoção, deslocamento e orientação no espaço (caminhos, direções e planos)
A Dança como Manifestação Coletiva
Seleção dos gestos e movimentos observados em dança, imitando, recriando, mantendo suas características individuais
A Dança como Produto Cultural e Apreciação Estética
Identificação e reconhecimento da dança e suas concepções estéticas nas diversas culturas considerando as criações regionais, nacionais e internacionais
Música – Interpretação, Improvisação e Composição
Interpretação de músicas existentes, vivenciando um processo de expressão individual ou grupal, dentro e fora da escola
Arranjos, improvisações e composições dos próprios alunos baseadas nos elementos da linguagem musical em atividades que valorizem seus processos pessoais, conexões com a sua própria localidade e suas identidades culturais
Utilização e criação de letras de canções, parlendas, raps, etc, como portadoras de elementos da linguagem musical
Brincadeiras, jogos, danças, atividades diversas de movimento e suas articulações com os elementos da linguagem musical
Apreciação Significativa em Música – Escuta, Envolvimento e Compreensão da Linguagem Musical
Apreciação e reflexão sobre músicas da produção regional, nacional e internacional consideradas do ponto de vista da diversidade, valorizando as participações em apresentações ao vivo
Música como Produto Cultural e Histórico – Música e Sons do Mundo
Músicos como agentes sociais: vidas épocas e produções
Os sons ambientais, naturais e outros, de diferentes época e lugares e sua influência na música e na vida das pessoas
Teatro – O Teatro como Comunicação e Expressão
Pesquisa, elaboração e utilização de cenário, figurino, maquiagem, adereços, objetos de cena, iluminação e som
O Teatro como Produto Cultural e Apresentação Estética
Observação, apreciação e análise das diversas manifestações de teatro. As produções e concepções estéticas
Reconhecimento e compreensão das propriedades comunicativas e expressivas das diferentes formas dramatizadas (teatro em palco e em outros espaços, circo, teatro de bonecas, manifestações populares dramatizadas, etc)

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.90-95.

2.6.7 Educação Física

Conforme a evolução da educação física, que antes era vista como prática na área militar e nada mais que isso, a sua junção ao sistema pedagógico no ensino fundamental e demais ensinos, fez com que a prática da atividade se tornasse aprendizado, considerando as dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas em relação ao corpo (SMEPG, 2001).

Os estereótipos do corpo perfeito vem sendo substituídos pela vida saudável, respeitando a capacidade motora e sistêmica de cada pessoa. Os conteúdos aplicados nesta disciplina se dividem em três blocos: Conhecimento sobre o corpo; Esporte, lutas, jogos e ginástica; Atividades rítmicas e expressivas. “O respeito pela regionalização de cada escola e o conhecimento dos movimentos culturais de outras regiões mais distantes enriquecerá o trabalho dos alunos.” (SMEPG, 2001, p. 102).

Assim, o intercambio de atividades físicas entre as escolas é visto como fator enriquecedor, tanto de conhecimento como de convívio social para os educandos. O 1º Ciclo consiste então em uma abordagem holística de jogos, brincadeiras, danças, entre outros. No 2º ciclo, os conteúdos que foram abordados no ciclo anterior, aqui serão desdobrados e trabalhados de forma específica. As tabelas 14 e 15 mostram quais atividades podem vir a ser trabalhadas com o auxílio do turismo pedagógico.

TABELA 14 – Conteúdos Curriculares de Educação Física presentes no Ensino Fundamental do 1º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Educação Física – 1º Ciclo	
Explicação e demonstração de brincadeira aprendidas em contextos extracurriculares	Apreciação e valorização de danças pertencentes à localidade
Participação em danças simples ou adaptadas, pertencentes a manifestações populares, folclóricas ou de outro tipo que estejam presentes no cotidiano	

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.102-103.

TABELA 15 – Conteúdos Curriculares de Educação Física presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(continua)

Conteúdos Curriculares de Educação Física – 2º Ciclo	
Participação em danças pertencentes a manifestações culturais da coletividade ou outras localidades, que estejam presentes no cotidiano	
Apreciação e valorização de danças pertencentes à localidade	

TABELA 15 – Conteúdos Curriculares de Educação Física presentes no Ensino Fundamental do 2º Ciclo que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

(conclusão)

Valorização das danças como expressão da cultura, sem discriminações por razões culturais, sociais e de gênero
Análises de alguns movimentos e posturas do cotidiano a partir de elementos socioculturais e biomecânicos
Conteúdo sugerido pelo autor: Recreação

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.103-104.

2.6.8 Ensino Religioso

Previsto pela Lei nº 9.475. de 22 de julho de 1997 em seu art. 33 estabelece que:

Art. 33 – O Ensino Religioso de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito a diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (SMEPG, 2001, p. 108).

Sendo assim, “O papel do Ensino Religioso é de ajudar o ser humano a descobrir o sentido de unidade das coisas.” (SMEPG, 2001, p. 109). Sem que haja a indução das crianças para serem adeptas a qualquer tipo de manifestação religiosa apresentada em sala (salvo aquelas as quais eles fazem parte em seu convívio familiar e social). Os encaminhamentos pedagógicos para o desenvolvimento desta disciplina, usam o método dialético para o ensino-aprendizagem da religião, sendo este método constituído por: Totalidade, movimento, mudança qualitativa, contradição, ver, julgar e agir, são os meios pelos quais se dá a compreensão do ensino religioso, desde o entendimento do fator/fato religioso em si, até como uma manifestação religiosa afeta a vida da comunidade onde a criança está inserida.

Os conteúdos de ensino religioso não estão separados por ciclos (1º ou 2º ciclos), eles estão presentes em toda grade curricular do aluno, como um conteúdo complementar, que afeta direta ou indiretamente na aplicação dos demais conteúdos.

TABELA 16 – Conteúdos Curriculares de Ensino Religioso presentes no Ensino Fundamental do 1º e 2º Ciclos que podem ser trabalhados com a ótica do Turismo Pedagógico

Conteúdos Curriculares de Ensino Religioso – 1º e 2º Ciclos	
A Pessoa: O Encontro Consigo	
A criação do mundo	Sua origem
Sua identidade	Sua história
As Relações com o Mundo e com as Pessoas	
O trabalho, descanso e o lazer	As novidades
A Busca do Sagrado	
As viagens e morte de Jesus	
Nossas Comemorações	
Celebrando a vida	Recuperando a história
Páscoa	Festejando a Natureza
Festejando a vida na família e na escola	Dando graças a Deus (Natal e encerramento do ano letivo)

Fonte: Adaptado de Diretrizes Curriculares Ensino Fundamental 2001/2004, p.110-112.

2.6.9 Adaptações Curriculares

Ao se tratar de crianças com necessidades educacionais especiais, deve-se ter em mente de que não necessariamente a criança possui uma deficiência física ou psíquica, a amplitude deste termo se encaixa também a vida social da criança, em relação a sua moradia, condições de vida, elevadas habilidades.

A principal diferença entre os portadores e não portadores de necessidades educacionais especiais está no modo como se lhes ensina e não propriamente nas matérias a serem aprendidas. (SMEPG, 2001, p. 119).

A escola é o ambiente que acolhe todas as crianças sem distinção, porém, para ser uma escola inclusiva, onde todos se sintam parte do conjunto, há a necessidade da existência de uma flexibilidade, tanto em estrutura física quanto profissional. Todo este questionamento deve envolver a escola, a comunidade, a família das crianças especiais, o governo e demais entidades que envolvam a saúde física e psíquica das mesmas, para que haja um planejamento sustentável de como gerenciar a atual situação do espaço escolar em relação às adaptações para o ensino-aprendizagem.

2.6.10 Sistema de Avaliação

O sistema de avaliação da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, leva em consideração diversos aspectos a respeito do desenvolvimento da criança, desde a bagagem cultural que os educandos trazem de suas casas, ou por meio de seu convívio social, até estarem aptos a passar para outro ciclo ou série. Conforme os ciclos e os conteúdos abordados, o aluno é avaliado pela aquisição e compreensão dos conhecimentos transmitidos, das responsabilidades cumpridas, do desenvolvimento pessoal, coletivo e acadêmico, a partir da evolução das perguntas, capacidade para resolução de problemas, interesse pelo conteúdo aplicado, entre outros pontos a serem avaliados.

Luckesi (1995, p. 81), afirma que:

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador, condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários. Desse modo, a avaliação não seria tão somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem. Se um aluno está defasado não há que, pura e simplesmente, reprová-lo e mantê-lo nesta situação.

Considerando a citação de Luckesi, o frequente diagnóstico é um modo de avaliação eficaz, que identifica a atual situação do aluno, e sendo esta situação negativa, as medidas a serem tomadas poderão ser prognosticadas com mais facilidade, fazendo assim, com que o aluno consiga sair de seu estágio defasado com mais rapidez e sem deixar de adquirir algum conhecimento. De maneira geral, para um aluno ser aprovado, ele precisa se fazer presente em pelo menos 75% (setenta e cinco por cento) das horas letivas estipuladas por diretrizes nacionais, bem como, atingir um nível de desempenho a partir de pareceres conclusivos desenvolvidos para cada disciplina. A aprovação, reprovação, remanejamento de ciclos, classe de aceleração ou classe de apoio, se dá por meio de deliberação do Conselho de Avaliação e Conselho de Classe das escolas.

2.8A FORMAÇÃO DOS DOCENTES

A formação e a capacitação contínua dos professores da rede inclui “[...] o desenvolvimento do professor quanto ao conhecimento de si próprio e da realidade.” (NASCIMENTO, 1997, pag. 78). O autoconhecimento do professor é um dos fatores para o bom desenvolvimento do sistema de ciclos, uma vez que o profissional deve sempre estar atento as mudanças e tendências, respeitando as preferências, dificuldades e emoções de cada pessoa, inclusive de si próprio.

3 movimentos básicos: a reflexão-na-ação, reflexão-sobre-a-ação, e sobre a reflexão-na-ação. O primeiro refere-se aos processos que ocorrem concomitantemente a ação, o segundo refere-se ao processo de pensamento que ocorre após um situação conflitante é a reflexão do professor quanto a sua reflexão na ação. E o último diz respeito as reflexões que o professor realiza em decorrência as duas reflexões anteriores. (SHON, 2000).

O processo de reflexão e ação acima mencionado é um dos meios pelos quais o professor consegue desenvolver-se em sala, aplicando os conteúdos programados de forma planejada e clara, permitindo a fácil compreensão dos educandos. O papel da SMEPG, na formação desses professores se remete a:

- Oferta capacitação e aprimoramentos constantes;
- Associar possibilidades de teoria e prática;
- Dar ênfase aos estudos de ação pedagógicos desenvolvidos pelo professor;
- Manter o corpo docente atualizado por meio de eventos¹².

O profissional da educação necessita saber dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão dos alunos, conhecer os dispositivos de trabalho diferenciado, enfrentar dilemas éticos da profissão. Sobretudo, o professor deve sentir-se responsável por sua formação contínua. (PERRENOUD, 2000).

Esta forma de ensino aproximando a realidade das salas de aula apresenta-se nas diretrizes municipais como “ensino-aprendizado”, na qual o professor permanece em constante formação e capacitação, observando seus resultados no avanço de apropriação dos conteúdos pelos seus alunos.

¹² Adaptado de SMEPG.

2.9 SENSIBILIZAÇÃO

Deixar-se envolver, é a palavra que melhor contém o significado de sensibilização, é o estado de espírito onde uma pessoa permite que algo ou alguém lhe transmita informações e conhecimentos, se que haja interrupção neste processo.

[...] é a faculdade de sentir, de perceber modificações no meio em que se vive, e de reagir de forma adequada frente a elas. Está relacionada a capacidade de se impressionar com as coisas e torná-las fonte de conhecimento para a vida. (MTUR, 2007, p. 13).

É a mudança de olhar como, que faz com que um cidadão perceba, as riquezas que o cercam em coisas simples do cotidiano – atrativos turísticos, atitudes, entre outros. A partir dos módulos operacionais desenvolvidos pelo ministério do turismo em 2007, para o PRT – Plano de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, algumas das definições utilizadas neste trabalho, foram colocadas de forma a dar ênfase no turismo pedagógico. Conforme o Mtur (2007, p. 15):

Sensibilizar é oferecer, às pessoas da comunidade ou da região, meio e procedimentos que as façam perceber novas possibilidades e lhes permitam enfrentar as mudanças e as transformações necessárias quando se adota uma nova postura frente ao turismo.

Ponta Grossa, inserida na região turística dos Campos Gerais, vive as mudanças de uma cidade em constante desenvolvimento. Tais mudanças podem ser observadas no número de carros, que já ultrapassaram o número de vagas de estacionamentos espalhados por toda a cidade, gerando nos horários de pico, pequenos engarrafamentos, que demonstram como a cidade cresceu e continua crescendo.

As tendências de uma vida sustentável atingem todos os setores da economia, inclusive e principalmente o turismo, onde como já visto, segmenta seu mercado para melhor atender a demanda. A preocupação das pessoas com um ambiente melhor, de modo a deixar um legado para as futuras gerações, faz com que, as questões de preservação e conservação venham à tona.

O turismo pedagógico, em seu processo de aprendizado diferenciado, atinge várias pessoas, em seu planejamento e em sua área de influência, tais pessoas são: os professores em geral, pedagogos e diretores; os alunos e a sociedade em si – pessoas físicas e jurídicas, ligadas ou não a atividade turística.

A sensibilização na construção do processo do turismo pedagógico como ferramenta auxiliar na educação, deve trabalhar isoladamente cada parte do sistema que o compõem – Os professores, os alunos, os atrativos existentes na cidade e a sociedade civil.

Atitudes de sensibilização são necessárias para um bom desenvolvimento do trabalho conjunto entre as partes constituintes do sistema. Criar e adequar, demonstrar ter os mesmos princípios e objetivos, criar parcerias, reforçar os vínculos profissionais, mostrar-se flexível, compartilhar conhecimentos teóricos e vivências práticas, enfrentar obstáculos na busca de soluções, mostrar-se receptivo a novas ideias, desenvolver seu lado criativo, usar o bom senso e principalmente, reconhecer a importância de cada parte, faz com que cada integrante do processo perceba a sua importância na aplicação do planejamento, sem que haja distinção de atividades mais complexas ou simples incumbidas a cada pessoa.

Para que um planejamento realmente ocorra, independente do setor planejado, os representantes da sociedade são as primeiras pessoas as quais devem estar sensibilizadas com o objetivo principal da ideia – neste caso, uma adequação do ensino fundamental na rede municipal a partir do turismo pedagógico.

É preciso que a criança se torne sensível às motivações que lhe trazemos, que compreenda que aquilo que temos a dizer é agora importante para a sua vida, para a vida da comunidade, no seio da qual deve já representar um papel de homem. (FREINET, 1973)

Competências dos Envolvidos no processo de Sensibilização de Ideias

Fundação de Turismo – Desenvolver, divulgar, distribuir e oferecer atividades e materiais técnicos a respeito da atividade turística na cidade e região; dar suporte para as outras partes; verificar as condições estruturais dos atrativos, para recebimento e acomodação dos estudantes;

Prefeitura Municipal – disponibilizar todos os bens e serviços necessários para a realização das atividades, em sala e em campo (como transporte, lanche, liberação da taxa de entrada nos atrativos, entre outros);

Secretaria de Educação – aplicar os materiais técnicos produzidos pela fundação, e/ou outros órgãos de turismo da cidade; durante a realização anual da semana

pedagógica, que consiste num treinamento, discussão e aprimoramento dos assuntos escolares, reservar um dia para se tratar da aplicação dos assuntos verticais na educação, se possível com profissionais de cada área – inclusive de turismo; sensibilizar os professores para que eles sensibilizem, mobilizem e conscientizem os alunos; realizar saídas práticas antecipadas nos lugares a serem visitados (para conhecimento prévio), verificar a execução da Lei nº 8541 de 14/06/2006, que diz respeito ao número mínimo de aulas passeios que cada escola deve realizar; monitorar os alunos na compreensão dos assuntos envolvendo o turismo, bem como se o modo como eles estão sendo aplicados traz satisfação e facilidade na compreensão das disciplinas básicas;

Alunos – compete a eles estarem regularmente matriculados e frequentando a escola, eles darão a resposta se esta modalidade de turismo os incentiva a estudarem e se esta ferramenta auxilia na compreensão dos assuntos abordados em sala, independente da disciplina;

Poder Público e Poder Privado – representado por empresários do terceiro setor, órgãos públicos que cuidam da administração dos atrativos e sociedades apoiadoras do turismo municipal como Rotary Club e Convention & Visitors Bureau – compete a estes poderes, o apoio, financeiro e social durante toda a realização do processo e das atividades, além de, contribuírem com ideias que aprimorem o turismo pedagógico na cidade.

A interação das partes componentes do sistema fará com que todos tenham uma relação intra e interpessoal, alcançando o objetivo comum, do desenvolvimento sustentável da atividade, que por meio da educação, trará a preservação e conservação do lugar e seus atrativos. Para que a sensibilização aconteça, alguns passos são importantes:

- Impor e monitorar as tarefas de cada parte;
- Designar um responsável pela atividade de sensibilização;
- Utilizar os meios de comunicação disponíveis para a comunidade participar;
- Explicar a importância de todos;
- Verificar se todos estão de acordo com a proposta estabelecida;

- Análise dos fatores internos e externos, bem como, das oportunidades e ameaças – Análise Swot¹³;
- Qualificação e capacitação de todos – noções básicas de turismo;
- Identificar os recursos disponíveis;
- Mobilizar.

Adaptado de Ministério do Turismo, 2007, p. 19-20.

Durante todo o processo de planejamento até a implementação do plano de ação, considerando o fator sensibilização, a rejeição ao novo surge como um empecilho. A resistência toma forma a partir do desconhecido, as novas condições impostas, a permanência na zona de conforto é o que traz estabilidade, a ansiedade cria situações negativas que impede as pessoas de aceitar as mudanças.

Motivar é encontrar motivos para fazer mais e melhor o que já se fazia ou se deseja fazer. Significa buscar com espontaneidade e encontrar respostas adequadas para novas ou velhas perguntas. A base da motivação é o incessante exercício de esclarecimento e crescimento na busca incansável do próprio caminho. (MTUR, 2007, p. 50).

A preocupação com uma educação de qualidade, que permita o pleno desenvolvimento cognitivo do aluno, torna-se aqui a motivação principal para a realização de novas técnicas de ensino, dentro e fora da sala de aula, que consigam proporcionar ao aluno descobertas sobre si próprio e onde vive, as quais influenciarão no seu crescimento tanto em estatura física como sabedoria.

2.10 MOBILIZAÇÃO

Mobilizar significa movimentar, mover, colocar a si mesmo e a um conjunto de pessoas para participar das ações coletivas. De acordo com Toro e Werneck (2004, p. 13) “Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados.” Para o Mtur (2007, p. 14):

[...] mobilizar é reunir poder público, empresários, sociedade civil, e instituições de ensino em torno de um objetivo comum, que será alcançado mediante o empenho a participação e a união de todos os setores da sociedade.

¹³ Modelo norte americano de planejamento macro ambiental, desenvolvido na Universidade de Stanford entre as décadas de 1960 e 1970.

A mobilização então concretiza e implementa a sensibilização, uma vez que já visto que a sensibilização é o processo pelo qual se alcança a confiança das pessoas e as tornam sensíveis e receptivas para o novo, sendo assim, as principais características deste novo processo é valorizar e manter todos motivados, fazendo com que a ideia de que cada um é o responsável por seu próprio desenvolvimento seja entendida e fixada, justamente porque o grau do envolvimento de cada agente no processo é o que definirá a sua eficácia.

O papel da mobilização deve articular, envolver, integrar e promover os bens, serviços e principalmente as pessoas. O conhecimento e reconhecimento da cidade como atrativo turístico são os requisitos básicos para que as futuras atividades de mobilização em prol da atividade sejam desenvolvidas, a mudança de visão, faz com que todos tenham uma nova percepção da atividade, levando a uma nova conduta de vida.

A mobilização é um processo que deve ser usado em qualquer circunstância que busque exercitar os preceitos de cidadania, democracia e produtividade [...]. (MTUR, 2007, p. 19).

Para que o processo de mobilização aconteça de forma harmoniosa integrando seus participantes, é necessário que ela seja desenvolvida de forma sustentável, sendo que mobilizar por mobilizar, sem que haja um planejamento prévio das atividades, pode fazer com que o objetivo comum não seja alcançado, deixando a imagem das organizações e agentes participantes vulgarizadas. Entende-se por

Sustentável, aquilo que é durável, que se sustenta por muito tempo. Sustentar, além de manter, fazer durar, significa dar vida a alguma coisa, animá-la, levando-nos à conclusão de que a sustentabilidade no turismo está relacionada a preservação da natureza, dos hábitos, da cultura e dos atrativos para que não se esgotem, mas também para que o desenvolvimento turístico seja parte importante para o desenvolvimento social, cultural e econômico de toda a sociedade. (MTUR, 2007, p. 20).

O Ministério do Turismo, baseado nas definições de Turismo Sustentável da Organização Mundial do Turismo – OMT, define turismo sustentável como sendo

[...] a atividade que satisfaz as necessidades dos turistas e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro. (MTUR, 2007, p. 20 apud OMT, 1999).

Para que tais atividades, tanto de sensibilização, quanto de mobilização, possam ser desempenhadas de maneira a atingir um objetivo comum, a figura do

mobilizador - pessoa que vai tomar a frente de todas as atividades a serem desenvolvidas, deve exercer funções que promovam a integração no grupo e possuir aptidões de gestão e relacionamento em grupo.

O mobilizador deve favorecer a integração e o relacionamento entre os membros do grupo, facilitar a aprendizagem, o repasse e a troca de conhecimentos (MTUR, 2007, p. 27).

Para tanto, a título de informação, algumas das aptidões de um mobilizador: Capacidade de avaliar sistematicamente o trabalho realizado, habilidade e técnica na condução do trabalho em grupo, capacidade de envolver os participantes no processo. Algumas qualidades do mobilizador: ser ético, não subestimar o potencial do grupo, ter paciência, estar familiarizado com o turismo, ter tempo interesse e responsabilidade, ser representativo na cidade.

Para o desenvolvimento do processo de mobilização, é necessário que se crie um horizonte atrativo, evidenciando os objetivos que se pretende alcançar com o processo determinado, partindo sempre do pressuposto principal, a integração, constituída por quatro elementos – informação, comportamento, estratégia e afetividade (MTUR, 2007, p. 28). Como parte constituinte neste processo, os princípios de coletivização passam a ser mais uma etapa importante na mobilização. Coletivização seguindo a ideia do MTUR (2007, p. 28-29) é o trabalho que determinada pessoa faz, mas que também está sendo realizado por outras pessoas da mesma categoria, atento ao tempo e modo de execução que vai diferir de pessoa pra pessoa em relação a atividade proposta, porém, com os mesmos objetivos.

No entanto, a implementação do processo de mobilização, ocorre apenas quando a participação da sociedade é ativa. Os planos de ação só começam atingir seus objetivos a partir da responsabilidade assumida na participação do processo, “A participação não é um processo que brota no terreno do conformismo, da indiferença, da falta de iniciativa ou da passividade da parte dos habitantes (MTUR, 2007, p. 31)”, ela deve ser eficiente, sustentável, igualitária, confiável, fácil e democrática.

A atividade turística e a pedagogia fornecem base para o desenvolvimento sustentável do turismo pedagógico, podendo intervir nas diretrizes curriculares da cidade com a participação, sensibilização e auxílio dos agentes mobilizadores que

estão à frente da Secretaria Municipal de Educação, Fundação Municipal de Turismo e demais órgãos competentes.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 O TURISMO PEDAGÓGICO NAS DISCIPLINAS

. A análise do turismo pedagógico como ferramenta de ensino, foi realizada baseada nos conteúdos selecionados das tabelas do Capítulo 2, que continham alguns dos assuntos essenciais do currículo do ensino fundamental, os quais poderiam vir a ser trabalhados com o auxílio desta modalidade do turismo, tanto em seu desdobramento teórico quanto prático.

Em Português, na linguagem oral, o passeio ao redor da escola caminhando por algumas ruas, pode dar base para a descrição de objetos e pessoas, criar situações narrativas para a produção de textos, bem como trazer para a sala folders e propagandas turísticas de cidades conhecidas por suas manifestações culturais, onde as lendas, mitos são extremamente fortes, como São Luís – Maranhão, por exemplo, com a presença da dança folclórica do bumba meu boi.

A partir do material impresso, a criança praticaria a leitura e a escrita, reescrevendo essas histórias conforme as compreendeu em sua cabeça, principalmente devido à presença de imagens ilustrativas que facilitam o entendimento da disciplina.

Com suas habilidades linguísticas mais fortalecidas, uma visita a Biblioteca Municipal, a Casa da Memória e ao Museu Campos Gerais, ou a outro museu da cidade, faria com que os alunos tivessem contato com textos e situações que os motivariam nas quatro divisões da matéria – oral, escrita, leitura e produção de textos.

Aliando os conteúdos de língua portuguesa aos conteúdos de história, a multidisciplinaridade do turismo pedagógico, faria com que as aulas-passeio de português fossem válidas também para história, uma vez que, os conteúdos deste ciclo, privilegiam quase que exclusivamente aos fatos históricos do desenvolvimento do município e do Estado.

A visita pode se prolongar para demais atrativos e monumentos da cidade, os quais fazem parte do ensino da disciplina, como a Praça Marechal Floriano Peixoto, onde se localizam o Monumento do Sesquicentenário, o Monumento em

Homenagem a Bíblia, o Marco Zero da Cidade e a Catedral de Sant'Anna, em homenagem a padroeira de Ponta Grossa. Nas proximidades a visita ao Monumento do Tropeiro seria de grande valia, pois, foi com o ciclo do tropeirismo que o desenvolvimento da cidade e região teve início. Interligando a história e importância destes monumentos com as demais disciplinas, há várias possibilidades de se trabalhar.

Em matemática um estudo sobre o que significa Sesquicentenário, abordando a questão dos números ordinais, observação e descrição de formas, tamanhos, dimensionamentos, pesos, distância do atrativo em relação à escola, fazer a ligação dos anos em que os monumentos foram construídos, em qual mês, qual dia da semana, calcular quanto tempo falta para a cápsula do Monumento do Sesquicentenário ser aberta, quantos são os mandamentos presentes no Monumento em Homenagem a Bíblia e de que forma estão divididos, aqui já abordando a questão do ensino religioso e língua estrangeira, pois no monumento encontram-se as letras gregas que representam o alfa e o ômega, o começo e o fim, além do símbolo do Cristo Redentor presente também no monumento, representado pela junção das letras gregas X e P.

O estudo da formação da sociedade por meio de visitas facilita ao aluno a compreensão de onde está inserido. Os conteúdos de Geografia nos dois ciclos de aprendizagem conduzem ao entendimento desta formação da sociedade e da natureza, observando a distribuição territorial da cidade em área urbana e área rural. Em sala, a produção de mapas para serem utilizados nas visitas, auxiliaria nas disciplinas de português, história, matemática, educação artística, além da própria geografia.

Os conteúdos de educação artística e educação física valorizam a questão da liberdade de expressão da criança, quanto a seus movimentos e sentimentos que podem ser expressos por meio destas duas disciplinas. Os eventos que a cidade possui como o JEM – Jogos Estudantis Municipais, FENATA – Festival Nacional de Teatro, entre outros, possibilitam a participação e incentivam o aluno na prática de esporte e gosto pela cultura. A livre expressão colocada por Freinet (1973), seria aqui umas das técnicas para a aplicação destes conteúdos curriculares.

A parceira da rede municipal de ensino, com as universidades da cidade, faria com que alguns programas e projetos da extensão universitária, fossem desenvolvidos com os alunos da rede municipal.

O Conhecendo PG – Projeto de Extensão Universitária, desenvolvido pelo Departamento de Turismo da UEPG, em parceria com a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Viação Campos Gerais – VCG, Fundação Municipal de Turismo, Xetá – Empresa de Turismo Receptivo e o Ponta Grossa Convention & Visitors Bureau, oferece gratuitamente para toda a cidade, quatro roteiros que passam pelos principais atrativos do município, sendo eles: Religioso, Histórico-Cultural, Industrial e Natural, as saídas do projeto acontecem todas as quintas-feiras no período da tarde, o agendamento é feito via telefone e/ou e-mail próprio do projeto. Nesses passeios, a escola tem a oportunidade de visitar, conhecer e aprender um pouco mais sobre a cidade e os significados de seus atrativos, que muitas vezes passam despercebidos devido à rotina diária. Os alunos vivenciam os conteúdos abordados em sala, assimilando com mais clareza as informações do lugar onde vivem.

Outro exemplo disso é o Programa de Visitas Conheça a UEPG, da Coordenadoria de Auxílio e Orientação ao Estudante – CAOÉ, órgão agregado a Pró Reitoria de Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que realiza visitas durante todo o ano letivo, com estudantes de todas as idades, sob agendamento prévio da escola, mostrando a estrutura de uma universidade e semeando, no caso das crianças, a ideia do que “Eu vou ser quando crescer”, pois nesta idade, as profissões do futuro que elas têm em mente, muitas vezes não se concretizam em profissões realmente existentes.

Aprofundando a temática do ensino religioso, a escola depare-se com várias manifestações religiosas que podem ser vistas e estudadas em sala e em aula-passeio. O Mosteiro da Ressureição da cidade, formado por monges beneditinos é um modelo destas manifestações, assim como, a Festa do Divino, a Mesquita e demais igrejas e lugares que simbolizam a fé, que podem dar o conhecimento da cidade em um âmbito religioso para os alunos.

Como atrativo principal da cidade, o Parque Estadual de Vila Velha, Furnas e Lagoa Dourada, fazem parte de uma das duas visitas anuais agendadas pela Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, a outra visita oficial agendada

pela secretaria é a ida dos alunos para Curitiba. Dentro do Parque Estadual de Vila Velha, as crianças podem ter o contato com vários tipos de formação do meio ambiente, que contemplam os conteúdos de ciências naturais, além de poder comparar com a formação de outros lugares que possa ter visitado na cidade, com a escola ou grupo social. O Buraco do Padre é outro atrativo que pode fornecer esta observação dos diferentes tipos de formação dos ambientes, estudando também os fatores externos que provocaram determinada formação, como o sol, a chuva e o vento na formação dos arenitos de Vila Velha e do Buraco do Padre.

Durante o período da realização das pesquisas quantitativas e qualitativas com as escolas municipais de Ponta Grossa, em conversa com os professores, pode se verificar a ausência de equipamentos e recursos financeiros para a realização das aulas-passeio. Conforme a Lei nº 8541 de 14/06/2006, determina que as escolas públicas municipais deveriam introduzir na grade curricular as visitas obrigatórias aos atrativos da cidade, sob orientação da Secretaria Municipal de Educação que definiria o calendário dessas visitas.

Além dos atrativos colocados como exemplo para a realização de um turismo pedagógico na cidade – Parque Estadual de Vila Velha; Furnas; Lagoa Dourada; Buraco do Padre; Museu Campos Gerais. Mosteiro da Ressureição; Biblioteca Pública e Campus da UEPG, a Lei nº 8541 de 14/06/2006, determina como pontos turísticos e ou culturais de Ponta Grossa: Canyon do Rio São Jorge; Represa do Alagados; Cachoeira da Mariquinha; Recanto Botuquara; Museu Época; Capela Santa Bárbara; Mansão Vila Hilda; Teatro Municipal, Campus do CESCAGE e Casa da Cultura.

Em seu Artigo 1º, a lei deixa claro que as escolas devem realizar visitas a um ou mais atrativos turísticos da cidade, de fato, a lei está sendo cumprida, contudo, como poderá ser observado nos gráficos dos resultados das pesquisas, torna-se complicado usar materiais que abordem o turismo em sala sem que ocorra a parte prática da atividade. As visitas ao Parque Estadual de Vila Velha e a Curitiba não são suficientes para que o aluno realmente conheça e aprenda sobre onde está inserido.

Caberia ao poder executivo tomar iniciativas para que os equipamentos e recursos financeiros sejam disponibilizados para o uso das escolas municipais. Um

planejamento estratégico possibilitaria com que os alunos conhecessem os atrativos elencados pela lei, antes do término do 2º Ciclo na rede municipal. A divisão das visitas deveria acontecer desde o 1º ano do 1º Ciclo, não apenas no 2º Ciclo, onde as disciplinas contextualizam o tema turismo como assunto vertical.

3.2 ANÁLISE DAS PESQUISAS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS

A análise do uso da cartilha de turismo em sala se deu por meio da pesquisa in loco. Foram desenvolvidos dois tipos de questionários para a aplicação, um quantitativo destinado aos docentes e outro qualitativo por escola, o qual foi preenchido pela diretora ou pedagoga responsável.

O critério de seleção das escolas foi de uma escola por bairro da cidade, para que se possa observar as diferentes situações que elas se encontram em relação ao uso da cartilha. Escolas com distâncias relativamente pequenas podem vivenciar a mesma situação em relação ao material analisado devido à proximidade, por isso, a escolha por bairros.

Oficialmente conforme o Sistema Informativo Territorial do Município de Ponta Grossa, (disponível em <http://geo.pg.pr.gov.br/webgis/map.phtml>, acesso em 05 jul. 2013), a cidade possui 16 bairros, sendo eles:

- | | |
|-----------------------|-----------------|
| 1. Boa Vista | 9. Neves |
| 2. Cará Cará | 10. Nova Rússia |
| 3. Centro | 11. Oficinas |
| 4. Chapada | 12. Olarias |
| 5. Colônia Dona Luiza | 13. Órfãs |
| 6. Contorno | 14. Piriquitos |
| 7. Estrela | 15. Ronda |
| 8. Jardim Carvalho | 16. Uvaranas |

Para o acesso as escolas e realização das pesquisas, foi necessária uma autorização concedida pela Secretaria Municipal de Educação, por meio de ofício expedido pelo Departamento de Turismo da Universidade Estadual e Ponta Grossa, o qual também solicitava o acesso aos documento que se fizessem necessários durante toda a realização do trabalho.

Com a autorização concedida, o critério de seleção das escolas por bairro foi o de maior número de professores por escola. As pesquisas foram aplicadas no período de 08/07/2013 a 22/08/2013 em 19 escolas da cidade. O motivo pelo qual foram selecionadas 19 escolas é o fato de que no Bairro Estrela e no Bairro Piriquitos não há escolas municipais e também, porque em algumas das demais escolas selecionadas, o número de professores era inferior quando comparado com a maioria. A Tabela 17 apresenta as escolas por bairro da cidade onde foram aplicadas as pesquisas.

TABELA 17 – Escolas por bairro onde foram aplicadas as pesquisas quantitativas e qualitativas do uso da Cartilha de Turismo

Escolas Pesquisadas		
	Escola	Bairro ¹⁴
1	Esc. Mul. Profª Adelaide Thomé Chamma	Jardim Carvalho
2	Esc. Mul. Profª Alda dos Santos Rebonato	Neves
3	Esc. Mul. Prof. Dr. Amadeu Puppi	Boa Vista
4	Esc. Mul. Profª Ana de Barros Holzmann	Col. D. Luiza
5	Esc. Mul. Prof. Aristeu Costa Pinto	Ronda
6	Esc. Mul. Profª Armida Frare Grácia	Col. D. Luiza
7	Esc. Mul. Profª Braulina Carneiro de Quadros	Jardim Carvalho
8	Esc. Mul. Catarina Miró	Órfãs
9	Esc. Mul. Cyrillo Domingos Ricci	Contorno
10	Esc. Mul. Profª Dércia do Carmo Noviski	Cará-Cará
11	Esc. Mul. Prof. Faris Antonio Michaeli	Chapada
12	Esc. Mul. Humberto Cordeiro	Oficinas
13	Esc. Mul. Lagoa Dourada	Centro
14	Esc. Mul. Profª Loise Foltran de Lara	Centro
15	Esc. Mul. Prof. Major Manoel Vicente Bittencourt	Olarias
16	Esc. Mul. Profª Minervina França Scudlareck	Uvaranas
17	Esc. Mul. Prof. Nelson Pereira Jorge	Nova Rússia
18	Esc. Mul. São Jorge	Nova Rússia
19	Esc. Mul. Zanoni Rogoski	Uvaranas

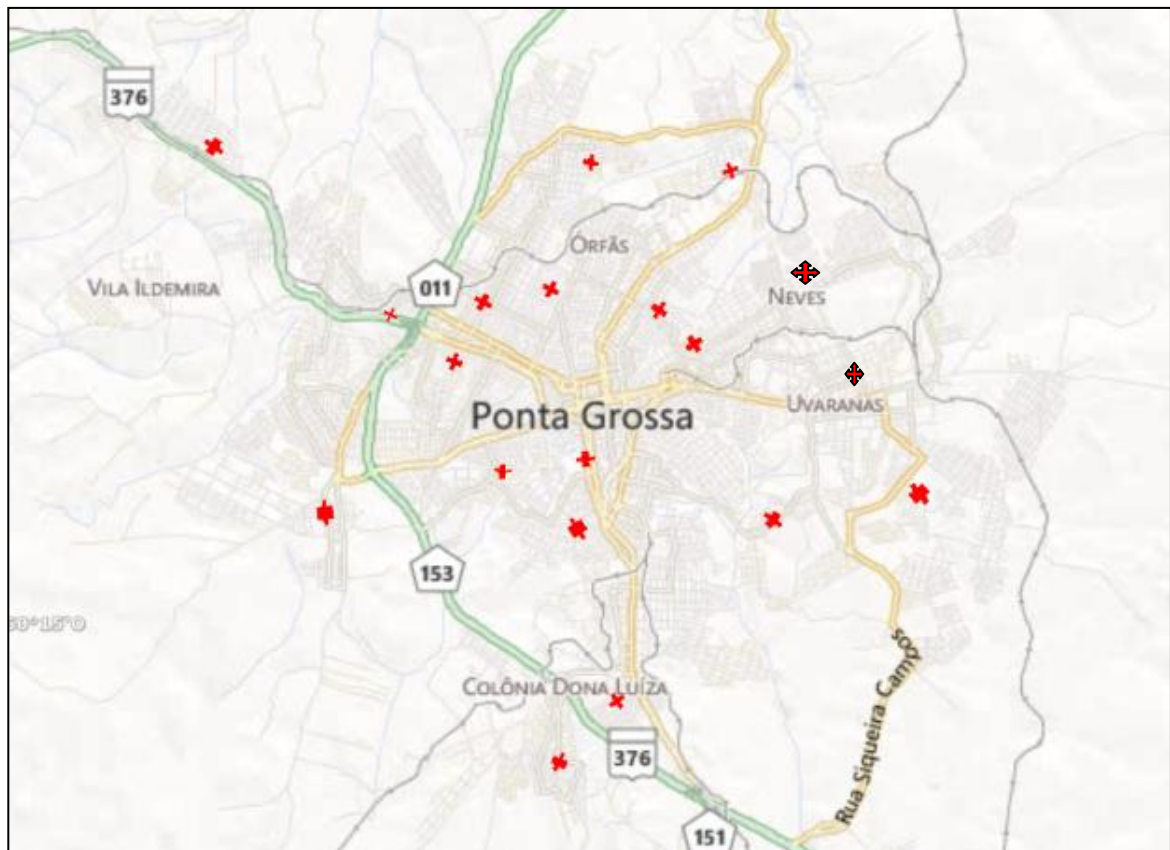
Fonte: O autor.

¹⁴ Os bairros que apresentam repetição são referentes às escolas que substituíram o Bairro Estrela e o Bairro Piriquitos e das escolas que possuíam um número inferior de professores quando comparado com as demais.

As escolas haviam sido informadas pela própria Secretaria Municipal de Educação sobre a realização das pesquisas. Durante a aplicação, cada escola ficava com uma cópia da autorização fornecida pela secretaria e uma cópia da capa e do sumário da Cartilha de Turismo, pois, caso a escola não possuísse mais o exemplar, a imagem e os conteúdos auxiliariam na hora de responder os questionários.

O Mapa 1 apresenta no mapa do município de Ponta Grossa, a distribuição quanto à localização das escolas pesquisadas na cidade.

MAPA 1 – Distribuição espacial das escolas pesquisadas

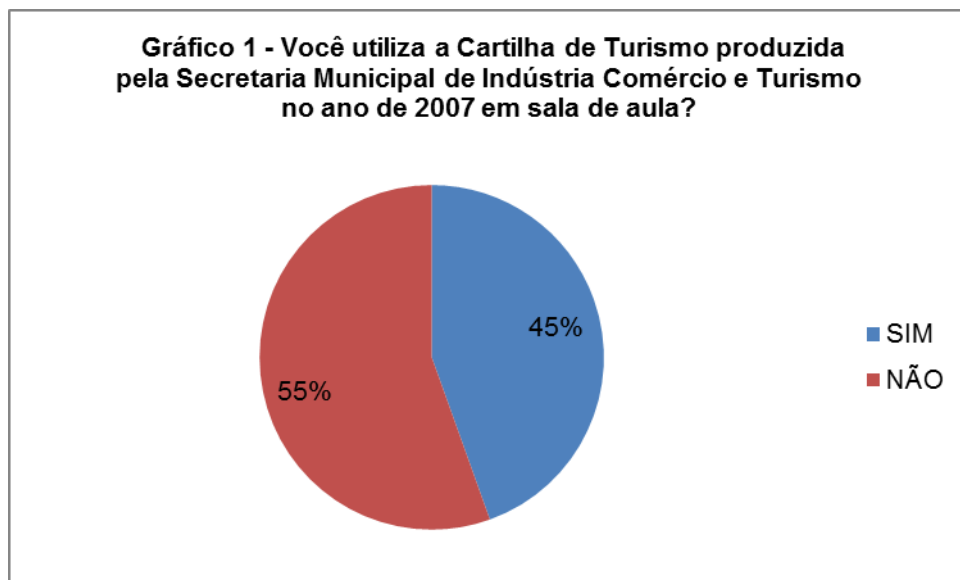


Fonte: O autor.

3.3 QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO – DOCENTES

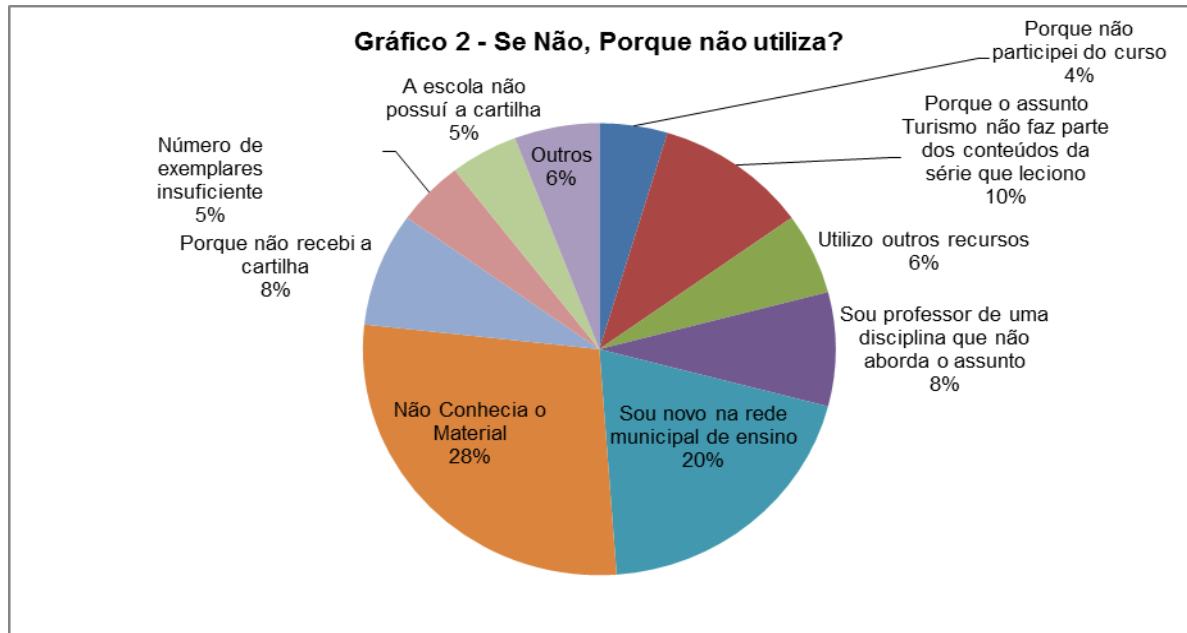
O questionário quantitativo aplicado com os docentes das escolas mencionadas era composto de sete perguntas, sendo seis delas objetivas e descritivas e uma apenas objetiva (apêndice 1). O total de professores pesquisados foi de 155. Baseado neste número e em conformidade com cada pergunta, os gráficos que mostram os resultados da pesquisa quantitativa serão apresentados no formato de porcentagem.

No Gráfico 1, referente a pergunta 1 do questionário, mostra quanto por cento dos docentes utilizam e quantos não utilizam a cartilha e daqueles que não utilizam qual o motivo por não utilizarem.



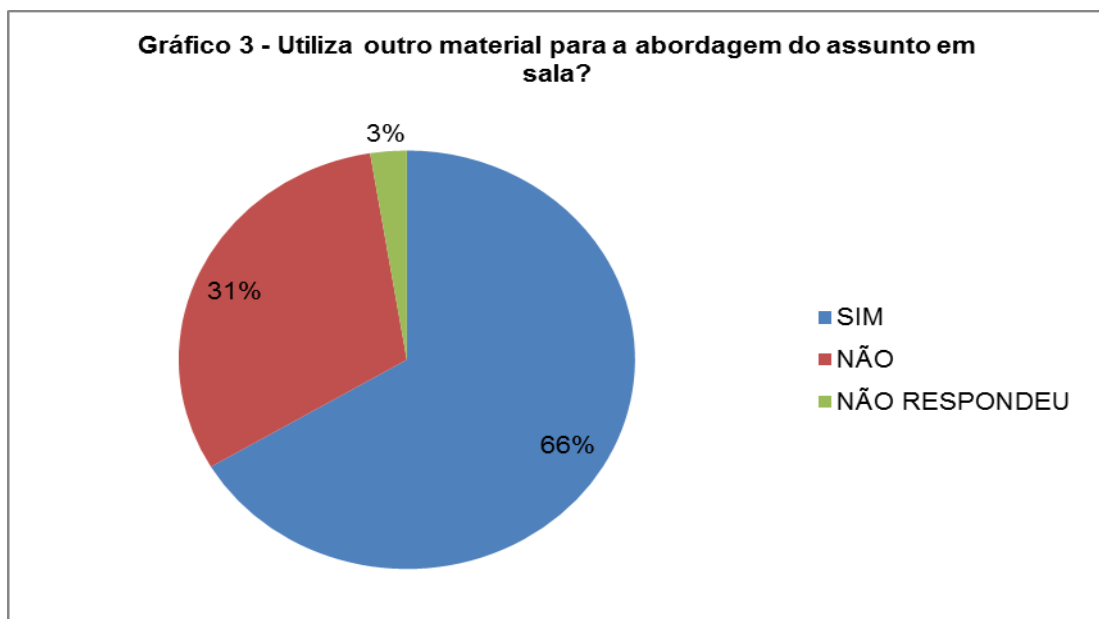
Fonte: O autor.

O Gráfico 2, apresenta os motivos pelos quais 55% dos docentes pesquisados não utilizam a cartilha. Dando destaque a questão dos 28% que não conheciam o material, alguns fizeram uma observação que só tiveram conhecimento da cartilha devido a esta pesquisa.



Fonte: O autor.

O gráfico 3, referente a pergunta 2 do questionário, mostra se os professores utilizam outros materiais didáticos para a abordagem do turismo em sala de aula.

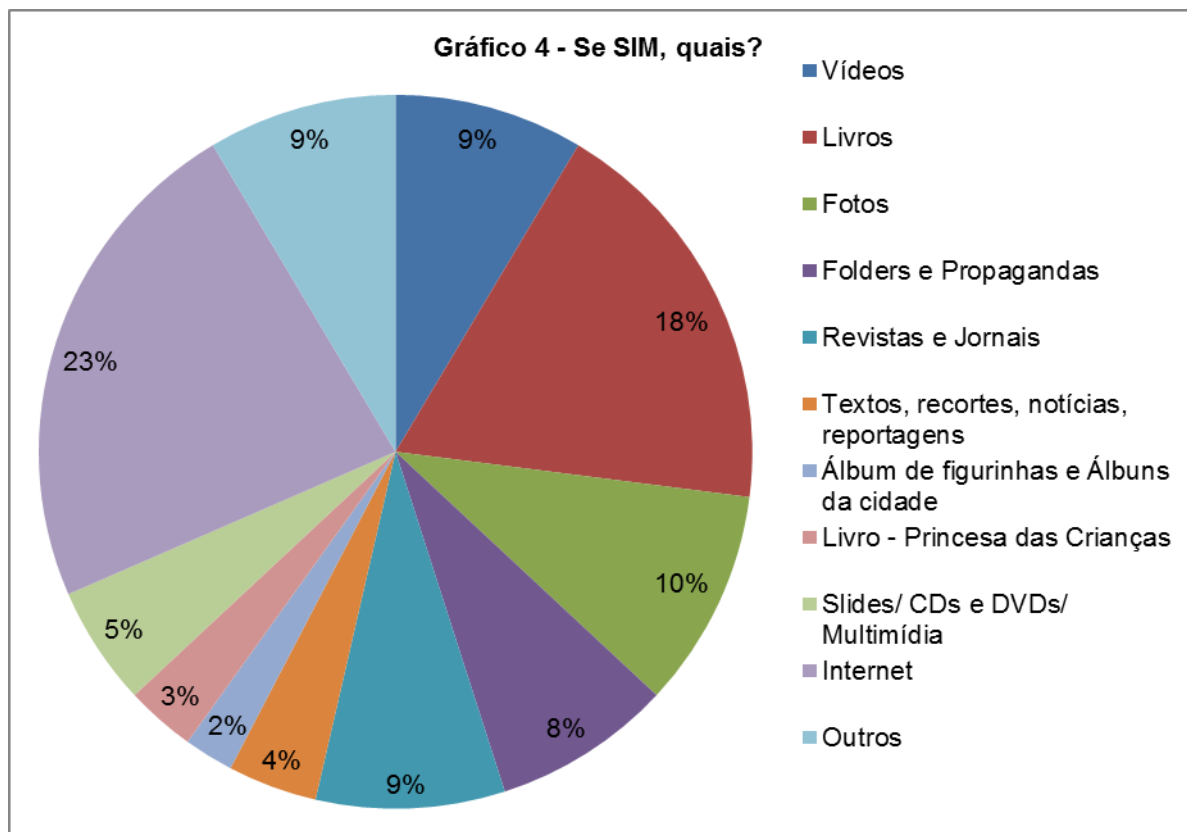


Fonte: O autor.

Dos 66% dos professores entrevistados que responderam que utilizam outros materiais, as principais fontes de consulta podem ser observadas no Gráfico 4. A internet com 23% e os livros com 18%, foram as fontes de pesquisa citadas em quase todos os meios de fontes de consulta.

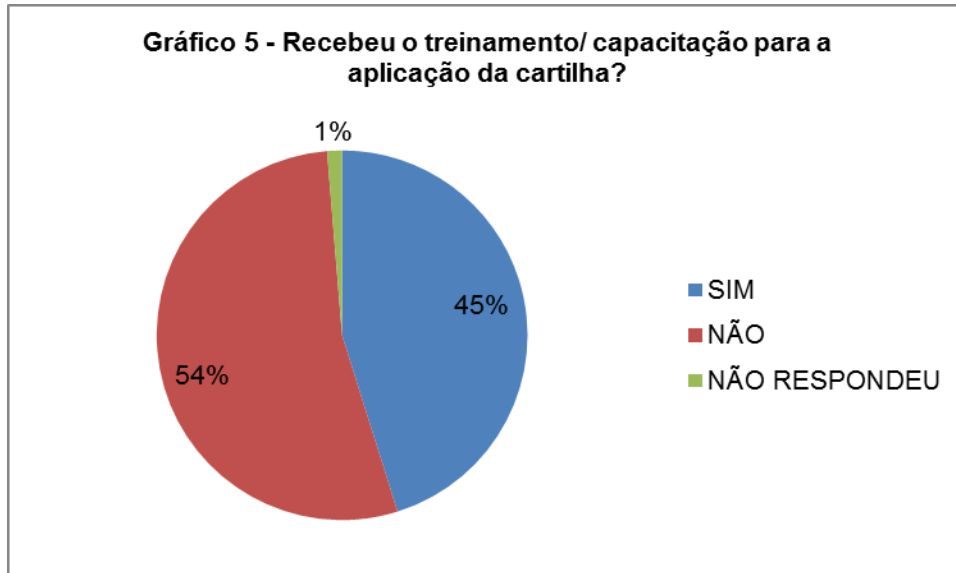
O livro Princesa das Crianças, colocado por 3% dos pesquisados, é um material mais antigo que a cartilha, ele foi publicado em 1989 pela pontagrossense Maria Lourdes Osternach Pedroso e assemelha-se a alguns conteúdos presentes na cartilha, bem como o álbum de figurinhas “Trocando Figurinhas” da cidade citado por 2% dos pesquisados, publicado em 2002.

Dentro dos 9% referentes a outros fontes, encontram-se o uso de mapas e salas de informática, com destaque para uma professora que elaborou um blog juntamente com os alunos sobre o turismo na cidade.



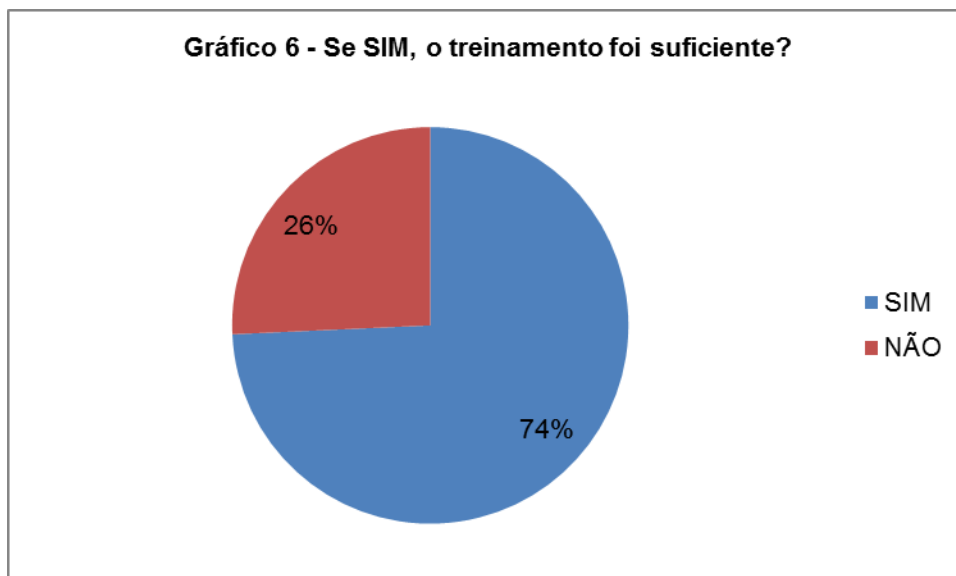
Fonte: O autor.

O Gráfico 5, referente a pergunta 3 do questionário, mostra quanto por centos dos 155 professores pesquisados receberam o treinamento para o uso da cartilha em sala de aula.



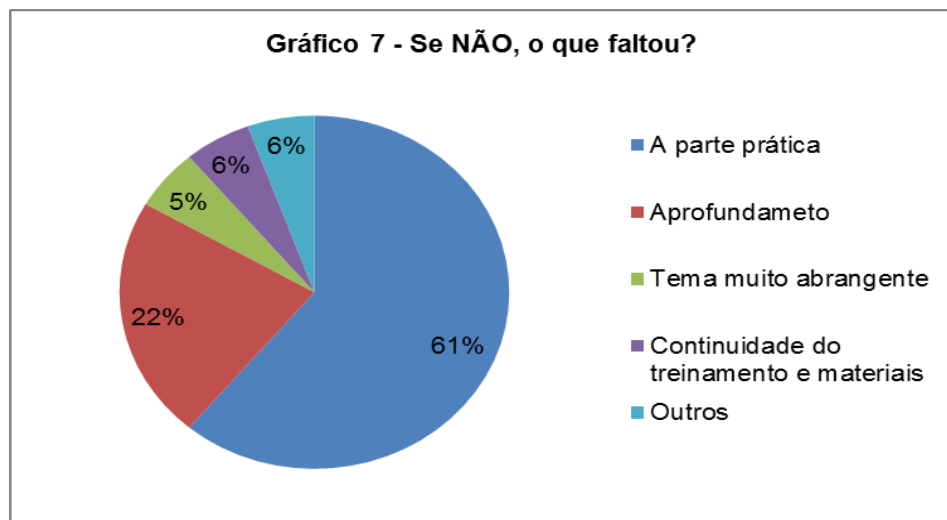
Fonte: O autor.

Dos 45% que responderam que receberam o treinamento, o Gráfico 6 mostra quantos acharam que o treinamento foi ou não suficiente.



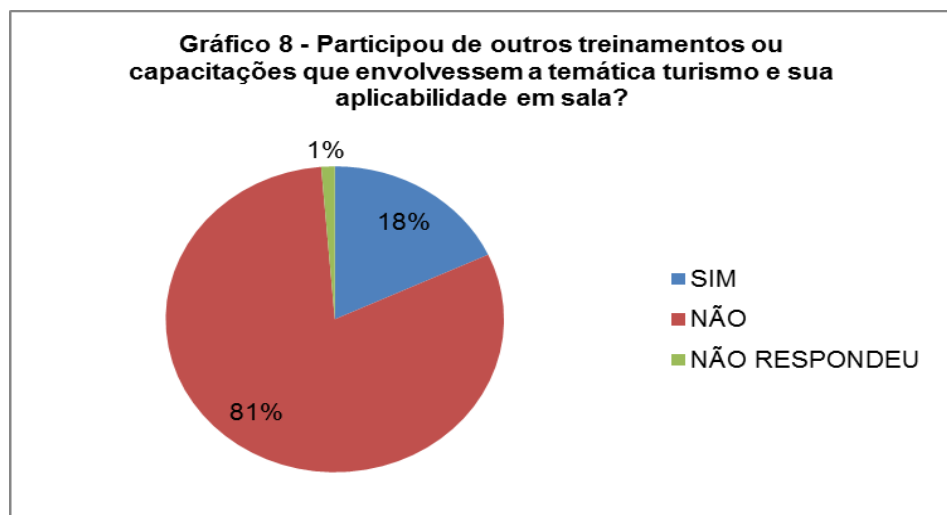
Fonte: O autor.

Mais de 70% dos pesquisados que receberam o treinamento, responderam que o mesmo foi suficiente. Os motivos pelos quais o treinamento não foi considerado suficiente pelos outros 26% dos pesquisados, estão apontados no Gráfico 7. Dentro das respostas dos pesquisados que consideraram o treinamento insuficiente, 61% responderam a ausência da parte prática e em observações feitas nos questionários, alguns professores mencionam que nem mesmo eles conhecem muito dos atrativos turísticos da cidade.



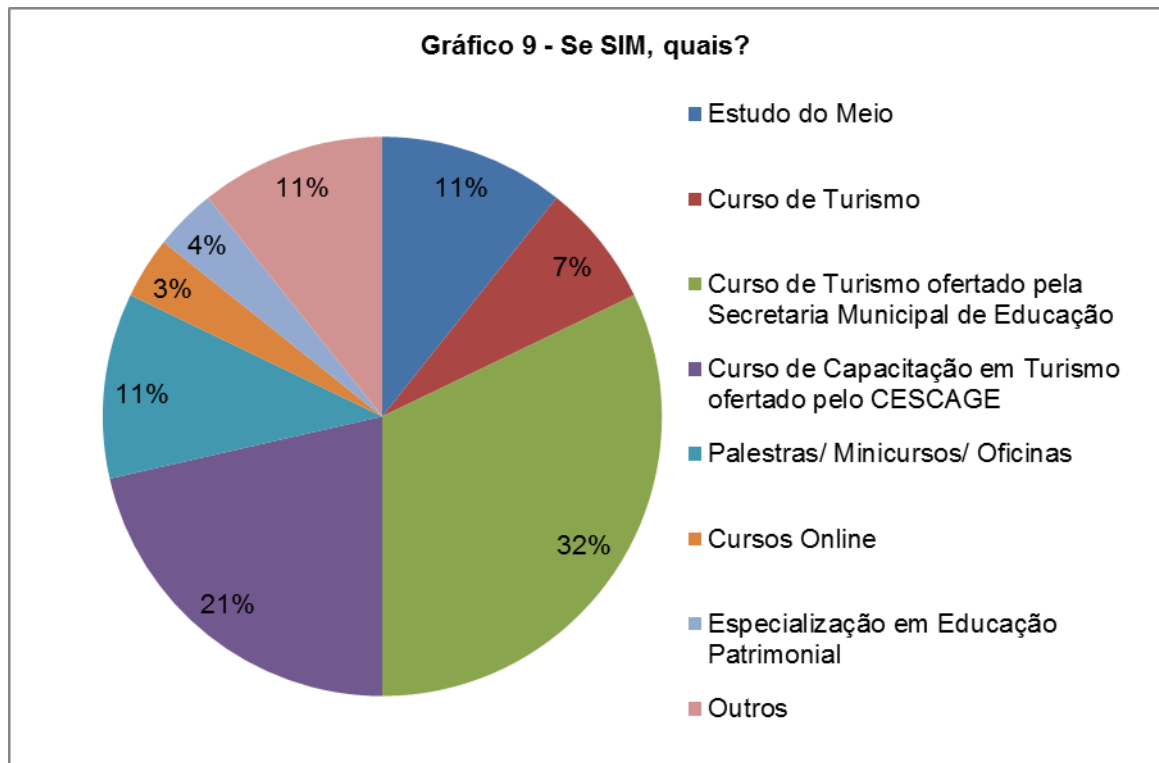
Fonte: O autor.

O Gráfico 8, referente a pergunta 4 do questionário, apresenta quantos do total de pesquisados participaram de outros cursos, palestras, capacitações que envolvessem a aplicabilidade do turismo em sala de aula.



Fonte: O autor.

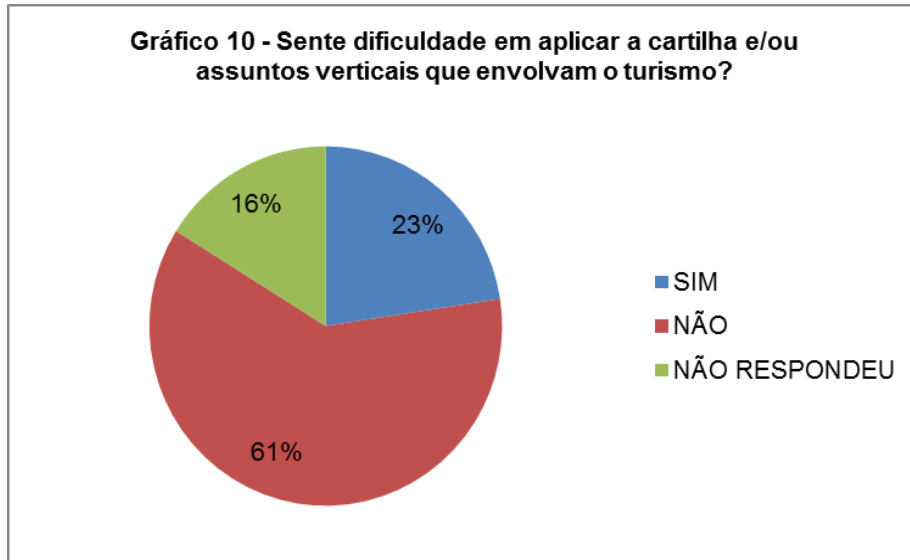
Dos 18% que responderam sim, o Gráfico 9 aponta quais cursos de capacitação e outros meios os quais os pesquisados receberam informações sobre o turismo. A Secretaria Municipal de Educação se destaca por oferecer cursos diversos de turismo com 32% de respostas além dos 11% do Projeto Estudo do Meio¹⁵. Com um percentual também elevado, se destaca o curso de qualificação em turismo oferecido pelo CESCAGE com 21% das respostas, levando em consideração que a instituição não possui turismo como opção de curso em seu catálogo.



Fonte: O autor.

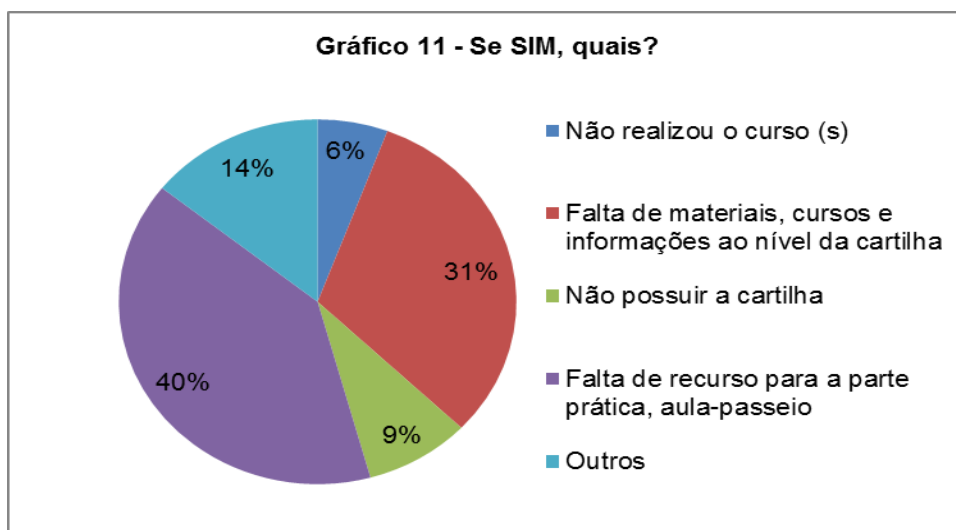
¹⁵ O Estudo do meio é um projeto de Educação Patrimonial, com o objetivo de oferecer condições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, qualificando os professores por meio do estudo e da visita aos patrimônios histórico-culturais e ambientais do município, da região e do país que se articulam aos conhecimentos presentes na proposta curricular. (SMEP, 2013).

O Gráfico 10, referente a pergunta 5 do questionário, mostra quantos professores do total de pesquisados sentem dificuldades em aplicar a cartilha e/ou outros assuntos em relação ao turismo.



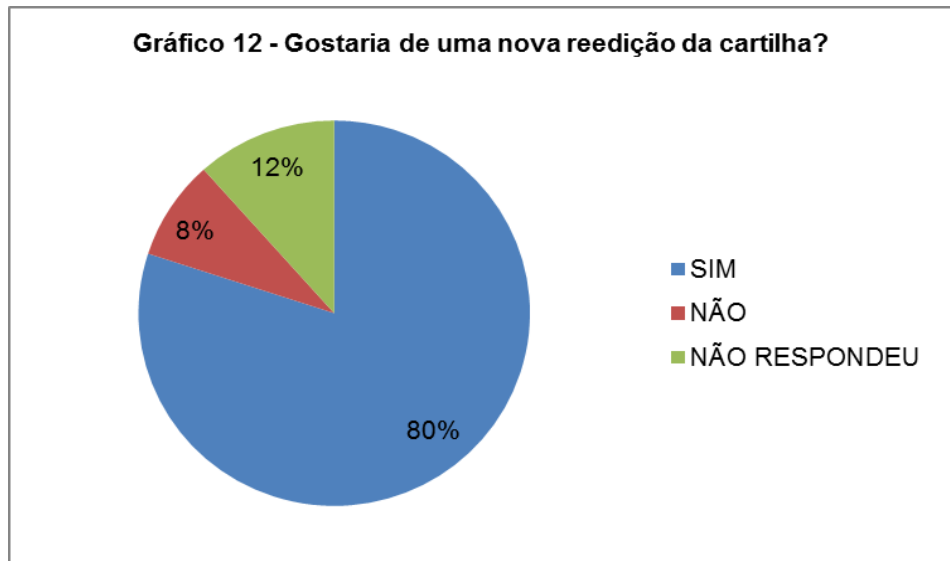
Fonte: O autor.

Dos professores que responderam que sentem alguma dificuldade para abordar o turismo em sala, o Gráfico 11 apresenta quais foram as dificuldades apontadas. Aqui, a maior carência verificada é a falta de recursos para a realização das visitas e de informações, cursos e materiais para pesquisa que abordem a temática do turismo com uma linguagem para crianças, clara e objetiva, como a cartilha.



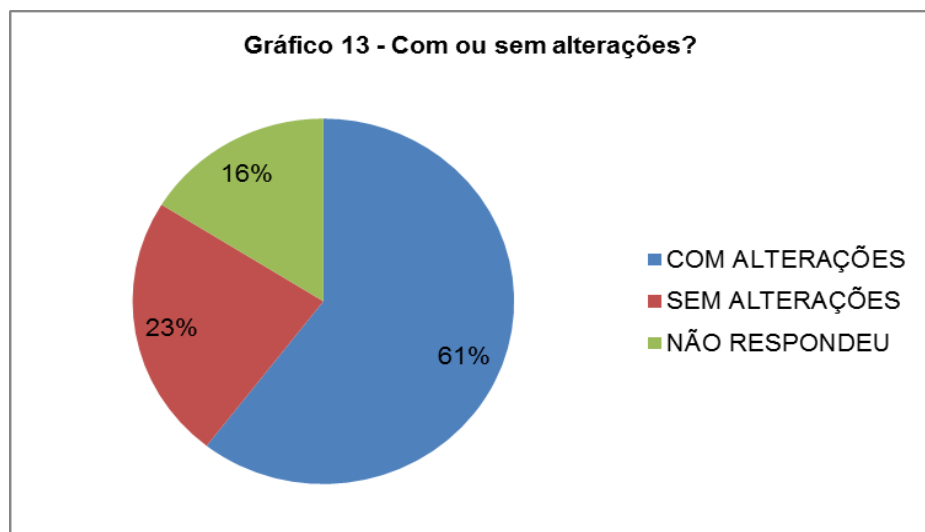
Fonte: O autor.

O Gráfico 12, referente a pergunta 6 do questionário, mostra quantos professores do total de pesquisados, incluindo aqui os que tomaram conhecimento da cartilha a partir desta pesquisa, gostariam de uma nova reedição da mesma. Os 12% dos professores que não reponderam a pergunta 6, fizeram observações para que o dinheiro gasto com a reedição da cartilha, fosse investido em passeios para as crianças, bem como, tiveram professores que não souberam opinar a respeito.



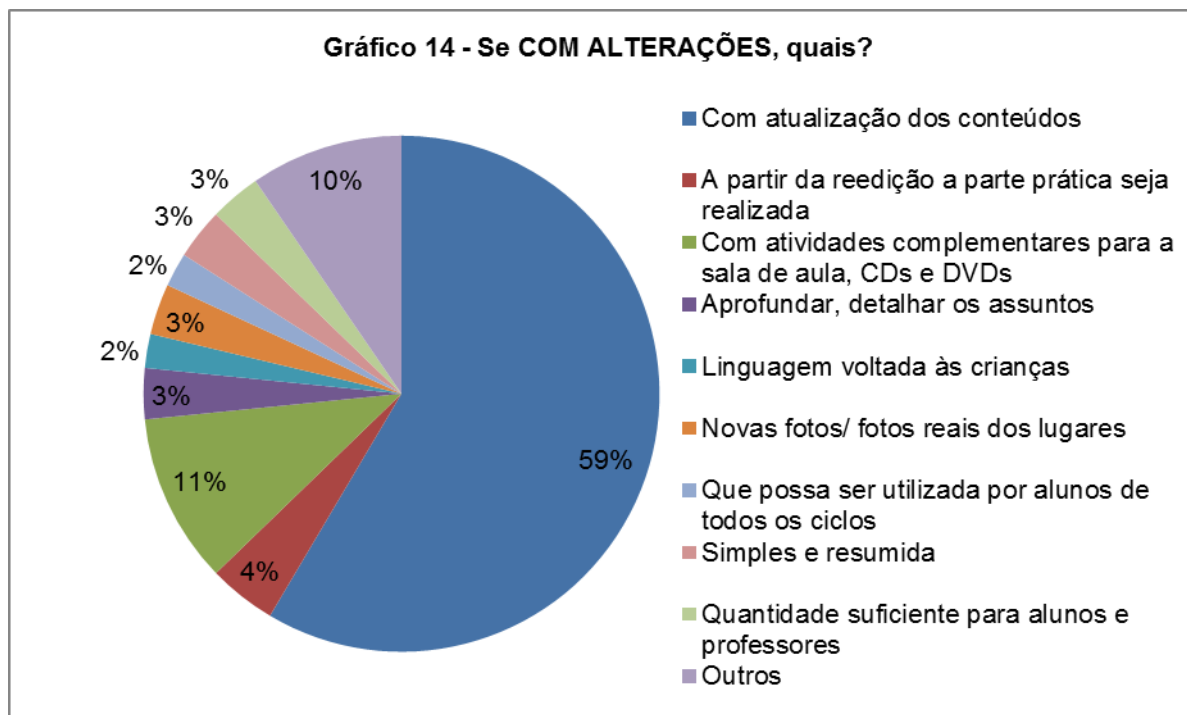
Fonte: O autor.

O Gráfico 13, referente a pergunta 7 do questionário, mostra quantos professores dos 80% que responderam sim para uma nova reedição da cartilha na pergunta 6, gostariam que ela fosse reeditada com ou sem alterações.



Fonte: O autor.

Dos 61% que responderam que gostariam da reedição da cartilha com alterações, o Gráfico 14, aponta quais seriam as principais alterações a serem feitas. A atualização de dados aparece com 59% das alterações a serem feitas, alguns professores inclusive sugeriram atualizações específicas, colocando o número da página com a informação que deve ser atualizada, como o número de habitantes da cidade (p. 29), a estação São Paulo – Rio Grande não é mais a sede da Biblioteca Pública Municipal (p. 35), a palavra “chimarrão” está escrita errada (p. 23), entre outras alterações específicas.



Fonte: O autor.

Fazendo uma ligação entre as respostas das perguntas e os números apresentados nos gráficos, pode-se observar que um material teórico que aborde o turismo dentro dos conteúdos curriculares programados, sejam por meio de cartilhas, livros ou outras fontes de consulta, por mais ilustrado e bem elaborado que elas sejam, sem que ocorra a parte prática, a aula-passeio em si, os conteúdos muitas vezes tornam-se vagos, pelo fato da criança não conseguir assimilar a teoria e prática.

Alguns dos professores que não receberam o treinamento para o uso da cartilha em sala alegam que a forma com que o curso foi aplicado foi injusta, pois, contemplava apenas um professor por escola, e este professor, por motivos

quaisquer, não repassou as informações do treinamento para os demais. O mesmo acontece no Projeto Estudo do Meio, onde apenas um professor por escola é beneficiado.

Outro fator que se mostrou importante durante a tabulação das pesquisas, foi o fato de que muitos professores que se encontram atualmente na rede municipal de ensino entraram por meio de concurso público há pouco tempo (2010). Grande parte desses professores fizeram observações ao responder as perguntas do questionário elogiando a cartilha e, mostrando-se favoráveis a reedição da mesma com treinamentos e capacitações contínuas com todos os professores da rede, inclusive os que não conheciam o material e tomaram conhecimento do mesmo a partir da pesquisa.

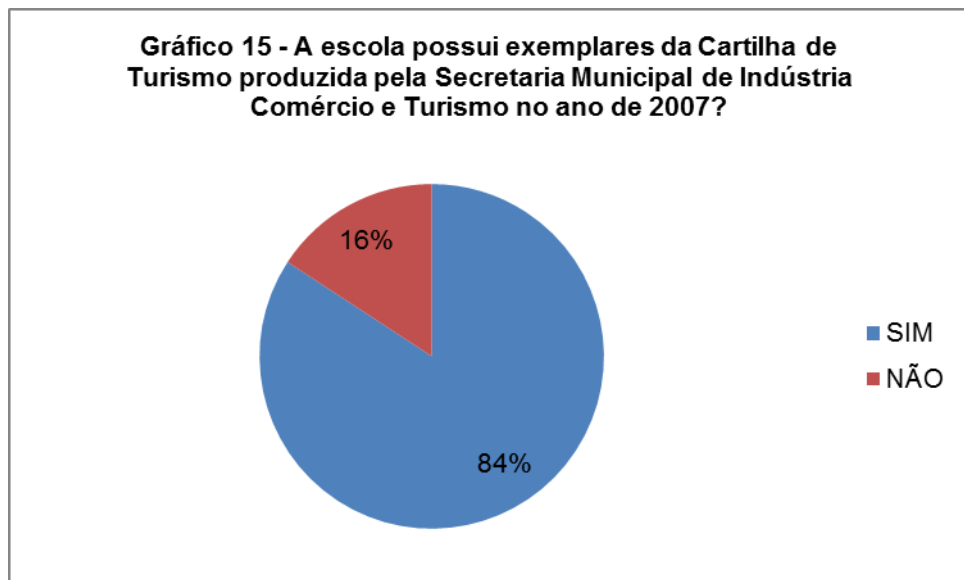
3.4 QUESTIONÁRIO QUALITATIVO – ESCOLAS

O questionário qualitativo foi desenvolvido com o objetivo de analisar as respostas dos responsáveis administrativos do gerenciamento das escolas, já que, são essas pessoas que representam cada escola frente à Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal.

O questionário quantitativo aplicado com as diretoras e/ou pedagogas era composto por cinco perguntas, as quais quatro possuíam questões objetivas e descritivas e somente uma apenas objetiva. O total de diretoras e/ou pedagogas pesquisadas foi 19, um por escola selecionada como mostrou a Tabela 17.

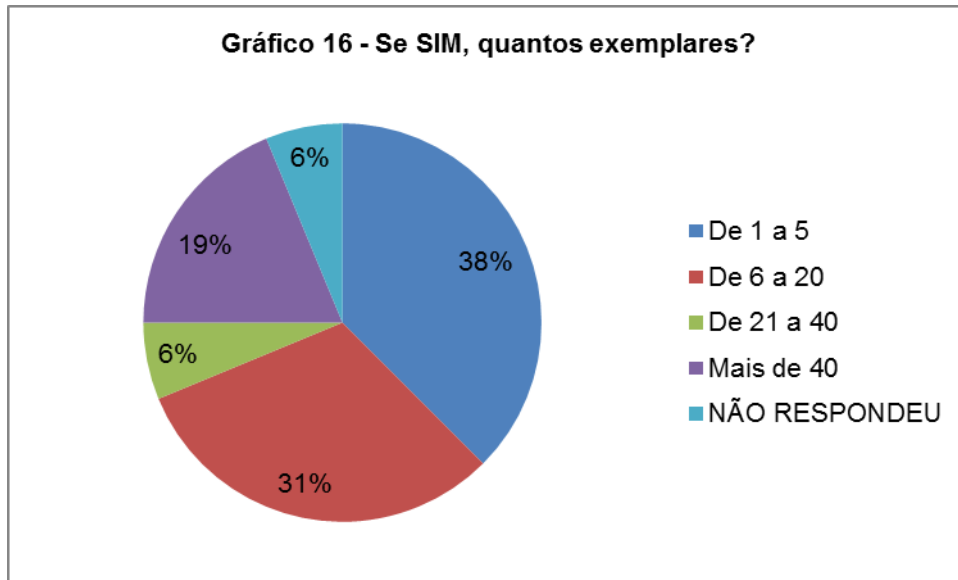
Baseado neste número e em conformidade com cada pergunta, os gráficos que mostram os resultados da pesquisa qualitativa serão apresentados no formato de porcentagem.

O Gráfico 15, referente a pergunta 1 do questionário qualitativo, apresenta quantas das 19 escolas possuem a cartilha.



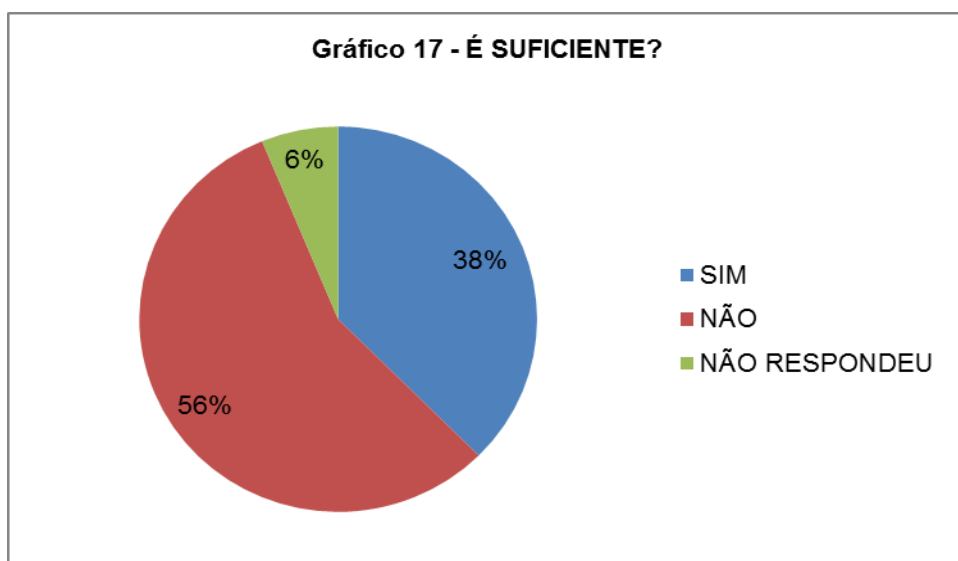
Fonte: O autor.

Dos 16% das escolas que reponderam que possuem a cartilha, o Gráfico 16 mostra em que quantidades a cartilha está presente nestas escolas. O maior número de cartilhas na faixa dos 19%, foi de 70 exemplares, encontrados na Escola Municipal Dércia do Carno Noviski, no Bairro Cará-Cará.



Fonte: O autor.

Em relação aos números apresentados de exemplares presentes nas escolas que responderam que possuem a cartilha, o Gráfico 17 analisa se este número é suficiente. Apesar do baixo número de exemplares, 38% das escolas que possuem a cartilha responderam que sim, o número é suficiente.

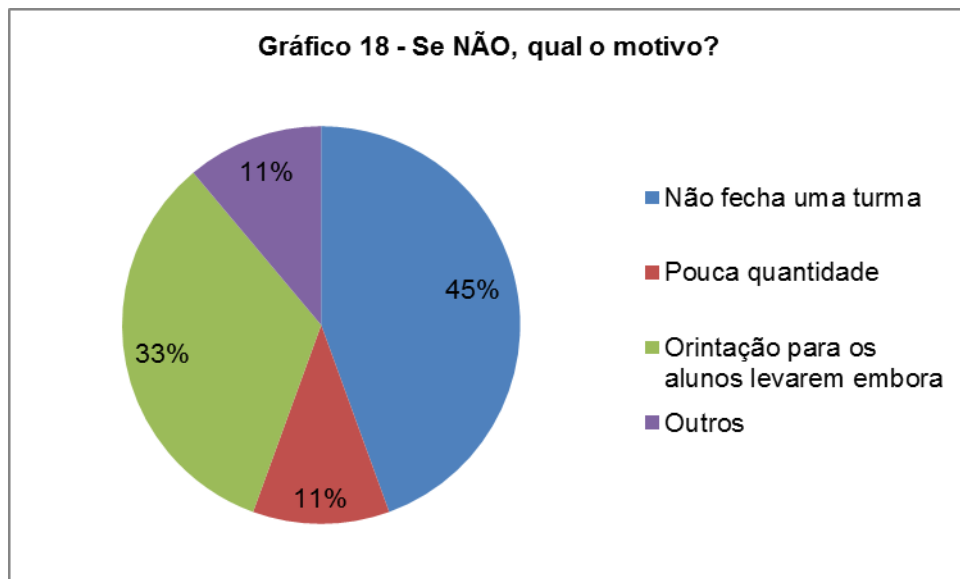


Fonte: O autor.

Dos 56% das escolas que responderam que o número de cartilhas é insuficiente, o Gráfico 18 apresenta os motivos desta resposta. O principal motivo com 45% é de que não fecha uma turma, seriam necessárias no mínimo 40 cartilhas para isso.

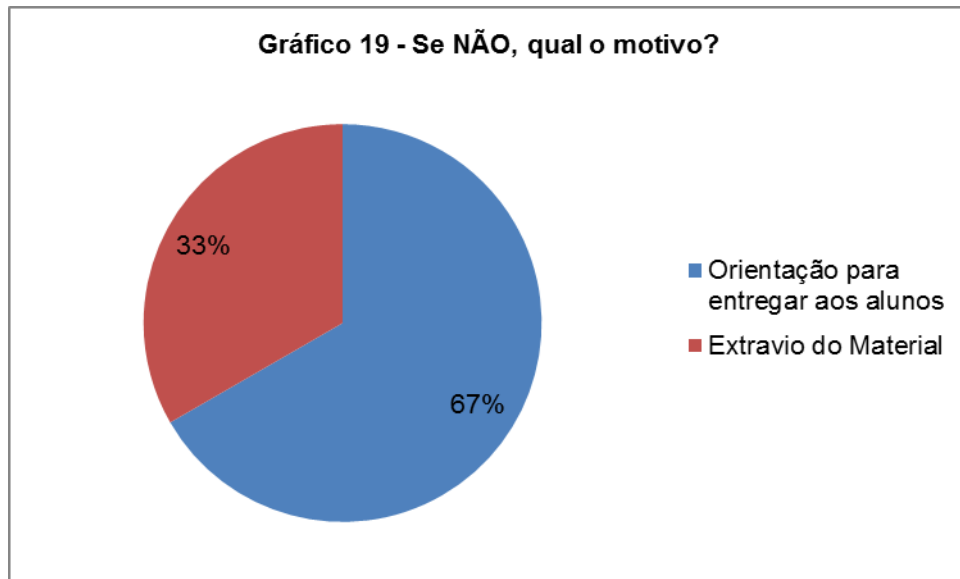
Como dito anteriormente na explicação da Cartilha de Turismo no Capítulo 2 deste trabalho, houve um problema de comunicação em relação a distribuições das cartilhas, como pode se observar nos 33% que responderam que o número de cartilhas é insuficiente, alegam que receberam informações de que o alunos ficariam com a cartilha, o que de fato era para acontecer, porém a escola também deveria ficar com exemplares suficientes para uso com as demais turmas dos anos posteriores a 2007¹⁶.

A mesma situação aparece nos motivos pelos quais a escola não possui exemplares da cartilha, apresentados no Gráfico 19, ainda referente a pergunta 1 do questionário qualitativo.



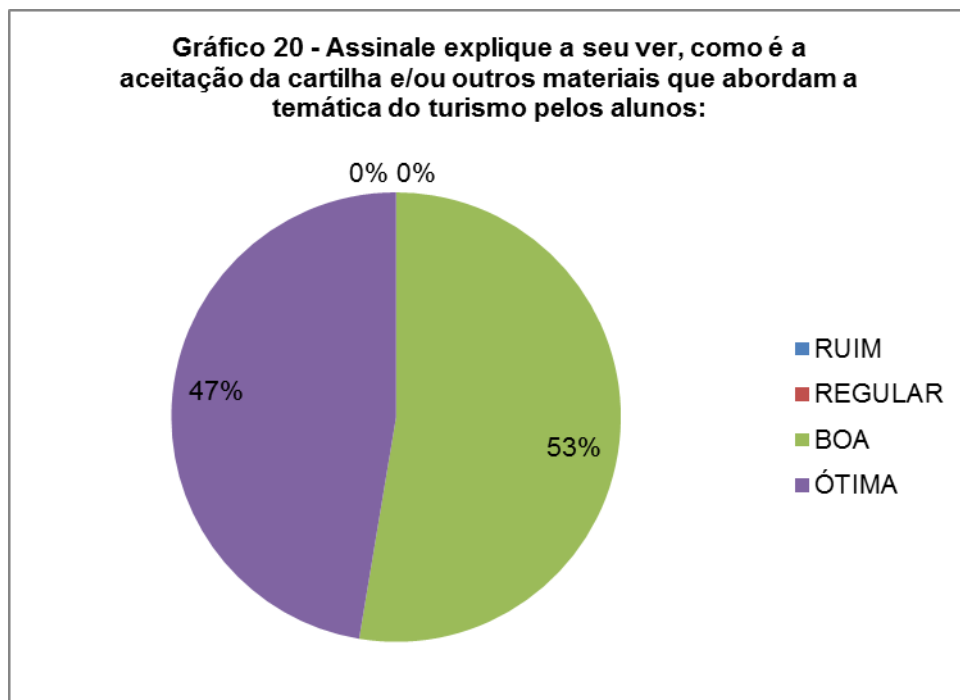
Fonte: O autor.

¹⁶ A discussão de qual parte está certa – Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo que produziu a cartilha ou a Secretaria Municipal de Educação que recebeu o material e as informações de uso e distribuição, não cabem ao contexto do presente trabalho. A abordagem deste falta de comunicação é um problema para outra pesquisa científica.



Fonte: O autor.

O Gráfico 20, referente à pergunta 2 do questionário qualitativo, mostra como as escolas avaliam a cartilha em uma classificação de ruim, regular, boa ou ótima. Pode-se observar que nenhuma escola respondeu que a cartilha está classificada em ruim ou regular, todas consideram a classificação da mesma a partir de boa.



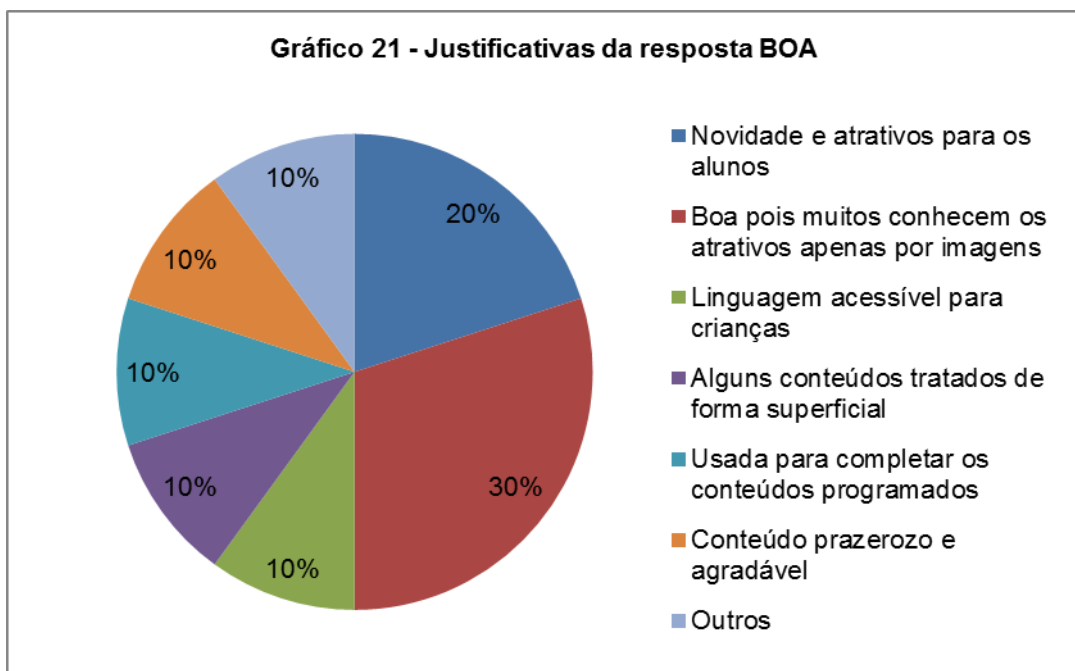
Fonte: O autor.

Das escolas que classificaram a cartilha como sendo boa, o Gráfico 21 apresenta as justificativas pela escolha desta classificação. Com 20%, a justificativa

de que o material é atrativo para as crianças, se dá porque o que é novo ou possui formas que chamem atenção dos alunos, despertam a curiosidade dos mesmos, como puderam afirmar os professores.

A principal justificativa com 30% das respostas, foi que muitos dos alunos da rede municipal conhecem os atrativos da cidade apenas por imagens e comentários de outras pessoas. Um dos fatores colocados por algumas escolas que elencaram a cartilha como boa são os socioeconômico.

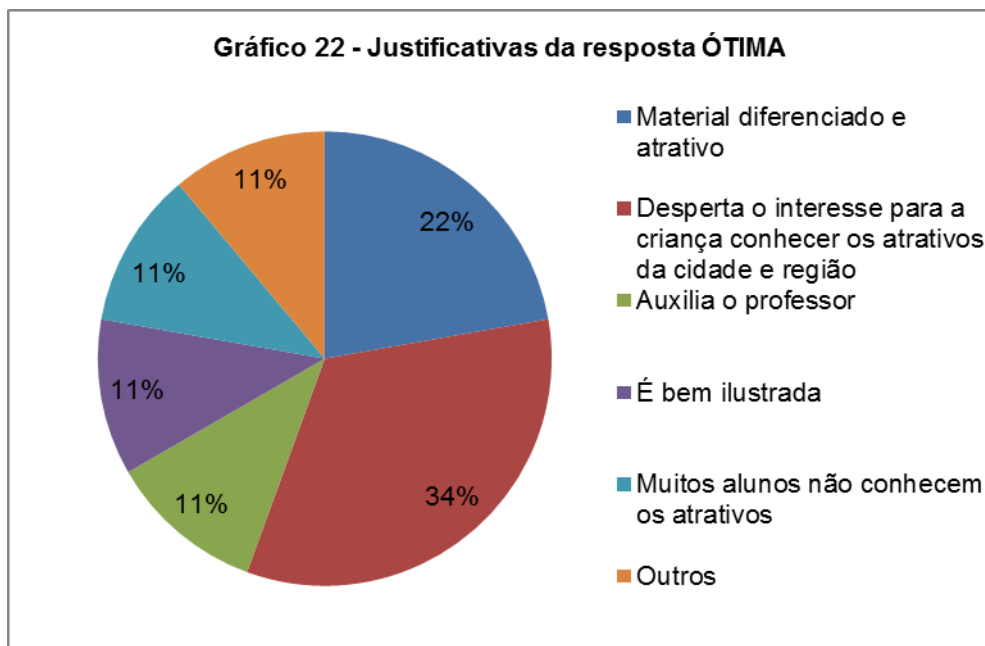
Os alunos de algumas escolas, infelizmente possuem carência na estrutura familiar, nas necessidades básicas de uma pessoa, como moradia, alimentação, vestuário, entre outros. Em observação feita por algumas escolas, a cartilha auxilia muito esses alunos, pois desperta o interesse para que eles conheçam os atrativos da cidade, principalmente aqueles onde não cobram taxa de entrada. As demais justificativas recebem todas uma porcentagem igual ou similar de respostas.



Fonte: O autor.

O Gráfico 22, apresenta as respostas das escolas que classificaram a cartilha como sendo ótima. Um dos resultados principais com 22% das respostas é semelhante ao do Gráfico 21, em relação ao material se diferenciado e atrativo.

A principal resposta aqui com 34%, é de que a cartilha auxilia o professor em sala, devido à carência na área de pesquisa científica de materiais, livros ou outras fontes de consulta¹⁷. As demais justificativas recebem todas uma porcentagem igual ou similar de respostas¹⁸.

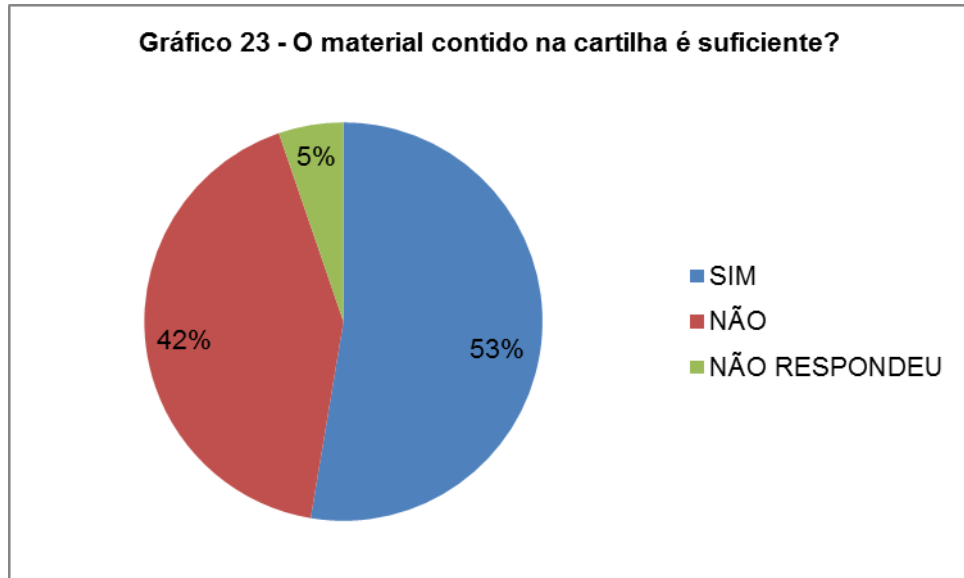


Fonte: O autor.

¹⁷ Com já visto, o turismo constitui-se como uma epistemologia e não ciência.

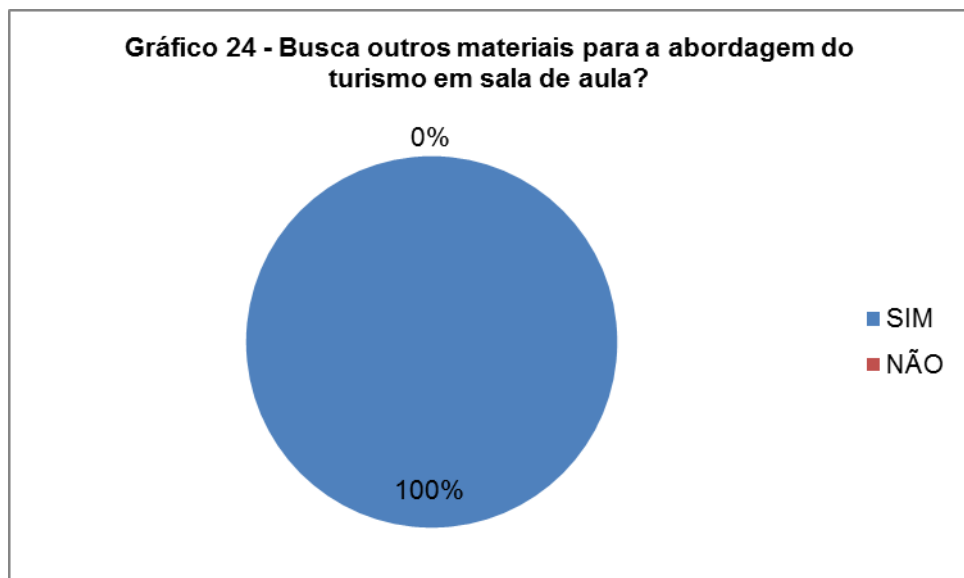
¹⁸ Nos gráficos 21 e 22, as respostas que apresentam o mesmo valor, são realmente iguais ou variam décimos umas das outras. O resultado igual se dá devido ao formato dos gráficos em porcentagem.

O Gráfico 23, referente a pergunta 3 do questionário qualitativo, mostra se os conteúdos contidos na cartilha são suficientes para o ensino-aprendizagem com os alunos.



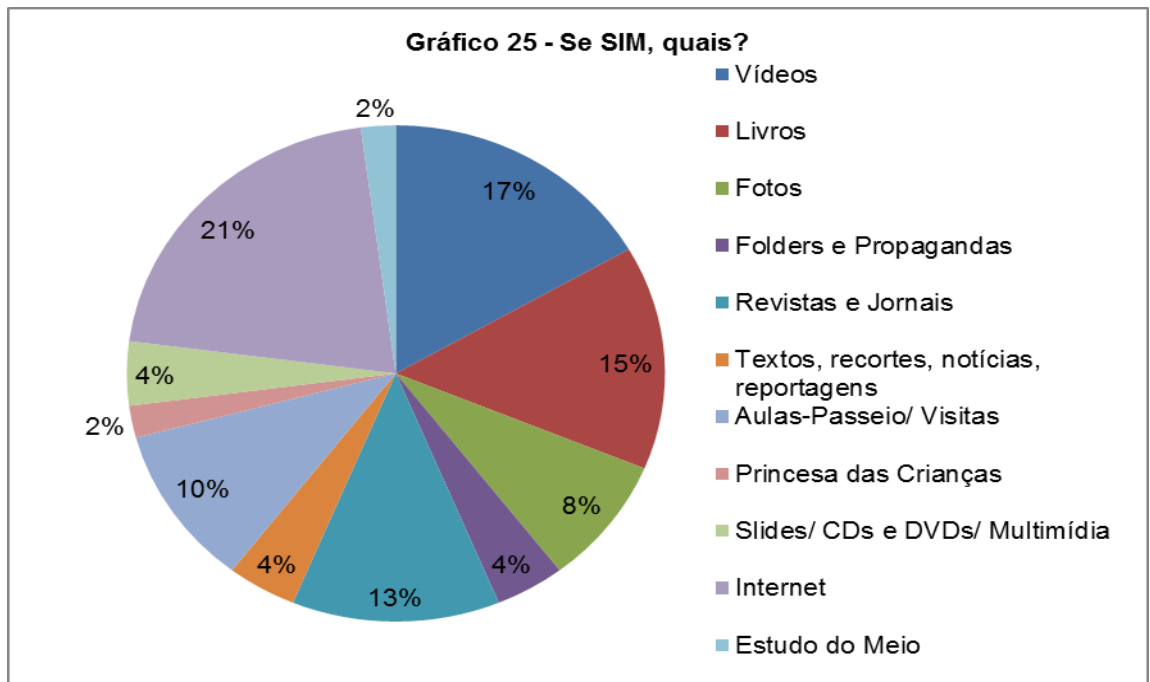
Fonte: O autor.

O Gráfico 24, referente a pergunta 4 do questionário qualitativo, apresenta uma unanimidade pela procura de outros materiais ou fontes que abordam o turismo.



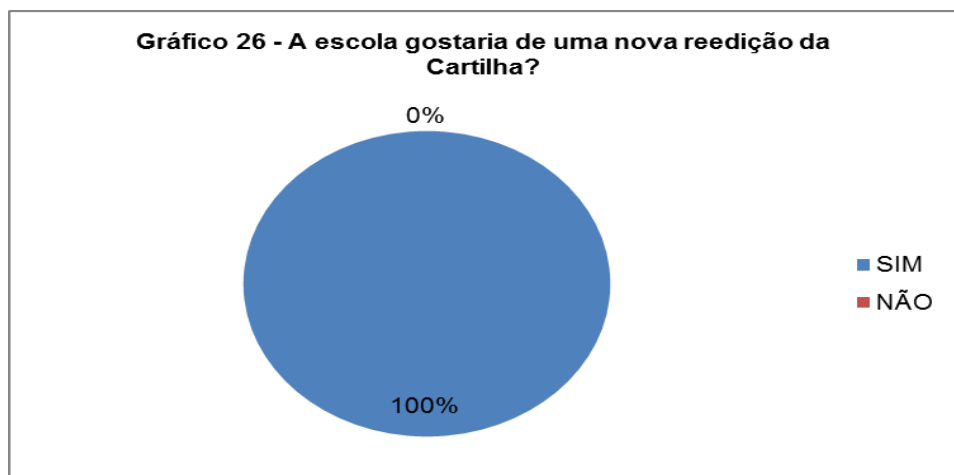
Fonte: O autor.

O Gráfico 25 apresenta os principais materiais e fontes de consulta que as escolas utilizam. Destacando os vídeos, livros e internet como principais meios. Observa-se com 13% a realização de aulas-passeio, que são executadas quando há recursos suficientes da prefeitura, ou quando a escola consegue se organizar de maneira individual fazendo com as visitas aconteçam de fato.



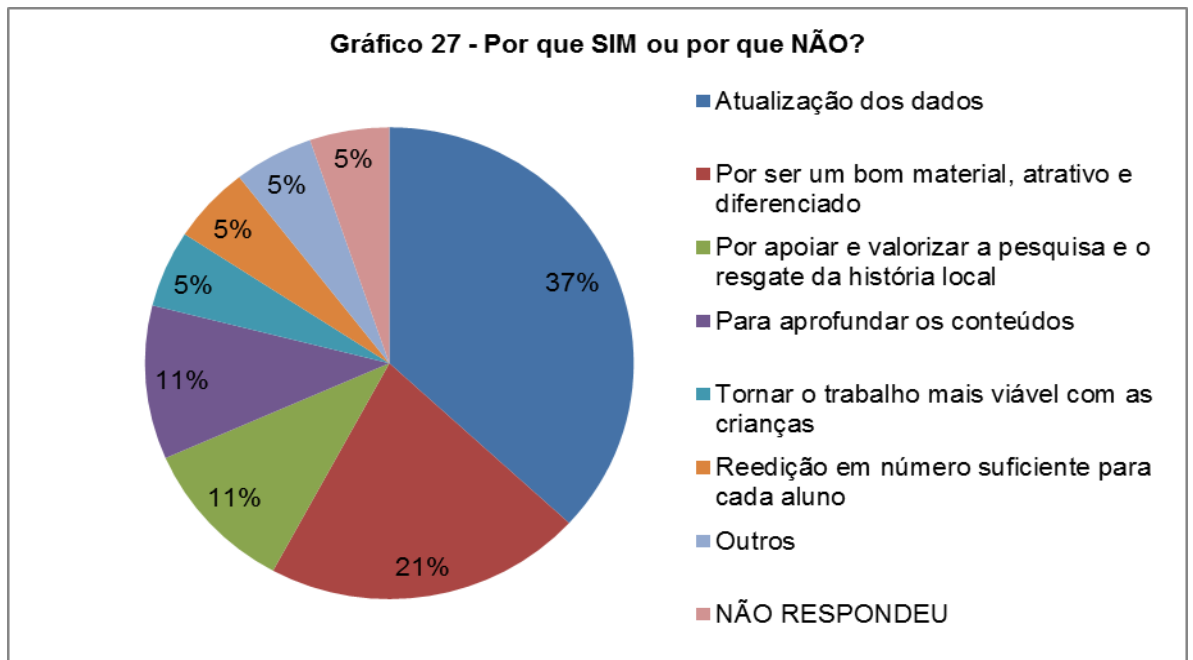
Fonte: O autor.

O Gráfico 26, referente à pergunta 5 do questionário qualitativo, também apresenta uma unanimidade em relação a pergunta se a escola gostaria de uma nova reedição da cartilha.



Fonte: O autor.

Em relação ao por que sim, ou por que não da reedição da cartilha, o Gráfico 27 mostra os motivos respondidos pelas escolas. Pode-se observar que em ambos os questionários o principal motivo é a atualização de dados. A classificação por ser uma bom material, diferenciado e atrativo aos olhos das crianças, aparece como segundo motivo principal com 21%.



Fonte: O autor.

Uma nova reedição da Cartilha de Turismo atualizada e com materiais complementares, seria o ideal para que o turismo local e regional fosse trabalho de forma mais proveitosa em sala de aula.

Para que esta nova reedição fosse lançada, seria necessário um novo planejamento do projeto inicial, analisando as possibilidades de se ter recursos e equipamentos suficientes para a parte teórica – a cartilha e principalmente para a parte prática, na realização das aulas-passeio.

Conforme os resultados obtidos e que puderam ser observados nos gráficos, caberia então, a Fundação Municipal de Turismo e a Secretaria Municipal de Educação, com as demais parcerias pertinentes, elaborar orçamentos junto a Lei de Diretrizes Orçamentárias do município, os quais devem conter todo o capital humano, financeiro e equipamentos necessários para a realização de um novo projeto, com materiais impressos, treinamentos e visitas aos atrativos da cidade, levando este orçamento para análise e possível aprovação do investimento pela Lei

Orçamentária Anual, que definirá em quais atividades e setores o dinheiro do orçamento municipal será investido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As frequentes mudanças sofridas pela sociedade fazem que certas tradições e culturas se percam no tempo. O turismo em seu âmbito educacional proporciona a revitalização desses costumes.

Uma educação a partir do turismo, considerando a sua influência vertical nos demais ensinamentos das então ciências dispostas no currículo do ensino fundamental de Ponta Grossa, ampliaria as didáticas do ensino-aprendizado, levando a educação para fora da escola, lugar onde realmente a educação deve acontecer.

A possibilidade de viver uma experiência por meio de aulas-passeio e visitas aos atrativos da cidade, não tornaria apenas a aula dinâmica, mas motivaria com que o turismo local ganhasse forças por meio da divulgação das próprias crianças ao contarem suas aventuras durante o passeio.

A cartilha como ferramenta impressa de ensino, bem como os treinamentos e demais materiais utilizados para a abordagem do tema, deve ser uma fonte de pesquisa constantemente renovada e difundida a todos. O conhecimento do lugar onde se vive deve ser entendido como algo fundamental na vida de um cidadão, pois o mesmo influencia e é influenciado pela história, cultura, saberes e fazeres do meio onde se encontra.

As crianças têm direito a uma educação de qualidade, com um ensino diferenciado, o qual busque técnicas de adaptar o currículo escolar ao seu contexto de vida, atendendo da capacidade de aprendizagem de cada um. A multidisciplinaridade do conhecimento turístico, integrando o turismo pedagógico as diretrizes curriculares da cidade, pode vir a fortalecer o que muitos autores denominam como a “cultura da escola”, onde, cada professor elabora o seu plano didático de ação, utilizando das atividades que mais julgar cabível ao momento de ensino que se encontra.

A busca por novas técnicas de ensino deve ser motivada no meio educacional, não basta o corpo docente de uma escola propor alterações nas diretrizes educacionais se não tiver o apoio dos representantes dos órgãos

competentes pela educação na cidade. A pesquisa proposta por este trabalho aponta que o investimento feito pela Prefeitura Municipal tanto em capital humano quanto financeiro, para a produção da Cartilha de Turismo e Curso de Capacitação, bem como outras atividades integrantes do Programa de Qualificação Profissional do Setor Turístico de Ponta Grossa - 2007 foi bem recebido por todos, contudo, não houve um monitoramento das atividades nas escolas após a distribuição das cartilhas e depois do término do curso de capacitação.

A falta de uma avaliação após a aplicação da cartilha fez com que o material ficasse esquecido, perdendo a sua função de ferramenta complementar no ensino-aprendizado das crianças. A cartilha foi considerada por muitos professores durante a pesquisa como um material de boa qualidade, com linguagem voltada ao nível intelectual da criança, também fora dito, sobre a necessidade de se produzir mais materiais didáticos como a cartilha para ser trabalhado em sala. Ponta Grossa é carente de materiais que retratem a história, cultura, curiosidades, aspectos naturais, econômicos, entre outros, voltado à linguagem infanto-juvenil, que façam com que a criança tenha conhecimento daquilo que é necessário para o seu aprendizado, contextualizando a situação aprendida com a situação vivenciada diariamente.

A valorização do turismo deve começar por seus moradores, não é possível consolidar um produto turístico local se nem mesmo as pessoas da cidade sabem de sua existência e significado. O turismo pedagógico é uma forma de aliar a teoria a prática, levando em consideração as técnicas de ensino já utilizadas na pedagogia, fazendo com que os docentes saibam ensinar os alunos de forma que os mesmos gostem de estudar e gostem do ambiente em que vivem, dando valor as tradições e culturas locais.

“Lancei a semente à terra. Ajudei-a a dar fruto para demonstrar que a necessidade de criação e de expressão é uma das idéias-força com base nas quais se pode fundamentar uma renovação pedagógica incomparável. O futuro iria dar-me razão” (FREINET, 1973, p.28). Seguindo o pensamento de Freinet, as oportunidades de mudança estão à disposição da educação e do turismo, o que falta são pessoas a serem sensibilizadas e mobilizadas pela conquista de uma educação e qualidade de vida melhor, que pode diminuir os problemas sociais, como a luta contra o analfabetismo, desemprego, pobreza e demais condições de vida que uma pessoa,

que não teve a oportunidade de estudar, seja por motivos quaisquer, venha a enfrentar na vida futura.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLO, A.; FAUSTINO, E. **Educação, turismo e cultura**. A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga. In: RODRIGUES, A.B. (Org). **Turismo: desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1999.

ANSARAH, M.G.R. **Turismo Segmentação de Mercado**. 3. ed. São Paulo: Futura, 1999.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. São Paulo: Senac, 2007.

BERTALANFFY, L. von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BITTENCOURT, C.M. F. **Ensino da história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOULLÓN, R.C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral da Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 1: Sensibilização / Ministério do Turismo. Secretária Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. – Brasília, 2007.**

_____. Ministério do Turismo. Coordenação Geral da Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 2: Mobilização / Ministério do Turismo. Secretária Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. – Brasília, 2007.**

CHURCHILL, G.A.; PETER, J.P. **Marketing: criando valor para os clientes**. São Paulo: Saraiva, 2000.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2006.

FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FROEBEL, F. **Education by development: the second part of the pedagogics of the kinderganten**. Ed. W.T. Harris. Trad. De Josephine Jarvis. New York: D. Appleton, 1899 (International Education Series, v. 44).

HOUSSAYE, J. et al. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Tradução Vanise Dresch. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IGNARRA, L.F. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LEI Nº 8541 DE 14 DE JUNHO DE 2006. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br>>. Acesso em 22 jul. 2013.

LEI Nº 9.475. DE 22 DE JULHO DE 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9475.htm>. Acesso em 22 jul. 2013.

LOHMANN, G; NETTO, A.P. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

LUCKESI, C. **Avaliação e aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MALLAGUZI, L. **História, e filosofia básica**. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MONTESSORI, M. **Ideas generales sobre mi método**. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 1957.

MOREIRA, J.C. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa: UPEG, 2011.

OLIVEIRA, A.P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, A.P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, J.F. et al. **Pedagogia (s) da infância**: dialogando com passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORGANIZAÇÃO DO ENSINO. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em 20 jul. 2013.

PERRENOUD, P. “**Construir competências é virar as costas aos saberes?**” In: Revista Pátio, Porto Alegre: Artmed, ano 03, nº 11, jan. 2000. (p. 15-19).

PIMENTA, C.; RICHERS, R. **Segmentação**: opção estratégica para o mercado brasileiro. São Paulo: Noebel, 1991.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

PONTA GROSSA. P.M. **Turismo**. Ponta Grossa-PR, 2007.

REJOWSKI, M.; COSTA, B.K. **Turismo contemporâneo**: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J.G.; GÓMEZ, A.I.P. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PONTA GROSSA. **Diretrizes curriculares**: ensino fundamental. 2001-2004.

SHON, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUZA, A.M.; CORRÊA, M.V.M. **Turismo – Conceitos, Definições e Siglas**. Manaus: Valer, 2008.

SPÍNOLA DA HORA, A.S. **Turismo pedagógico**: a conversão do olhar. Natal: UFRN, 2001. Trabalho de Conclusão de Curso.

TORO, J.B.; WERNECK, N.M. **Mobilização social**: a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TRIBE, J. **The indiscipline of tourism.** Annal of tourism research, v. 24, n. 4, p. 638-657, 1997.

_____. **Knowing about tourism.** In: PHILLIMORE, J & GOODSON, L. (Orgs). **Qualitative research in tourism: ontologies, epistemologies and methodologies.** Londres: Routledge, 2004.

TURISMO. Disponível em <<http://www2.unwto.org>>. Acesso em 03 jul. 2013.

VALOR A PREÇO. Disponível em: <<http://www.hsmmanagement.com.br>>. Acesso em 03 jul. 2013.

APÊNDICE 1 – Pesquisa Quantitativa aplicada com os professores (continua)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
 DEPARTAMENTO DE TURISMO

Pesquisa quantitativa para fins de análise de Trabalho de Conclusão de Curso

Acadêmico: Paulo Afonso Pinheiro

Tema do Trabalho: Turismo Pedagógico

1. Você utiliza a Cartilha de Turismo produzida pela Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo no ano de 2007 em sala de aula?

() SIM () NÃO

Se NÃO, Por que não utiliza?

2. Utiliza outro material didático para a abordagem do assunto em sala?

() SIM () NÃO

Se SIM, QUAIS materiais?

3. Recebeu o treinamento/ capacitação para a aplicação da cartilha?

() SIM () NÃO

Se SIM, o treinamento foi suficiente?

() SIM () NÃO

Se NÃO, o que faltou?

APÊNDICE 1 – Pesquisa Quantitativa aplicada com os professores (conclusão)



4. Participou de outros treinamentos ou capacitações que envolvessem a temática turismo e sua aplicabilidade em sala?

() SIM () NÃO

Se SIM, QUAIS?

5. Sente dificuldade em aplicar a cartilha e/ou assuntos verticais que envolvam o Turismo?

() SIM () NÃO

Se SIM, QUAIS?

6. Gostaria de uma nova reedição da Cartilha?

() SIM () NÃO

7. Com ou sem alterações?

() COM ALTERAÇÕES () SEM ALTERAÇÕES

Se com alterações quais?

NOME: _____

ESCOLA: _____

E-MAIL: _____

FORMULÁRIO Nº: _____

DATA: ___/___/___

APÊNDICE 2 – Pesquisa Qualitativa aplicada com as diretoras e/ou pedagogas das escolas (continua)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
 DEPARTAMENTO DE TURISMO

Pesquisa qualitativa para fins de análise de Trabalho de Conclusão de Curso

Acadêmico: Paulo Afonso Pinheiro

Tema do Trabalho: Turismo Pedagógico

ESCOLA MUNICIPAL (NOME DA ESCOLA)

1. A escola possui exemplares da Cartilha de Turismo produzida pela Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo no ano de 2007?

() SIM () NÃO

Se SIM, quantos exemplares? _____

Se NÃO, qual o motivo?

A quantidade é suficiente para o aproveitamento da escola? () SIM () NÃO

Se não, qual o motivo?

2. Assinale e explique a seu ver, como é a aceitação da cartilha e/ou outros materiais que abordam a temática do turismo pelos alunos:

() Ruim () Regular () Boa () Ótima

Justifique-se:

APÊNDICE 2 – Pesquisa Qualitativa aplicada com as diretoras e/ou pedagogas das escolas (conclusão)



3. O material contido na cartilha é suficiente?

SIM NÃO

4. Busca outros materiais para a abordagem do turismo em sala de aula?

SIM NÃO

Se sim, QUAIS?

5. A escola gostaria de uma nova reedição da Cartilha?

SIM NÃO

Por que SIM ou Por que NÃO?

NOME: _____

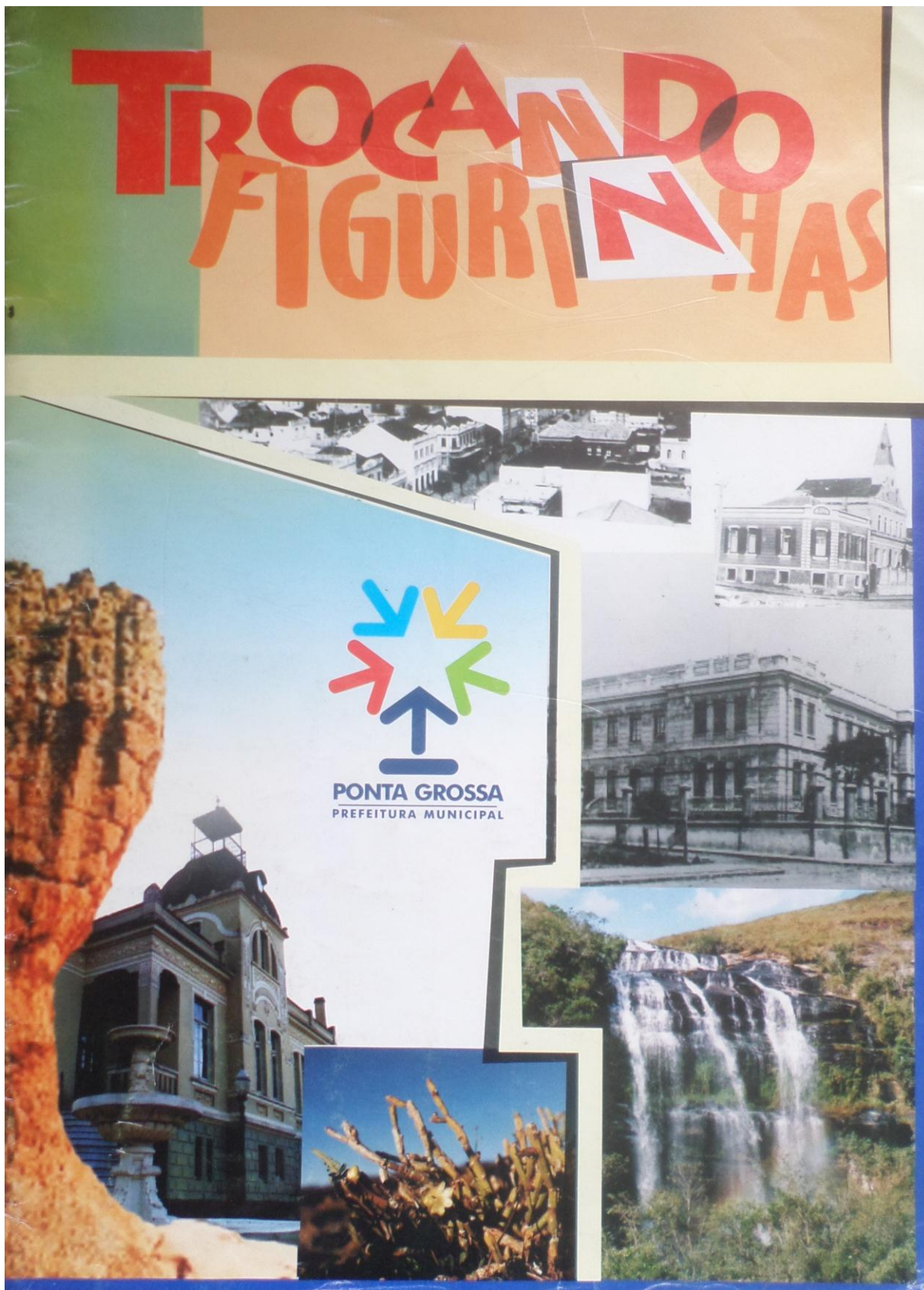
E-MAIL: _____

FORMULÁRIO Nº: _____

DATA: ____/____/____

ANEXO 1 – Capa da Cartilha de Turismo de Ponta Grossa



ANEXO 2 – Álbum de Figurinhas “Trocando Figurinhas”

Fonte: O autor.

ANEXO 3 – Autorização



PEFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA Secretaria Municipal de Educação

Avenida Visconde de Taunay, 950 – Ronda – Ponta Grossa – Paraná – CEP: 84.051-900 – Telefone: (042) 39017076

Ponta Grossa, 04 de julho de 2013.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o acadêmico **Paulo Afonso Pinheiro** do curso de Bacharelado em turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual está desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso com o tema: Turismo Pedagógico, a realizar sua pesquisa nas seguintes escolas:

ADELAIDE THOMÉ CHAMMA, ALDA SANTOS REBONATO, AMADEU PUPPI, ANA DE BARROS, ARISTEU COSTA PINTO, ARMIDA FRARE GRÁCIA, BRAULINA CARNEIRO QUADROS, CIRYLLO D. RICCI, DÉRCIA DO CARMO NOVISKI, FARIS A. MICHAELI, LOISE FOLTRAN, MAJOR M. VICENTE BITENCURT, MINERVINA FRANÇA, NELSON PEREIRA JORGE, SÃO JORGE, ZANONI ROGOSKI.

Izolde Hilgemberg de Iliveira

Coordenadora do Ensino Fundamental

Patrícia Lúcia Vosgrau de Freltas
Supervisora de
Gestão Pedagógica e de Ensino
Secretaria Municipal de Educação

¹⁹ As demais escolas não mencionadas na autorização, o acesso foi concedido via telefone ou e-mail.